Manchete

Cr$ 30,00 ● N.º 1.376 ● RIO DE JANEIRO, 2 DE SETEMBRO DE 1978

sensacional
a travessia do Atlântico num BALÃO

EULER exclusivo
"ENTRO NA LUTA PARA VENCER"

ELVIS

O MITO ESTÁ VIVO
A peregrinação ao túmulo do ídolo em Memphis

E MAIS
- ☐ Agildo Ribeiro
- ☐ A eleição do Papa
- ☐ Miss Universo 78
- ☐ O milagre da imagem de Aparecida
- ☐ Praga, dez anos depois

uma publicação bloch

STOCK
ROSÉ
DESDE 1884
VERMOUTH

Whisky, vodka, coquetéis. Ou vodka, coquetéis, whisky.
Chegou o momento de pedir um novo tipo de bebida.

Stock Rosé

Vermouth Rosé só existe um.

Esta bebida tem um raríssimo privilégio: é única. Stock Rosé. E os prazeres que oferece são exclusivos. Agrada a homens e mulheres. O sabor de Stock Rosé é diferente, suave. Um sabor que você procurou em tantas outras bebidas. Stock Rosé transmite aquela vontade de repetir. De viver novamente o sabor que você esperava. Stock Rosé. Muito mais que um Vermouth. O tipo de bebida que faltava.

STOCK

Manchete

RIO DE JANEIRO | 2 DE SETEMBRO DE 1978 | N.º 1.376 ANO 27

SUMÁRIO

"Energia em quantidade ilimitada, suprida por matéria-prima universalmente disponível, através de um processo inofensivo ao meio ambiente." Assim começava a reportagem *A Grande Corrida Para a Fusão Nuclear*, publicada há um ano em MANCHETE. Na semana passada, outro progresso foi alcançado, na Universidade de Princeton. João Luiz de Albuquerque conversou com os técnicos, visitou os reatores e conta o que viu deste mundo novo que se anuncia. Na França, Hélio Carneiro entrevistou os aeronautas que atravessaram o Atlântico em balão, um feito que, embora lembre as aventuras de Júlio Verne, ainda não havia sido realizado pelo homem. Eugênia Fernandes e Luiz Alberto foram a Memphis, Tennessee, documentar a peregrinação à Meca do *rock*: o túmulo de Elvis. E, no Rio, a redação de MANCHETE manteve um diálogo de duas horas com o General Euler Bentes, que afirmou: "Entro na luta para vencer."

Roberto Muggiati

BLOCH EDITORES S.A.

Diretoria
ADOLPHO BLOCH
OSCAR BLOCH SIGELMANN
PEDRO JACK KAPELLER
Diretores
DIRCEU TORRES NASCIMENTO
ISAAC EDUARDO HAZAN
MURILO MELO FILHO
PAULO PELLICANO
Departamento de Jornalismo
Diretor
ARNALDO NISKIER
Diretor Responsável
MURILO MELO FILHO

Manchete É ASSOCIADA DO IVC

IMPRESSA COM TINTAS BLOCH

MANCHETE
DPF/DCDP-244.P.209/73

DIRETOR-EDITOR
Justino Martins
DIRETORES-EXECUTIVOS
Zevi Ghivelder
Roberto Muggiati
REDATORES
R. Magalhães Júnior
Carlos Heitor Cony
Heloneida Studart
Flávio de Aquino
Ivan Alves e
Argemiro Ferreira
REPÓRTERES
Wilson Cunha (chefe)
Ney Bianchi
Joel Silveira
José Rodolpho Câmara
Atenéia Feijó
Irineu Guimarães
Ib Teixeira, Suzana Tebet
Cesarion Praxedes
João Resende, Tarlis Batista
e G. Pedrosa Filho
PESQUISA
Paulo Roberto Vieira
COLABORADORES
Paulo Mendes Campos
Pedro Bloch e Josué Montello

ARTE
Wilson Passos
Nelson Gonçalves
Pedro A. Guimarães
FOTOGRAFIA
Nicolau Drei
Gervásio Batista
Juvenil de Souza
Antônio Rudge, Nilton Ricardo
Frederico Mendes
Paulo Scheuenstuhl
e Gil Pinheiro
PRODUÇÃO
Nélson Sampaio
Lourival Bernardo
SERVIÇOS EDITORIAIS
Célio Lyra
DEPARTAMENTO COMERCIAL
Paulo Poucinha
Expedito Grossi
PUBLICIDADE
Roberto Antunes
Francisco Lins
Rio de Janeiro — David Klajmic
MARKETING
Marlene Bregman
ADMINISTRAÇÃO E REDAÇÃO
Rua do Russell, 804
Tel.: 265-2012
Telex: (021) 21525. Rio de Janeiro

CIRCULAÇÃO
Francisco Távora Heitmann
PARQUE INDUSTRIAL
Rua Cordovil, 520. Lucas
Tel.: 391-6000. Rio de Janeiro
DISTRIBUIÇÃO
Distribuidora Imprensa Ltda.
Rua do Resende, 100
Tel.: 244-3177. Rio de Janeiro
BRASÍLIA
Sérgio Ross
Setor de Indústrias Gráficas lote 939
Tels.: 225-7998 e 223-5410
Telex: (061) 1058
SÃO PAULO
Diretor: Pedro Jack Kapeller
Salomão Schvartzman
Arnaldo Vitulli
Publicidade
Nelson Barbosa Jr.
CASA DA MANCHETE
Av. Europa n.º 21 — Tel.: 282-3122
ESCRITÓRIOS ADMINISTRATIVOS
Av. Nove de Julho, 5.435
Administração e Redação — 5.º andar
Tels.: 282-3150 — 282-3239 e 282-3430
Dep. Comercial, Tráfego, Gráficos e Marketing — 6.º andar —
Tels.: 282-3464 — 282-3227 e 282-3522
Telex: (011) 21161

MINAS
Lúcio Portella
Av. Afonso Pena, 1.500, 16.º andar
Tels.: 226-6677 e 226-6554
Belo Horizonte
Telex: (031) 1058
RIO GRANDE DO SUL
Edgard Wallau Júnior
Rua Otávio Rocha, 115, 18.º andar
Tel.: 24-4744. Porto Alegre
Telex: (051) 1042
NORTE/NORDESTE
Fernando Câmara Cascudo
Maria Daisy Cavalcanti
Av. Dantas Barreto, 498 — 2.º e 3.º andares
Tels.: 224-0454 e 224-0585. Recife
Telex: (081) 1084
BAHIA
Flavio Cavalcanti Jr.
Rua Chile, 22 - 11.º andar
Tels.: 243-3329 - 243-2795
Salvador
Telex: (071) 1214
PARÁ
Isaac Soares
Rua Campos Sales, 268, conj. 901
Tel.: 22-6845
PARANÁ
Bayard Osna
Rua Marechal Deodoro, 211
conjunto 805
Tel.: 24-8263. Curitiba
Telex: (041) 5202
NOVA IORQUE
Sérgio Alberto Cunha
680 Fifth Avenue, room 1.302
New York — NY 10.019
Tels.: 246-8870 e 246-8871, Telex: RCA-224440
W.U.I.: 62464
PARIS
Sylvio Amaro da Silveira
4, Place de la Concorde
Paris 8ème, França
Tels: 073-3191 — 073-3192
Telex: 280240
LISBOA
Maria do Amparo
Rua Marques de Soveral, 2-A
Tel.: 89-7335. Telex: 12213
MILÃO
Daisy Benvenutti
Via del Bollo, 3
Milano 20121 — Itália
Tel.: 87-4007
TÓQUIO
Angel Esteves Dominguez
1-10-11, Higashigotanda
Shinagawa-Ku — Tóquio
Tels.: 445-4375 e 445-4383
Telex: 28736

Eugênia Fernandes e Luiz Alberto, de MANCHETE, documentam em

ELVIS PRESLEY o mito está vivo

Memphis a romaria que marcou o aniversário da morte do Rei do Rock

Gene Spatz/Sigma

Eram cerca de 100 mil pessoas, das mais variadas origens, reunidas para a celebração do primeiro aniversário da morte do ídolo do *rock*. Os hotéis da cidade — nove mil camas disponíveis — estavam praticamente lotados e todas as atividades comerciais e artísticas de Memphis de alguma forma se relacionavam com a memória do cantor. Ainda como em seu tempo de vida, o centro de todas as atenções era a mansão de Graceland que, durante 20 anos, foi a residência permanente de Elvis Presley e, há alguns meses, passou a ser o último jazigo de seu corpo. Diante dele, desfilaram os romeiros, inegavelmente emocionados. Eles conhecem sua Meca de olhos fechados e não têm qualquer dúvida. Em Memphis, no Estado do Tennessee, Elvis Presley será sempre o rei.

SEGUE

ANTES DA MORTE DE ELVIS, OS GUARDA-COSTAS IMPEDIAM A ENTRADA DO PÚBLICO MESMO NOS JARDINS

O túmulo de Elvis, como o de sua mãe, está agora em Graceland (ao lado), onde as filas se estenderam pelos jardins no primeiro ano de sua morte (foto do meio). À esquerda, o portão de grade com notas musicais, na entrada principal.

Na imponente mansão onde Elvis Presley morou durante duas décadas continuam vivendo sua avó, dona Minnie e a tia Lorraine, motivo pelo qual os seis mil visitantes diários não têm permissão para conhecer o interior da residência.

O Estado do Tennessee, EUA, sempre foi considerado a capital da música folclórica americana. Uma música pouco conhecida fora da fronteira do país, mas, se comparada com o que temos no Brasil, estaria perto do nosso folclore caipira, com improvisos e baile de quadrilha. Esse gosto musical tem suas raízes na própria economia da região, onde a cultura do algodão manteve as famílias presas ao espírito do trabalho no campo, mesmo quando as gerações mais jovens tomaram o rumo das grandes cidades. Hoje, o Tennessee é predominantemente industrial, sua economia depende em grande parte de produtos químicos e metalúrgicos. Há chaminés e áreas verdes, lado a lado, os limites entre a cidade e o campo ainda não estão nitidamente demarcados — na paisagem ou nas pessoas. Nesse ambiente surgiu o fenômeno musical Elvis Presley, garoto crescido e educado em Memphis, a maior cidade do estado, hoje de fama internacional.

Tudo já foi descrito, esmiuçado, pela farta literatura publicada sobre a vida do artista. E aos turistas que chegam a Memphis, o circuito fechado dos fã-clubes se encarrega de dar todo o serviço. A ordem para eles, ao desembarcar em Memphis, é instalar-se em algum motel do Elvis Presley Boulevard e assinar presença nos portões de ferro que dão entrada à legendária Graceland, na mesma rua. Há um ano, quando Elvis e sua *máfia* de guarda-costas ainda ocupavam a mansão de quatorze cômodos, o público nunca era admitido além das grades que contornavam os extensos gramados. Naquela época, só se podia ver as árvores e as alamedas que completam a imponente fachada de colunas e pedras. Era preciso, então, evitar que os curiosos perturbassem o repouso do cantor — que tinha por hábito só dormir de dia — e garantir a sua segurança física. As manifestações mais calorosas não passavam da calçada, onde um pequeno grupo de fãs fazia plantão para surpreender o ídolo numa das suas entradas ou saídas, dentro de um de seus luxuosos automóveis. Com a súbita morte de Elvis, em 16 de agosto de 1977, a casa sofreu um breve recesso. Segundo consta, nada no interior do palacete foi modificado. Nos cinco armários embutidos de seu quarto continua a coleção de 20 trajes usados em *shows*, suas 200 calças e seus 40 roupões. Na garagem estão estacionados os oito carros de passeio, um *jeep* e sete motocicletas — artigos que renderiam milhões de dólares se colocados num leilão.

SEGUE

Melvin Presley (esquerda), primo distante, escreveu um livro sobre Elvis. Vester Presley, tio do cantor, foi sempre o chefe da segurança da mansão de Graceland e também acaba de publicar um livro. Ele é irmão de Vernon Presley, o pai e administrador do espólio.

Os numerosos vendedores de *souvenirs* e os próprios visitantes, vindos de todas as partes do território americano, contribuíam para um clima de festa nos jardin

A MAIORIA DOS PEREGRINOS ACOMPANHOU A FAMA DE ELVIS

DURANTE o recesso, os fãs de Elvis transferiram suas peregrinações para o cemitério de Forest Hill, no centro residencial de Memphis, em cujo mausoléu o cantor deveria ter ficado para sempre, caso as famílias dos outros sepultados não começassem a reclamar contra os atos de vandalismo. Para evitar problemas com a cidade e, ao mesmo tempo, continuar alimentando o saudosismo dos fãs, Vernon Presley, pai de Elvis e administrador do espólio, transferiu os corpos de seu filho e de sua mulher para os terrenos de Graceland. Num recanto ensolarado, ao lado da piscina, duas lápides de bronze, simples, marcam o local onde Elvis e sua mãe podem ser agora reverenciados.

No portão de Graceland, John Howard, um dos guardas de segurança e um dos responsáveis pelo andamento da visitação, previne: "Temos ordens do Sr. Presley (Vernon) para que os jornalistas não entrevistem pessoas na fila, dentro dos jardins. Todas as entrevistas devem ser feitas no lado de fora dos portões. Também não é possível visitar a casa por dentro, porque dona Minnie, avó de Elvis, e a tia Lorraine estão morando nela. São seis mil pessoas entrando aqui diariamente, por isso precisamos manter a multidão sob controle."

Ao longo da fila que sobe a alameda de Graceland até os túmulos, não parece haver um clima de distúrbio iminente.

Nas imediações da cidade onde Elvis gostava de viver, desprezando os encantos de Hollywood ou a sofisticação de Nova Iorque, até a sinalização reflete o culto sistemático ao seu mito. As indicações são tão minuciosas que é praticamente impossível errar o caminho de Graceland. Onde seus carros continuam guardados.

de Graceland, com suas roupas freqüentemente coloridas, no estilo do cantor. Também havia visitantes com tatuagens que reproduzem o retrato de Elvis.

PRESLEY. MAS MUITOS NASCERAM QUANDO ELE JÁ ERA O REI DO ROCK

A maioria dos visitantes está na faixa dos 30 aos 50 anos — acompanhada de filhos pequenos e grandes. Em contraste com a corte de fãs de outros ídolos mais recentes, os admiradores de Elvis são homens e mulheres maduros que viveram com ele a explosão do *rock'n'roll*, nos anos 50, e ainda tentam viver um sonho que o próprio cantor não teve condições de prolongar. As demonstrações de amor a Elvis morto não chegam ao histerismo que caberia a esses momentos. São, às vezes, dramáticas mas, na maioria dos casos, tranqüilas e nostálgicas.

ROSELLA Smaida, de 33 anos, com uma tatuagem do rei no braço esquerdo e olhos lacrimejantes, confessa:

"Sou fã do Elvis desde os nove anos de idade. Ele é tudo na minha vida, não só pela sua música mas pelo tipo de pessoa que era. Um mês depois de sua morte, pedi a um amigo que fizesse esta tatuagem no meu braço, para Elvis estar sempre comigo. A personalidade de Elvis não pode ser destruída por gente como o jornalista Al Green, do jornal *Chicago Sun*, que o acusa de responsável pela juventude transviada. Estou aqui para mostrar que a minha juventude reconhece o seu verdadeiro valor."

SEGUE

Placas enfeitadas de carros de estados americanos e até do Canadá também refletem o culto ao mito do Rei do *Rock'n'Roll*.

A máquina de fazer milhões continua a faturar um ano após a morte

RITA Westrick, de 29 anos, membro de seis diferentes fãs-clubes, com o carro abarrotado de *souvenirs* comprados nas vizinhanças de Graceland, explica:

"Vim ver se ainda falta alguma coisa na minha coleção de lembranças de Elvis. Encontrei uns *posters* novos e alguns livros, mas a minha peça de maior valor é esta placa do carro — "Elvis 1" — que comprei no Estado do Kentucky, por 25 dólares. Tenho tanto medo de que ela seja roubada aqui em Memphis que toda noite a retiro e levo para o meu quarto no hotel."

Gregory Jones, de 35 anos, com o topete e as costeletas de Elvis, não precisa explicar muito:

"Desde garoto eu fazia imitações do Elvis e acabei ficando conhecido. Sou parecido, não sou? Fiquei tão acostumado que já nem tenho mais idéia de como seria o Gregory."

Tommy Moore, de 19 anos, também participou das homenagens de Graceland, mas com motivações diferentes:

"A música do Elvis? Não é má, mas eu e alguns colegas estamos aqui para ver se vendemos esses medalhões com a fotografia do Elvis e fazemos algum dinheiro. Somos todos estudantes de Direito e o comércio anda bom para qualquer um. Nossa intenção era passar o dia inteiro em Graceland, mas em menos de uma hora já recuperamos todo o dinheiro empatado. O resto vai ser lucro."

A poucos passos de Tommy, o próprio tio de Elvis Presley, Vester. Durante vinte anos, ele foi guardião da entrada de Graceland; agora, usa a guarita do portão para vender e autografar o seu livro sobre as glórias e tragédias do sobrinho. Melhor do que ninguém, Vester segue o lema do fã-clube de Elvis — o famoso "TCB" (Taking Care of Business) — inspirando um zelo extremado pelos negócios.

"Estamos fazendo tudo para que Elvis seja relembrado, diz ele, mas a greve dos policiais de Memphis talvez venha a prejudicar o movimento."

Com menos publicidade e certamente sem qualquer apoio da família, Melvin Presley, um primo afastado de Elvis, também tenta faturar o seu quinhão, vendendo, na calçada em frente, a sua história da salvação de Elvis na eternidade:

"Eu acredito — diz Melvin — que se houvesse menos ansiedade em sua vida, Elvis ainda estaria conosco. Ele era, sem dúvida, uma pessoa religiosa, mas de que adiantava ser batizado e cantar hinos, se ele se sentia perdido? Ninguém poderá dizer ao certo se Deus estava com ele em suas últimas horas, mas é mais confortável pensar que sim."

Como há um ano, a máquina de fazer milhões continua a funcionar em nome de Elvis; seus discos, até agora, não sofreram queda de vendagem. Seus filmes continuam com boas bilheterias e, esta semana, serão reprisados em todas as telas de televisão dos EUA, com possibilidade de estourar as marcas do IBOPE nacional. Até mesmo seus imitadores mais famosos — também chamados de *clonagens* — estão enriquecendo em tempo recorde. Não é visitando Memphis que se tem a impressão de Elvis Presley já pertencer ao passado. Seu mundo continua ali, na cidade que não trocou nem mesmo por Hollywood, quando todos os caminhos da fortuna o levavam para lá. No segundo aniversário de sua morte, talvez o museu em forma de violão já esteja sendo construído na cidade e o dia de seu nascimento transformado em feriado municipal. Em Memphis, Elvis será sempre o rei.

Fãs de São Paulo lembraram Elvis com missa na Catedral da Sé

Fotos de Gino Lovecchio

Cerca de duas mil pessoas compareceram à missa de Elvis Presley na Catedral da Sé, em São Paulo, mas cerimônias religiosas semelhantes não puderam ser realizadas — por decisão das autoridades eclesiásticas — nem no Rio, nem em Belém do Pará. "Dai, senhor, a Elvis Presley a vossa luz e o transfigure no descanso eterno", pediu em oração o celebrante da missa de São Paulo, cônego José Paschoal, vigário da Catedral. A igreja já estava cheia antes mesmo do início da cerimônia. Fãs do cantor exibiam fotos, faixas, capas de discos e cartazes de todos os tipos e mal notavam a presença dos cantores Demétrius, Cely e Tony Campelo. Rogério, um imitador de Elvis, aproveitou a oportunidade para promover seu último compacto.

Durante 20 milésimos de segundo o aparelho criado na Universidade de Princeton produziu uma temperatura de 60 milhões de graus centígrados

FUSÃO NUCLEAR

Quatro vezes mais quente do que o sol

Manchete

Reportagem de João Luiz de Albuquerque
Fotos de Luiz Alberto

A 6 de agosto, quando os cientistas da Universidade de Princeton conseguiram pela terceira vez consecutiva esquentar a 60 milhões de graus centígrados um plasma de hidrogênio e deutério por uma fração (20 milésimos) de segundo, estavam realizando finalmente um sonho tão antigo quanto o próprio homem: conquistar e reproduzir o mesmo processo usado pelo sol e as estrelas para gerar sua energia.

A experiência, vitoriosa após 28 anos de pesquisas, abre caminho a uma forma de energia barata, limpa, inesgotável, de baixíssimo índice de radioatividade nos subprodutos e sem o perigo de favorecer a proliferação nuclear. Realizada num aparelho em forma de rosca de padaria chamado Princeton Large Torus (PLT), alcançou temperatura quatro vezes superior à do interior do sol.

"Tínhamos consciência — explicou o Professor Harold Eubank — de que era preciso atingir certo nível de temperatura, onde começa a existir o medo de que a perda de combustível seja muito grande. Ao atingirmos tais temperaturas, acabamos provando que essa perda é inexistente, fato que aumenta nossa confiança na capacidade das próximas máquinas. Daí a importância científica de se atingir os 60 milhões de graus centígrados."

SEGUE

Diante do Tokamak, o Professor Melvin Gottlieb (esquerda) explicou o êxito da experiência dos cientistas de Princeton. À direita, o Princeton Large Torus (PLT), aparelho em forma de rosca de padaria, no qual se alcançou a temperatura quatro vezes superior à do interior do sol.

Bill Pearce/Time-Sygma

UMA NOVA MÁQUINA DE 235 MILHÕES DE DÓLARES COMEÇARÁ A FUNCIONAR DENTRO DE TRÊS ANOS

DURANTE séculos a forma como o sol e as estrelas produziam sua energia foi um mistério para o homem. Só no século XX os cientistas descobriram que sua energia é produzida pela fusão de núcleos leves. A famosa fórmula $E=MC^2$ de Einstein, que trabalhou e estudou nessa mesma Universidade de Princeton, serviu de base para o entendimento do processo da fusão.

A teoria de Einstein de que a massa pode ser convertida em energia foi estudada por outros cientistas, que descobriram as duas maneiras práticas de se obter tal conversão: (1) pela fissão nuclear, uma reação nuclear espontânea ou provocada na qual um núcleo atômico, geralmente pesado, se divide em duas partes de massas comparáveis, emitindo nêutrons e liberando grandes quantidades de energia; (2) pela fusão, uma reação nuclear na qual os núcleos leves reagem para formar outro mais pesado, com grande despreendimento de energia. Para o controle da fusão, busca-se obter uma temperatura elevada, necessária ao início da reação no seio do plasma gasoso.

Uma nova máquina, já em construção em Princeton a um preço de 235 milhões de dólares, a Tokamak Fusion Test e a Tokamak Fusion Test Reactor (TFTR), começará a funcionar em 1981. É duas vezes maior do que a PLT atual e nela os cientistas continuarão suas pesquisas em busca de um reator comercial de fusão. Explica o professor Eubank:

"Um reator piloto deverá entrar em funcionamento no fim deste século. No caso, um reator que produza uma quantidade maior de energia do que a necessária para colocá-la em funcionamento. Ainda não podemos garantir hoje que ele será econômico, comercial. Mas a razão principal para construir-se esse reator piloto é exatamente a necessidade de estudar seu funcionamento em termos econômicos."

Quando a notícia do último feito dos cientistas americanos foi divulgada, alguns jornais se precipitaram e até anunciaram o fim da crise de energia mundial. Na verdade, o processo da fusão só deverá entrar em funcionamento em escala comercial no século XXI. O professor Eubank alerta ainda para o fato de que no passado pensou-se que a energia dos reatores de fissão seria muito mais barata do que a dos hidrocarbonetos. "Na prática, o resultado foi outro, devido aos custos e capital empregado na fabricação e instalação dos próprios reatores. Evidentemente, o processo de fusão também pode enfrentar o mesmo tipo de problema."

Mas teoricamente, nenhum outro processo para gerar energia parece ter tantas possibilidades quanto o da fusão. Enquanto o da fissão usa como combustível o urânio — elemento raro e caro — o da fusão tira seu combustível do mar, na forma de elementos leves como o hidrogênio, o deutério e, futuramente, o trítio. Passada a euforia inicial em Princeton, os cientistas comemoraram a façanha com uma festa sob uma enorme tenda armada no *campus* da universidade, com bolo e cerveja.

O professor John M. Deutch, diretor de pesquisa do Departamento Federal de Energia dos Estados Unidos, apressou-se também a advertir que o primeiro reator comercial de fusão não estará em funcionamento antes do ano 2025, assim mesmo se não surgirem obstáculos a construção ou problemas no funcionamento. As autoridades revelaram o temor de que uma interpretação equivocada acabe por provocar o *abandono* das pesquisas de outras formas de energia a longo prazo.

Estão adiantadas, por exemplo, as pesquisas de fusão usando raios laser (o hidrogênio é bombardeado com raios laser para produzir a energia liberada pela fusão). O trabalho com laser é considerado sigiloso e fica sob controle rígido do governo. Assim, não se beneficiou da liberdade de intercâmbio científico que tanto ajudou o desenvolvimento das máquinas Tokamak, onde se deu o sucesso de Princeton.

O Tokamak, na verdade, é uma criação da União Soviética. Foi adaptado nos Estados Unidos pelo grupo responsável pela bem-sucedida experiência da fusão. Com isso, acreditam os americanos, os Estados Unidos estão agora à frente da União Soviética em termos de altas temperaturas do plasma. Mas os próprios cientistas de Princeton observam que tal situação pode mudar a qualquer momento.

NO momento, à energia gasta para fazer funcionar a máquina é muito maior do que a produzida por ela; só quando essa relação se inverter o mundo poderá ter seu primeiro reator comercial. A equipe de cientistas responsável pelo sucesso das pesquisas mais recentes de Princeton é encabeçada por quatro professores: Melvin Gottlieb, diretor do Princeton Plasma Physics Laboratory (PPPL); Wolfgang Stodiek, responsável pelo Princeton Large Torus (PLT); Harold Eubank, responsável pelo Neutral-Beam Heating (acréscimo do PLT que, ao passar a bombardear maior quantidade de energia dentro do aparelho e no plasma aquecido, fez o plasma chegar a 60 milhões de graus centígrados); e Harold Furth, chefe do Departamento de Pesquisa do PPPL.

Na entrevista que concedeu à imprensa, o professor Eubank esclareceu que a temperatura atingida na experiência já é suficiente para o funcionamento de um reator de fusão mas, caso tenha opção, os cientistas vão preferir temperaturas perto dos 100 milhões de graus centígrados. Explicou ainda que os reatores de fusão levam imensa vantagem sobre os de fissão quanto à pureza do processo: em termos de radioatividade o da fusão é 100 mil vezes mais indicado do que o da fissão. ■

O Tokamak Fusion Test Reactor (TFTR) entrará em funcionamento em 1981 mas por enquanto é apenas uma maquete. Caberá a esse aparelho demonstrar a possibilidade de produzir energia pela fusão dos núcleos do deutério e do trítio com temperatura de 100 milhões de graus.

Os cientistas Melvin Gottlieb, Harold Furth, Harold Eubank e Wolfgang Stodiek (foto ao lado) integram a equipe responsável pelo último sucesso da experiência. Eubank (à direita) forneceu detalhes das pesquisas.

O professor Edward Frieman, diretor-assistente do Princeton Plasma Physics Laboratory (PPPL) e professor de Astro-Física, explicou ao repórter de MANCHETE o significado da experiência e os novos planos.

Detalhe do Princeton Large Torus, onde se deu o clímax do teste.

"O COMBUSTÍVEL VIRÁ DO MAR E TODOS TERÃO ACESSO A ELE"

PODERIA descrever o desenvolvimento deste projeto?

— *O trabalho foi iniciado pelo professor Lyman Spitzer em 1951. Ele construiu uma máquina, a Stellarator, para realizar suas experiências. No final da década de 60 começaram a nos chegar notícias de que os russos tinham conseguido, em máquinas semelhantes às nossas, atingir temperaturas de cinco milhões de graus centígrados. Esses rumores foram confirmados por cientistas ingleses que visitaram a União Soviética. Pouco tempo depois, participamos de um congresso científico em Moscou e, voltando a Princeton, transformamos em quatro meses o nosso Stellarator modelo C num Tokomak russo. Fizemos então a experiência russa e conseguimos reproduzir seus resultados. Desde então, o tamanho tem sido aumentado e o PLT, onde conseguimos atingir os 60 milhões de graus centígrados, é um dos maiores do mundo.*

— Qual a importância deste feito para a humanidade, agora que parece ter surgido a possibilidade real de se conseguir energia sem as limitações de combustível como o petróleo e o urânio?

— *A importância prática será sentida, provavelmente, no início do século XXI, quando a fusão nuclear poderá se transformar numa realidade econômica e comercial.*

— Que tipos de energia estão sendo pesquisados atualmente para suprir a longo prazo as necessidades energéticas do mundo?

— *① energia solar; ② fusão nuclear; ③ reator híbrido (fissão mais fusão). Ainda é muito cedo para saber qual das três é a melhor.*

— Quais as diferenças fundamentais entre o Programa Nuclear Brasileiro e o futuro Programa Nuclear que usará o processo de fusão?

— *A atual geração de reatores nucleares, usando a energia produzida pela fissão, já demonstrou que pode produzir eletricidade a um custo razoável. Infelizmente, seu combustível, o urânio, também começa a escassear, enquanto seu preço aumenta. Existem debates sobre as reservas de urânio do mundo, suas extensões e tempo de produtividade e sobre o futuro econômico e prático da atual geração de reatores nucleares de fissão. Pelos debates públicos e discussão a nível de cada país envolvido, vemos que esse tipo de reator nuclear tem sofrido ataques em três frentes: ① Segurança; ② Lixo atômico; ③ Proliferação de armas nucleares.*

— Existirão reservas suficientes de urânio para suprir estes reatores durante o próximo século? Os reatores de fusão enfrentam algum problema parecido?

— *No caso específico da fusão, esses problemas serão quase inexistentes: ① o combustível virá do mar e, portanto, todos os países terão acesso a ele; ② o problema da segurança não existe, pois não há possibilidade de ocorrer runaway reactor (reação fora de controle); ③ como o processo de fusão não usa urânio, plutônio ou tório, também não haverá problema de lixo atômico; ④ como o processo de fusão não utiliza material de interesse militar, deixa de existir proliferação nuclear.*

O que parecia impossível aconteceu: a estátua da Padroeira do Brasil

APARECIDA O MILAGRE DA IMAGEM

Manchete

Os trabalhos de restauração da imagem de N. Sra. Aparecida consumiram cerca de sete semanas e neles se empenharam vários especialistas, como Pietro Maria Bardi. Em nenhum momento os restauradores duvidaram do êxito de sua tarefa, iniciada a partir da identificação de numerosos fragmentos da estatueta.

Maria Helena Chartuni, católica maronita, emocionou-se ao ser convocada para integrar o grupo de restauração e revela que passou, por isso, duas noites sem dormir. O trabalho foi compensador, pois a imagem recobrou o esplendor antigo.

Reportagem de Celso Arnaldo Araújo
Fotos de Antônio Parramon

totalmente restaurada, volta a ser venerada pelos fiéis

MILAGRE? Mais um — disseram em coro milhares de fiéis, agora ainda mais devotados ao culto da tosca estátua de barro encontrada nas águas do Rio Paraíba em 1717. Completamente imaculada, após a impecável restauração realizada no Museu de Arte de São Paulo, a estatueta de Nossa Senhora Aparecida, com trinta e nove centímetros de altura, chegou a Aparecida do Norte, no interior de São Paulo, sessenta e três dias após ter sido despedaçada por um desequilibrado mental. Os devotos da santa, que acompanharam a imagem num longo cortejo desde a sede do museu, dizem que ela ficou até mais bonita depois da recomposição, que parecia impossível aos que conseguiram ver o que sobrou dela após o atentado — nada menos do que 431 pedaços, dos quais apenas 165 podiam ser identificados. O resto era quase pó. Um milagre, insistiam os fiéis, que veio coroar uma longa série iniciada em 1733, quando duas velas se acenderam sozinhas no primeiro altar construído para a santa, à beira da estrada. Para os especialistas, entretanto, foi apenas um trabalho perfeito de restauração, realizado por mãos capazes, mas humanas. O Professor Pietro Maria Bardi, diretor do MASP e membro do grupo integrado também pelo colecionador de imagens sacras João Marino e pela artista plástica Maria Helena Chartuni, aceitou o encargo com uma frase atribuída a Tertuliano para definir o Dogma da Ressurreição: "É certo, embora quase impossível." Ex-proprietário do famoso Studio Palma, de Roma, Bardi já tinha orientado no próprio MASP restaurações de terracotas gregas em estado ainda mais precário. E o que se chamou de Operação Aparecida começou sob estrito sigilo no dia 28 de junho, doze dias após o atentado. A primeira etapa do trabalho foi identificar e classificar os fragmentos. Confirmando análises anteriores, comprovou-se que a santa era originariamente policromática. Seu tom atual — marrom-escuro — é fruto da ação das águas, da fumaça da casa dos pescadores onde a santa esteve mais de vinte anos e de restaurações anteriores. Outro detalhe: muita gente só ficou sabendo que a imagem era reta durante os trabalhos de restauração. O manto de veludo, recamado de pedrarias e ouro, é que lhe dá a forma triangular. Os bispos de Aparecida ficaram eufóricos ao ver o trabalho concluído. A restauração ficou tão perfeita que a imagem certamente ganhará nova força mística entre os fiéis: "Foi um sinal providencial de Deus para o início de um grande movimento de devoção mariana em toda a nossa pátria." A previsão da Igreja começou a se cumprir quando, protegida por uma redoma de vidro à prova de bala, a imagem voltou no último fim de semana à basílica velha de Aparecida do Norte. Ali, milhares de fiéis a aguardavam emocionadamente, com fogos e banda de música, dando-lhe as suas boas-vindas em nome de todos os católicos do país.

Em torno do título está havendo um verdadeiro vale-tudo. Mas o

AP

Para vencer o Campeonato Mundial de Xadrez — que parecia não ter mais fim — os adversários usaram até o esporte como *relax*. Korchnoi praticou corridas

KARPOV e KORCHNOI saem da retranca

DESTA vez parece que a coisa vai. Há mais de um mês em Manila, Filipinas, por doze vezes, monotonamente empatavam em pontos o campeão mundial de xadrez, o soviético Anatoly Karpov, 28 anos, e o seu desafiante, o dissidente exilado na Suíça, Viktor Korchnoi, 48 anos. A cada jogo nulo a assistência diminuía no luxuoso ginásio construído para o encontro e os poucos que lá compareciam bocejavam de cair o queixo. Os promotores do mundial já viam a falência certa. Falava-se que seria a luta do século, pois muitos meses se passariam antes que um dos contendores ganhasse as seis partidas, como manda o regulamento. Para animar um pouco o ambiente, Karpov

campeão parece partir para uma inesperada goleada

Sipa-Press

pé. Karpov tentou encestar no basquete, todas as manhãs.

Sipa-Press

AP

No mesmo dia, Karpov ganhou duas partidas que estavam interrompidas. A última em 45 minutos e nove lances. Korchnoi usava óculos escuros para fugir do olhar hipnotizador de um *segundo* do seu adversário.

acusava Korchnoi de *apátrida* e este revidava exigindo a retirada de um *segundo* do adversário, que o hipnotizava na segunda fila. Houve alguma animação quando o campeão ganhou a 8.ª partida. Mas o entusiasmo esfriou quando o *dissidente* venceu a 12.ª. Nos intervalos, Karpov relaxava, jogando basquete. Korchnoi fazia o mesmo, correndo a pé. No último domingo, o campeão se aproveitou de algumas bobeadas do adversário e ganhou a 13.ª (interrompida sexta-feira, no 41.º lance) e a 14.ª partidas. Nessa última, que estava também adiada, bastaram 45 minutos e nove lances para Korchnoi baixar seu rei negro, abandonando o tabuleiro. Agora, com 3 x 1 para Karpov, já se pensa num mundial breve. E lucrativo.

MISS UNIVERSO

"Meu maior prêmio é ser escritora"

De coroa e carro novo, com 28 mil dólares na conta bancária, a Cinderela da África do Sul só pensa em literatura

Reportagem de Eugênia Fernandes (Sucursal de Nova Iorque)
Fotos de Luiz Alberto

MISS UNIVERSE

HÁ muito tempo o concurso de Miss Universo não escolhia uma rainha de beleza tão linda e tão mulher de verdade. Margaret Gardiner, definitivamente, não é feita de laquê nem de *make-up*, artifícios que pode dispensar, graças à naturalidade dos seus 18 anos. Filha de um gráfico Alfred Gardiner e de uma dona-de-casa, Margaret tem o saudável físico de camponesa, embora tenha nascido na cidade do Cabo, África do Sul e considere sua capital tão hospitaleira como qualquer outra, no mundo.

"Mas por favor, não se esqueça de que falo apenas como Margaret Gardiner. Sou Miss Universo-78 e não uma estadista."

Antes de se tornar Miss Universo, Margaret já faturava sua beleza de um metro e setenta e sete como modelo profissional. Trabalhou na África do Sul, em Paris e chegou a desfilar em passarelas da Argentina e Brasil. Daqui, ela recorda a beleza de Foz do Iguaçu e os encantos de Copacabana, embora por engano tenha conhecido o bairro de Santa Cruz — o que lhe causou certa perplexidade.

Um fotógrafo do seu país a aconselhou a entrar no concurso de Miss Universo e até escolheu algumas das suas fotos para a seleção preliminar das candidatas da África do Sul. Sem namorado e sem maiores compromissos, Margaret se entusiasmou com a esperança da coroa e dos prêmios. Sua vitória em Acapulco lhe trouxe tudo isso — e muito mais.

Depois deste ano de Cinderela, ela pretende se dedicar à literatura, pois já tem um conto publicado na revista *Darling*, da África do Sul. Margaret Gardiner não se considera feminista: "Prefiro um homem que se encarregue do trabalho, enquanto me torno escritora." Antes ou depois do reinado, sem dúvida encontrará esse príncipe.

PRAGA dez anos depois

Reportagem Time • Foto: J.K./Magnum

HÁ dez anos, nesta semana, ocorreu a maior invasão européia desde a Segunda Grande Guerra. Cerca de 200 mil soldados da União Soviética e de seus aliados do leste da Europa transpuseram as fronteiras da Tchecoslováquia e se apossaram desse país, a fim de "evitar uma contra-revolução". Tradução: a Tchecoslováquia estava dando crescentes sinais de democratização. Assim terminou, tragicamente, o oitavo mês da longa Primavera de Praga, período de uma euforia e liberdade política e cultural sem precedentes, regido pelo líder comunista tcheco Alexandre Dubcek. Sob seu governo, a censura fora suspensa, os arquivos policiais arejados e os funcionários do Partido Comunista submetidos, pela primeira vez, às críticas populares francas e abertas. Depois, graças aos carros de assalto do Kremlin, o país voltou à cinzenta obscuridade do conformismo que o bloco socialista do leste da Europa conhece desde 1948.

SEGUE

A 20 de agosto de 1968, os tanques soviéticos invadiram a capital da Tchecoslováquia pondo fim ao período conhecido como Primavera de Praga. O povo tcheco não tinha como reagir.

APESAR DA EXPULSÃO DE MAIS DE 300 MIL MEMBROS, SEGUNDO O GOVERNO, EXISTEM HOJE QUASE 2 MILHÕES DE FILIADOS AO PARTIDO

Gustáv Husák assumiu o poder oito meses após a invasão. Há 30 anos, outros tanques russos tornariam o país socialista. O primeiro deles virou monumento.

FELIZMENTE, a invasão produziu poucos estragos em Praga, uma das mais encantadoras e bem conservadas capitais da Europa. Mesmo as menores cicatrizes produzidas naquele período desapareceram em grande parte, segundo comunicou na semana passada, daquela cidade, o correspondente de *Time*, David Aikman. "A Praça Wenceslau e a principal rua de Praga, com um quilômetro de extensão, raras vezes pareceram tão belas. Não há sinais de tensão entre os tchecos que se reúnem nas ruas ao redor dos vendedores de sorvetes ou para olhar as vitrinas durante a breve hora do almoço. O grande número de policiais uniformizados pode ser atribuído, pelo menos nominalmente, ao complicado sistema de tráfego que atualmente predomina no centro da cidade. Hoje, a principal preocupação da maioria dos cidadãos de Praga parece ser a fuga, nos fins de semana, para uma *chata* (cabana) no campo. As únicas pessoas que aqui parecem apreensivas são os próprios líderes do atual regime."

O chefe desse regime, Presidente Gustáv Husák, que sucedeu a Dubcek como líder do Partido Comunista oito meses depois da invasão, na verdade estava um pouco nervoso à medida que se aproximava o dia 20 de agosto, que marcou o décimo aniversário da intervenção russa. Todas as licenças dos policiais foram suspensas. Operários comunistas dignos de confiança foram escalados para montar guarda às fábricas de todo o país durante o fim de semana. Como de hábito, os 70 mil a 80 mil soldados russos, aquartelados na Tchecoslováquia, desde 1968, procuraram não dar na vista.

Mas, embora se mantenham em atitude discreta, sem presença ostensiva, só o fato de continuarem no solo da Tchecoslováquia cria um palpável sentimento de opressão. A incessante usina de propaganda de Husák procura justificar essas tropas, assim como a invasão de 1968, o que virtualmente embotou a sensibilidade dos tchecos. Como resultado, frisa Aikman, a maioria dos tchecos mergulhou numa espécie de limbo, cuja nota dominante é a apatia. Depois de 1968, o atual regime expurgou nada menos de 326 mil e 817 membros do Partido Comunista tcheco, mas assegura ter expandido os quadros de seus adeptos para 1 milhão e 900 mil membros, contra 1 milhão e 700 mil na primeira metade daquele ano. O ex-líder nacional Dubcek, hoje com 56 anos, é agora o guarda de um jardim público da cidade de Bratislava, onde vive sob constante vigilância. O ex-ministro do Exterior, Jirí Hájek, é atualmente um aposentado em Praga e um persistente crítico do regime de Husák. O ex-primeiro-ministro, Oldrich Cerník, exerce um obscuro emprego de pesquisador fora da capital tcheca.

Cerca de 150 tchecos, inclusive os diretores cinematográficos Milos Forman, Ivan Passert e Ján Kádár, fugiram para o ocidente. Em represália, por terem apoiado as tentativas de liberalização do regime de Dubcek, milhares de técnicos e profissionais liberais que permaneceram no país foram forçados a exercer atividades menores. A antes florescente cultura tcheca é atualmente uma espécie de terreno baldio que o poeta francês Louis Aragon chamou "a Biafra do espírito".

Para aplacar o descontentamento reinante sob essa atmosfera opressiva, o governo aumentou os salários a um nível respeitável — em média, para 271 dólares por mês — e abriu as fronteiras à entrada de bens de consumo estrangeiros. Mas dificilmente alguém demonstra interesse pelos problemas nacionais. Diz uma das vítimas do expurgo: "Todos os velhos problemas continuam sem solução. E não há quaisquer ilusões. O cinismo geral é espantoso." Os elementos politicamente mais ativos no país são aqueles que o governo considera indesejáveis. A Carta 77, do movimento dissidente, obteve quase mil assinaturas. Mas, depois de terem alcançado seu ponto máximo há um ano, esses protestos diminuíram consideravelmente, sobretudo em razão da contínua repressão governamental. De acordo com a própria Carta 77, nada menos de 30 mil pessoas foram presas desde 1969 pela polícia e mantidas encarceradas por períodos variados, muitas vezes em confinamento solitário e com escassa alimentação. Numa nota kafkiana, as vítimas recebem as contas do custo de sua internação.

PELO menos 100 signatários da Carta 77 foram obrigados a abandonar os modestos empregos que antes lhes era permitido exercer. Os atuais líderes desse movimento — a cantora Marta Kubisova, o filósofo Ladslav Hedjanek e o antigo secretário regional do Partido Comunista tcheco, Jaroslav Sabata — estão sob constante vigilância. Contudo, num gesto destinado a comemorar o décimo aniversário da invasão, um pequeno grupo dos signatários da Carta 77 resolveu se encontrar secretamente com um grupo de dissidentes poloneses, a fim de discutir uma possível forma de cooperação.

Além dos problemas de ordem moral, os líderes tchecos estão enfrentando sinais de estagnação econômica. A economia vinha tendo, apesar de tudo, uma taxa anual de crescimento da ordem de 5,5%, o que representa uma média respeitável. Mas o país está

Em março de 78, o capitão da Força Aérea tcheca, Vladimir Remek, tomou parte num programa espacial soviético. E o fato foi devidamente comemorado nas ruas de Praga.

Para os observadores ocidentais, "a usina de propaganda do Presidente Gustáv Husák embotou a sensibilidade dos tchecos e a maioria da população mergulhou na apatia". Mas durante manifestações como as de Primeiro de Maio, a mesma máquina se encarregaria de animar os quadros do Partido Comunista.

Fotos de Peter Marlow/Sygma

perdendo sua posição nos mercados ocidentais de moeda forte, para os quais enviava suas principais mercadorias, inclusive cristais, maquinismos e tecidos. Os investimentos de capitais têm sido mínimos e a maioria das fábricas está obsoleta. A descentralização do planejamento, os incentivos econômicos e a participação dos trabalhadores, anunciados como as principais metas do governo de Dubcek, foram revividos agora, de forma abastardada, pelo atual ministro das Finanças, Leopold Lér. Mas o plano de Lér não é acompanhado da ampliação da democracia, como sonhava seu antecessor, Oto Sik, ministro das Finanças de Dubcek.

Embora não se proponha a fazer grandes reformas industriais, Husák tem bons motivos para experimentar tais medidas. No fim do ano passado, quando se tornou evidente que a economia tcheca estava em dificuldades, Husák quase foi deslocado do governo por seu principal rival, o Primeiro-Ministro Lubomír Strougal. Constou mesmo que, por três dias, Husák foi obrigado a se afastar de seu gabinete. Quase em pânico, seus partidários tentaram um último recurso: telefonaram ao chefe do Partido Comunista soviético, Leonid Brejnev. Este ficou alarmado com a notícia e ordenou que Husák fosse reintegrado no posto.

Em seguida a esse ato, Brejnev fez uma visita de quatro dias a Praga, em maio passado. Pela primeira vez nos últimos três anos, um líder soviético apareceu na capital tcheca.

SEGUE

Sob a inspiração de Lenine, um desfile de jovens e velhos. Para Husák, recentemente condecorado com a Ordem da Revolução de Outubro pelo premier soviético Leonid Brejnev, "a invasão de 68 foi uma honra".

OS LÍDERES SOVIÉTICOS E TCHECOS TROCAM AMABILIDADES. OS EXILADOS DENUNCIAM O PERÍODO DE TREVAS

ELE solenemente pregou a Ordem da Revolução de Outubro no peito de Husák e declarou que a invasão de 1968 representara "uma grande hora para o povo tcheco". Os comentários de Brejnev só foram transmitidos pela TV durante 15 minutos, tendo a estação saído inexplicavelmente do ar durante o resto do discurso. A suspeita geral é de que houve eficiente sabotagem, praticada por um técnico de TV dissidente.

Brejnev & Companhia têm demonstrado a maior solicitude para com os atuais líderes tchecos em outros sentidos. Em março passado, o capitão da Força Aérea Tcheca, Vladmir Remek, tomou parte num programa espacial soviético. Uma linha de metrô foi construída em Praga com a ajuda russa. Num gesto obsequioso de retribuição, as autoridades tchecas procuraram desenvolver as vendas do livro *A Pequena Terra*, no qual Leonid Brejnev narrou suas reminiscências sobre uma batalha relativamente pouco conhecida, travada ao redor da cidade russa de Novorossiik, durante a Segunda Grande Guerra.

AP

O ex-Premier Dubcek a caminho do trabalho: hoje ele é guarda de um jardim na cidade de Bratislava. E vive sob controle.

Mas, quando isso acontecia, outro livro de memórias, ainda mais pungente, era publicado, na semana passada, em Viena. Intitulado *Seis Dias de Agosto*, narra a história da invasão de 1968. Seu autor é o emigrado Zdenekiek Mlynár, um dos secretários do Partido Comunista Tcheco durante o período de Dubcek. O livro de Mlynár é um oportuno mas melancólico testamento, comprovando que a Tchecoslováquia tem poucas esperanças de sair da obscuridade para a grande luz. (*Time*).

Nota — Desnecessário é dizer que o escritor expressionista Franz Kafka (1883-1924), que viveu e escreveu sua obra literária em Praga, passou a ser uma personalidade inexistente sob o regime de Husák.

O DIA EM QUE OS RUSSOS INVADIRAM PRAGA

"NO verão de 1968 fui pela terceira vez a Praga. Das duas primeiras, passara em trânsito pela capital da Tchecoslováquia. Mas essa nova visita seria demorada. Sabendo que eu iria a Viena, a fim de participar do Congresso Internacional de Direito Autoral, o embaixador tcheco no Rio amavelmente me disse: 'Teremos prazer em recebê-lo em Praga, para mostrar tudo o que deseje ver em nosso país. Poderá entrevistar os nosso dirigentes. Estamos interessados em alargar nossas relações com o mundo ocidental e repelimos a noção da existência de uma cortina de ferro.' Parti de trem, de Viena e, ao fim de uma curta viagem, desembarquei em Praga, onde estava à minha espera um excelente intérprete, Jorge Prahl, com perfeito domínio do nosso idioma. Ele, com seu automóvel e sua boa vontade, estava à minha disposição da manhã à noite. Visitamos os antigos campos de concentração do nazismo, as exposições sobre as atrocidades germânicas, a cidade de Lídice arrasada e depois reconstruída como um monumento aos mártires da guerra. Entrevistei ministros que falaram com entusiasmo para abertura do Primeiro-Ministro Alexandre Dubcek e da humanização do socialismo tcheco, contrastando visivelmente com o endurecimento soviético. Só uma coisa me desgostava — e também desgostava o ator francês Michel Simon, hospedado, como eu, no novíssimo Park Hotel, que ainda não existia quando estive em Praga em 1960 — não conseguia ingressos para ver os admiráveis espetáculos da Lanterna Mágica, admirável mistura de cinema, mímica e balé. Não havia ingressos, a preço algum, e isso me levava a fazer reclamações constantes a Jorge Prahl. 'Tudo esgotado', dizia ele, 'por causa dos russos'. Chegavam ondas sucessivas de turistas russos, alguns em trajes civis, mas a maioria em uniformes militares. Quando, finalmente, consegui três ingressos para a Lanterna Mágica — para mim, minha filha e meu intérprete — numa sala de cerca de seiscentos lugares havia pelo menos 550 russos. Era o começo da ocupação, ainda dissimulada, da Tchecoslováquia. Na ocasião, o Exército do Pacto de Varsóvia fazia manobras nas fronteiras com a Polônia. E, de repente, os tanques russos penetraram

O jornalista R. Magalhães Júnior, de MANCHETE, estava em Praga no dia 20 de agosto de 1968.

Antônio Rudge

na Tchecoslováquia, avançando celeremente para a capital. Os ministros cancelaram seus compromissos. A cidade ficou intranqüila, nervosa, agitada, na expectativa de acontecimentos imprevisíveis. Moscou havia dado um verdadeiro ultimatum *ao governo Dubcek. Os turistas que enchiam os hotéis pediram suas contas e procuraram sair do país, fosse como fosse. Eu tinha passagem para a Grécia, na Air France. Procurei sua agência e recebi esta resposta: 'Por motivo de segurança, nossas escalas em Praga foram canceladas.' Os tanques russos já estavam a menos de 30km de Praga quando, depois de horas de espera no aeroporto, consegui dois lugares num avião que iria para Frankfurt, de onde depois tomei o caminho da Grécia. Nos jornais europeus, ostentavam-se grandes manchetes:* A URSS intervém na Tchecoslováquia, Queda do governo Dubcek, Imposto aos tchecos um governo que recoloca Praga na órbita de Moscou. *Onde estariam, naquele momento, os homens que tão amavelmente me haviam recebido? Um deles, o ministro da Cultura, dias antes me havia dito, talvez em sua última entrevista a um jornalista estrangeiro:*

'Não queremos impor ao nosso povo uma disciplina rígida, nem transformar os tchecos num rebanho de carneiros. As qualidades de independência e de bravura com que os tchecos reagiram à dominação nazista precisam ser preservadas. Cometemos, no passado, muitos erros, de que nos arrependemos, como, por exemplo, a repressão violenta aos estudantes. Alguns desses atos foram mesmo de rematada estupidez e resultaram principalmente da ausência de debate. Nosso intuito é evitar que isso se repita. Mas de modo nenhum pretendemos nos afastar da área socialista. Não queremos nos converter ao capitalismo. O que queremos é aperfeiçoar o nosso socialismo, conciliando-o com as aspirações de liberdade e de dignidade humana. É absurdo condenar um homem a uma longa pena de prisão, ou ao fuzilamento, por um simples delito de opinião...'

Quando o avião da Lufthansa sobrevoava o centro de Praga e as pontes que cruzam o rio Moldau, eu pensava no que seria feito dos homens que queriam conciliar o socialismo com a liberdade. Que destino teriam eles e suas boas intenções? Não tardei a saber que todos haviam sido levados de roldão pelo expurgo que se seguiu à parada militar soviética pelas ruas de Praga, tão parecida com a parada militar das forças nazistas, que também haviam feito tábula rasa de um governo tcheco. A abertura de Dubcek não fora mais que um breve intermezzo, *um sonho de algumas noites de primavera."* R. Magalhães Júnior

O MDB lança seu candidato, a candidatura oficial prossegue sua campanha

Filiando-se ao MDB e tendo sua candidatura homologada pela Convenção do partido, o General Euler pode dar-se agora ao direito de especular sobre suas próprias chances de vitória no Colégio Eleitoral que se reunirá a 15 de outubro próximo, para derrotar a candidatura do General Figueiredo. Conta ele, como certo, que uma irresistível pressão da opinião pública levará vários membros do Colégio Eleitoral a votar no seu nome, sobretudo porque, trinta dias depois, eles estarão se submetendo ao crivo de um voto popular e direto, nas eleições parlamentares de 15 de novembro.

PARTINDO de uma desvantagem numérica de 128 votos, o General Euler espera contrabalançá-la da seguinte maneira:

1. Cerca de 40 votos dissidentes já são conhecidos nas fileiras arenistas, afora outros tantos que divergem da candidatura Figueiredo, mas cujo nome ainda não é conhecido, nem é bom que o seja, para evitar pressões.
2. O apoio do Senador Magalhães Pinto é importante no sentido de ampliar essa dissidência e será dado no momento oportuno.
3. O MDB votará maciçamente na sua candidatura.

A primeira hipótese, levantada por dois deputados federais da própria Arena, foi contestada pelos seus dirigentes, que afirmam não ser superior a dez o número de dissidentes no partido. E não foi confirmada também pelo Deputado Renato Azeredo (MDB de Minas), ao declarar que o General Euler não conseguirá 20 votos arenistas no Colégio Eleitoral.

A segunda hipótese não parece certa, sobretudo depois de mais um encontro do General Hugo Abreu com o senador mineiro, que declarou aos jornalistas continuar com sua candidatura como uma opção perfeitamente válida no impasse a que o país pode chegar com dois candidatos militares. E parece mais incerta ainda em face das diligências efetuadas por alguns líderes arenistas, como os Srs. Aureliano Chaves, Francelino Pereira e Silval Boaventura, no sentido de que o Senador Magalhães Pinto regresse às fileiras arenistas e se reintegre na campanha do General Figueiredo.

A terceira hipótese está difícil de concretizar-se, não só em face da posição contrária adotada pelos moderados do MDB, como também pela circunstância de a corrente chaguista da Oposição fluminense preferir o voto no candidato Figueiredo a adotar a candidatura Euler Bentes.

O Senador Magalhães Pinto declarou que vai apreciar, tranqüilamente, os argumentos novos que lhe foram trazidos e comunicar sua decisão definitiva ao ex-chefe do Gabinete Militar da Presidência da República:

"Sua posição evidentemente é favorável à candidatura Euler. Eu ainda não tomei posição sobre as candidaturas existentes. Ouvi suas ponderações e naturalmente fiz-lhe algumas perguntas. Estou meditando e hibernando, para examinar com calma a situação. Não marquei prazo para dar a resposta ao General Hugo Abreu, porque estou cansado de prazos. Vamos deixar que ocorram a Convenção do MDB e várias outras coisas."

A conversa do Senador Magalhães Pinto com o General Hugo Abreu começou com a apresentação das mágoas do senador em relação ao MDB e, particularmente, aos autênticos, embora não fosse homem de guardar ressentimentos, que poderiam ser esquecidos em benefício de uma causa maior.

O general mostrou-lhe a importância no cenário político e sucessório, e cujo prestígio seria suficiente para superar os desentendimentos com a Frente e com os autênticos do MDB, que considerou atropelos da campanha e incidentes facilmente superáveis.

Um possível encontro entre Magalhães e Euler

O Senador admitiu encontrar-se com o General Euler, após a Convenção Nacional do MDB, quando muitas coisas já deverão ter acontecido. Admitiu ainda que a Frente Nacional de Redemocratização acabou em Porto Alegre, pois ela se destinava a promover a redemocratização do país, mas um grupo grande, dentro dela, só pensava no lançamento de candidaturas. "Agora, devemos proceder a novas conversações para obter outros resultados. Se elas não acontecerem antes das próximas concentrações da Frente, não pretendo mais dar-lhes a minha presença."

Os argumentos novos, levados pelo General Hugo Abreu ao senador de Minas, relacionam-se com os levantamentos feitos, segundo os quais tem amplas condições de sair vitorioso da disputa no Colégio Eleitoral.

Esses números não chegaram a impressionar o Senador Magalhães Pinto, que solicitou 15 dias a fim de pronunciar-se mais uma vez sobre a sondagem que lhe era feita.

O General Hugo Abreu encareceu ao senador a necessidade do seu apoio ao General Euler, como providência indispensável para que se fechasse o círculo em torno da candidatura oposicionista, com certeza de vitória sobre o candidato do governo.

Enquanto isto, o Senador Magalhães Pinto se transforma praticamente num fiel da balança, disputado por ambos os candidatos em luta, mas preservando-se a uma atitude de eqüidistância, que fará dele uma espécie de árbitro da situação.

Perguntado sobre se estava mais próximo do General Euler do que o General Figueiredo, respondeu:

"Eu não sei nem mais quem é o meu próximo."

Procurado por emissários do General Figueiredo (Brigadeiro Délio Jardim de Matos e Senador Jarbas Passarinho) e do General Euler (General Hugo Abreu), o Senador mineiro manteve-se numa posição de independência em face das duas candidaturas.

A todos prometeu que dentro de 15 dias tomará uma posição definida em torno das eleições, que pode ser inclusive a de total omissão em face das duas candidaturas.

A respeito da pesquisa de opinião pública, que apontou o General Figueiredo como provável vencedor num pleito direto, disse que não acredita nos seus resultados.

"O povo está querendo um candidato civil. Acho muito estranho esse resultado. De

QUEM GANHARÁ?

EULER ou FI

Texto de MURILO MELO FILHO

qualquer forma, vou ler e meditar sobre o assunto.

A candidatura Euler Bentes não terá a assessoria de nenhuma agência de publicidade, porque certamente o MDB não tem recursos para tanto.

O candidato tenciona utilizar-se de alguns documentos básicos na sua pregação: o Projeto Brasil, o decálogo estabelecido pelo MDB ao ingressar na Frente e o documento dos bispos anunciado na reunião de Itaici.

O General Euler acredita que os sindicatos, com liberdade de negociação e direito de greve, não necessitarão de uma nova CGT, mas sim da criação de um partido trabalhista, que represente o interesse dos trabalhadores.

Ele nega, também, que tenha admitido a existência de uma divisão nas Forças Armadas, afirmando, pelo contrário, que o Exército trabalha permanentemente coeso e unido. Os militares podem divergir, mas como cidadãos. Por isto, sustenta que não existe confronto e a existência de duas candidaturas militares, ambas da reserva, para a Presidência da República, nada têm a ver com apoio militar.

A sociedade brasileira quer o estado de direito

Entende o general que a sociedade brasileira deseja unanimemente a volta ao estado de direito, o mais depressa possível, com a volta do regime democrático e com os militares desligados do processo político e retornados ao seu permanente papel moderador.

O General Euler declarou não se impressionar com os resultados de uma pesquisa de opinião pública que apontou o General João Baptista Figueiredo como o provável ganhador de uma eleição, caso ela fosse direta, com 38 por cento dos votos contra 25,5 por cento para o Senador Magalhães Pinto e apenas 14,5 por cento para ele.

Disse que, sendo candidato apenas agora, depois que a pesquisa foi realizada, tenciona naturalmente reverter em seu favor esses índices, através de uma campanha que falará de perto aos anseios e reivindicações populares.

Reunido na fazenda do ex-Ministro Severo Gomes, o General Euler traçou com os Senadores Orestes Quércia, Marcos Freire e Roberto Saturnino, além do Deputado Marcondes Gadelha e dos Srs. Rafael de Almeida Magalhães, Sampaio Dória, a estratégia de sua campanha eleitoral.

Na quarta-feira, o partido realizará sua Convenção Nacional, com duas votações simultâneas: uma para saber se o partido deve participar do processo sucessório com uma candidatura própria e outra para escolher essa candidatura.

Se a apuração do primeiro envelope for negativa, o partido nem fará a apuração dos segundos votos.

Fotos de Rolnan Pimenta

O General Figueiredo cumprimenta o Senador Luís Viana Filho, em companhia do Deputado Nelson Marchezan e do General Danilo Venturini. Acima, o General Euler com o General Hugo Abreu, seu principal articulador na área político-militar.

E o General Figueiredo prossegue sua campanha

Indiferente aos dramas e problemas vividos pelo candidato oposicionista, o General Figueiredo continuou a cumprir o seu programa de campanha, visitando neste começo de semana nada menos de nove cidades paulistas: Presidente Prudente, Birigui, Araçatuba, Jales, Mirassol, São José do Rio Preto, Catanduva, Bebedouro e Bauru.

Em São José do Rio Preto, prestigiado pela presença do Governador Paulo Egydio, do Sr. Paulo Maluf e do Sr. Cláudio Lembo, o candidato arenista participou do primeiro comício político de sua vida, na Praça Rui Barbosa.

Ele não considera a candidatura Euler Bentes como um desafio. Se se trata de uma eleição a realizar-se num Colégio Eleitoral, e se existe um partido político que dele participará, é natural que ele tenha o direito de indicar o candidato que bem lhe aprouver.

Resta apenas ao candidato oficial a certeza de que seu opositor não conseguirá abrir uma dissidência nas hostes da Arena, suficiente para provocar um desfalque de votos que coloque em perigo a sua candidatura.

Além do mais, a presença de um candidato da oposição no Colégio Eleitoral, disputando com o do governo em pé de igualdade, só serve para avalizar o processo eleitoral, coonestando a sua validade e procedimento.

GUEIREDO

A Princesa Ashraf Pahlavi, irmã gêmea do Xainxá do Irã, participou como convidada especial do XI Congresso Internacional de Nutrição no Rio de Janeiro. Presidente de inúmeras entidades de beneficência em seu país, Ashraf se tornou conhecida internacionalmente por sua luta em favor dos direitos das mulheres, muito antes do surgimento do Women's Lib.

No almoço que lhe foi oferecido no edifício sede de MANCHETE, no Rio de Janeiro, a princesa recebeu a homenagem de vários admiradores, alguns amigos antigos como o Embaixador Hugo Gouthier e outros diplomatas.

A chegada da princesa ao Rio coincidiu com o luto oficial de Teerã pelo bárbaro incêndio de um cinema em que morreram 377 pessoas. Ashraf se recusou a fazer qualquer comentário sobre o atentado e sobre a situação política de seu país em geral, limitando-se a dizer que preferia esperar por informações mais amplas. Mas seus assessores imediatos lembraram que o passado de lutas e sua participação na ascensão do irmão gêmeo ao trono imperial da Pérsia demonstram que ela não se deixa jamais abater pela adversidade.

Há um ano, exatamente no dia 14 de setembro de 1977, Ashraf Pahlavi foi vítima de um grave atentado na Côte d'Azur. A princesa escapou ilesa mas sua dama de companhia e amiga de infância, Furugh Khienuri, teve morte quase instantânea. Mais tarde, quando os jornalistas lhe perguntaram se sentira medo, ela deu uma de suas respostas típicas:

"Em primeiro lugar não houve tempo, porque a cena durou alguns segundos apenas. Além disso, medo é uma coisa muito difícil de se definir."

Em 1944, ao final da Segunda Guerra, os russos se mostravam firmemente decididos a transformar o Irã num dos membros da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Os principais líderes persas sabiam que seria o fim

No almoço em MANCHETE, Justino Martins saudou a Princesa Ashraf Pahlavi. O embaixador do Irã, Parivs Adl, respondeu à saudação.

ASHRAF PAHLAVI

A Princesa que salvou o Irã

Fotos de Paulo Scheuenstuhl

da soberania nacional. Mas não encontravam como se opor à decisão de Moscou. Ashraf, então com apenas 25 anos, decidiu ir sozinha ao Kremlin para expor a Stalin a opinião dos dirigentes de Teerã. A descrição que posteriormente ela faria à imprensa, desse encontro, ficou antológica:

"Estava preparada para um encontro de vida ou de morte com um colosso terrível. Ao ver diante de mim um homem baixo, gordo e mole, a decepção foi tão grande que a força virou desprezo e pude defender os interesses da pátria com calma e coragem."

Stalin ficou tão espantado com o destemor daquela princesa que terminou se confessando seduzido, e apresentou-a a seus ministros dizendo: "Eis aqui uma jovem que é realmente uma patriota." Mais do que isso: deu-lhe de presente um riquíssimo casaco de arminho, que lhe seria roubado alguns anos mais tarde. Não foi esta entrevista o elemento decisivo para a salvação da autonomia do Irã, mas Ashraf continuaria em evidência. Sua intervenção na vida política do país iria se notabilizar novamente em 1952, quando Mossadegh obrigou a família do Xainxá a se refugiar em Roma. Ashraf, que estava então na Côte d'Azur, na França, atravessou a fronteira italiana sem documentos e, de Roma, organizou a contra-revolução que iria derrubar Mossadegh e restaurar o poder imperial. A amizade do Xá a ela é muito forte. É casada, e foi a primeira mulher de destaque no Irã a aparecer em público sem véu no rosto. Até hoje afirma que se sentia revoltada com o rigor discriminatório das tradições de um país de religião muçulmana.

Encantadora, sempre sorridente, graciosa, a princesa Ashraf se mostrou seduzida pelo Brasil. Confessou que há muito tempo aprecia a música popular brasileira.

A irmã gêmea do Xá da Pérsia com o casal Lucy e Adolpho Bloch. A princesa veio ao Brasil participar do XI Congresso Internacional de Nutrição, como convidada de honra.

ALGUNS MECÂNICOS FAZEM CURSO NA FORD. OUTROS APRENDEM NO SEU CARRO.

Os mecânicos que fazem curso na Ford aprendem tudo sobre seu carro. Aprendem a usar a ferramentaria própria. Aprendem que uma peça original só pode dar lugar a outra original. Outros mecânicos aprendem de outro jeito. Fazendo experiências. Tendo aulas com o seu carro. Como distinguir esses mecânicos? É muito simples. Os que fazem curso na Ford você só encontra nos Revendedores Ford.

Só o Revendedor Ford sabe cuidar do seu Ford. Ford Brasil S. A. Ford

Ela tinha o vestido sujo de sangue e pedaços do cérebro do marido.

JACQUELINE DEPOIS DA TRAGÉDIA

Carl Mydans

Theodore White, em seu novo livro, revela detalhes sobre seu encontro com Jackie dias após Dallas.

UM LIVRO SENSACIONAL

"Jack se inclinou de repente para trás. Sua última expressão foi tão clara... Era a maravilhosa expressão

Depois, no avião presidencial, pediram que limpasse o sangue do rosto

Durante quatro décadas Theodore H. White acompanhou, como correspondente das revistas Time *e* Life, *os acontecimentos de uma Ásia em convulsão, inclusive o triunfo revolucionário de Mao Tsé-tung na China, a recuperação da Europa após a devastação sofrida na guerra e as transformações dos EUA, especialmente as eleições presidenciais de 1960, 1964, 1968 e 1972. Mas, após o escândalo de Watergate, esse jornalista e escritor, que já publicara meia dúzia de livros, resolveu reavaliar a sua experiência. E o resultado disso é o livro* In Search of History: A Personal Adventure, *do qual foi extraído este capítulo, sobre a morte do Presidente Kennedy, intitulado* Camelot, Sad Camelot.

Na manhã seguinte ao Dia de Dar Graças fui tirado da cadeira de meu dentista por um chamado telefônico de minha mãe, informando-me que Jackie Kennedy lhe telefonara e dissera precisar de mim. Fui imediatamente para casa. De lá, telefonei para Hyannisport e foi a própria Jacqueline quem atendeu. Disse que precisava falar comigo — que havia alguma coisa que gostaria que a revista *Life* dissesse ao país e que eu deveria incumbir-me disso. Disse que mandaria um carro do Serviço Secreto para me levar a Hyannisport. Telefonei ao Serviço Secreto — e fui informado secamente de que a Sr.ª Kennedy não era mais a esposa do presidente e, portanto, não poderia dar ordem para a saída de carros. Deram-me a impressão de estar crispados. Não pude alugar um avião por causa da tempestade que se abatera sobre o litoral de Massachusetts. A essa altura tornou-se patente que minha mãe, pouco afeita a tal excitação, estava tendo um ataque cardíaco. Se a viúva de meu amigo precisava de mim e se minha mãe também precisava — que deveria eu fazer? Minha esposa, Nancy, tomou esta decisão: o médico da nossa família, Dr. Harold Rifkin, disse que iria imediatamente à nossa casa, fosse ou não feriado, e ficaria à cabeceira de minha mãe; quanto a mim, disse Nancy, deveria ir confortar a viúva do presidente.

SEGUE

Fotos MANCHETE

que ele tinha quando lhe faziam perguntas sobre uma das dez milhões de peças de um foguete espacial. Ele parecia perplexo", conta Jacqueline.

NUMA limusine alugada, rumei através da tempestade para a Nova Inglaterra. O chofer parava de quando em quando, para que eu pudesse telefonar para casa, a fim de saber como estava minha mãe. Sua condição se estabilizara e, por isso, eu disse ao chofer que prosseguisse, dispensando novas paradas.

Tarde da noite, na sexta-feira, 29 de novembro, uma semana depois do assassinato do presidente, uma vez mais pedi à revista *Life* que parasse suas máquinas impressoras, tal como acontecera na semana anterior. Sem qualquer hesitação, seus editores concordaram com a minha sugestão. Eles aguardariam até que eu descobrisse o que Jacqueline Kennedy queria dizer à nação. Mas, como cada hora de serão nos sábados custava nada menos de 30 mil dólares à revista, seus editores me pediram que lhes comunicasse o mais cedo possível se de fato havia algo de realmente interessante a contar. Com essa soma por hora em mente, desesperadamente preocupado com o estado de minha mãe e ainda abalado pelas emoções do assassinato do presidente, cheguei finalmente à casa de Jacqueline, em Hyannisport.

Jacqueline Kennedy há dias estava tentando esconder-se. Nenhum ser humano havia suportado por tanto tempo a atenção pública, as máquinas fotográficas sempre assestadas, os microfones intrometidos. Mesmo com as lágrimas escorrendo e com as mãos dos filhos apertadas nas suas, ela apareceu nos programas de TV sobre o assassinato e sobre as cerimônias fúnebres. Teve um desempenho soberbo, sem uma só falha. Eu sabia que ela queria chorar, mas não podia. E fugira de Washington para Hyannisport a fim de se afastar de tudo isso. Mas, quando entrei em sua sala, ali havia várias pessoas bem intencionadas que procuravam consolá-la. Ela disse que não queria que ninguém estivesse presente à nossa conversa. Por isso, todos saíram. Sentei-me num pequeno sofá, olhei para ela, e o imperativo jornalístico quase automaticamente começou a preponderar. Revejo minhas notas: "Compostura digna... bela... vestindo longas calças pretas, com um suéter de mangas compridas de cor beje... os olhos maiores que piscinas... voz calma..." Estava sem lágrimas, com a face pálida bastante abatida.

Ela me pedira que fosse a Hyannisport, disse, porque queria que eu providenciasse para que Jack não fosse esquecido pela história. O pensamento de que eu é que devia fazer com que a história dos Estados Unidos se lembrasse de John F. Kennedy era tão imprevisto que o meu lápis se embaraçou, tropeçando nas notas. Mas havia tanta sinceridade nessa mulher — que me considerava um dos amigos mais cultos de Kennedy, em vez de um simples *irlandês* ou um camarada ocasional — (o que, aliás, correspondia ao meu próprio sentimento) — que eu considerei que o meu dever primordial era deixar essa mulher amargurada e triste falar de suas mágoas. E as máquinas impressoras de *Life* que esperassem.

O que lhe preocupava era a história. Queria que eu salvasse a imagem de Jack das pessoas "amargas" que iriam escrever sobre ele nos livros da história. Não queria deixá-lo indefeso, à mercê dos historiadores. E extravasou várias correntes de pensamento, que se misturaram durante horas. Jacqueline Kennedy, nessa noite, falou em primeiro lugar de suas angústias pessoais, depois do que pensava que a história iria dizer de seu marido e, em seguida, evocou sua infância e o seu trágico fim em Dallas, tentando deixar claro quanto fora mágico o tempo de Kennedy. Ela achava que seu marido fora realmente um homem prodigioso, o que é um pensamento encantador da parte de qualquer esposa.

Falamos por alguns momentos sem nos fixarmos em nada. Depois, a cena do atentado se apossou dela, dominando-a. "... Foi o maior cortejo que testemunhei, entre o aeroporto e a cidade de Dallas. Caloroso. Imenso. Como no México e em Viena. O sol fustigava fortemente as nossas faces. E eu não podia usar meus óculos escuros... Então, vimos aquele túnel à frente. Eu achei que seria fresco esse túnel. Que, ao entrarmos ali, o sol já não castigaria nossos olhos... Ouvi detonações, que pareciam descargas de motocicletas, foguetes, ou coisas semelhantes. Mas então vi Connally segurando seu braço e dizendo, 'não, não, não', com o pulso sangrando. Então Jack se voltou e eu também me voltei. Só me lembro de um grande edifício cinzento à nossa frente. Então Jack se inclinou de repente para trás. Sua última expressão foi tão clara... Era a maravilhosa expressão que ele tinha quando lhe faziam perguntas sobre uma das dez milhões de peças de um foguete espacial, antes de dar a resposta. Ele parecia perplexo. Depois, inclinou-se para a frente, com a mão estendida... Eu vi um pouco de sua massa encefálica saltando do crânio. Tinha a cor de carne — não a cor branca. Depois, ele resvalou para o meu colo. Seu sangue e sua massa encefálica escorriam no meu colo. Então Clunt Hill (o homem do Serviço Secreto) — ele nos adorava, tornava a nossa vida mais fácil — foi o primeiro a subir no carro... Todos nós ficamos deitados no carro... E eu continuava dizendo: 'Jack, Jack, Jack', e então alguém gritou: 'Ele está morto! Ele está morto!' Durante toda a corrida para o hospital eu fiquei inclinada sobre ele, dizendo: 'Jack, Jack, você está me ouvindo? Eu o amo, Jack!'"

Enquanto eu permanecia sentado e paralisado, ela recordava os furos cor-de-rosa na cabeça do marido (fez um gesto, indicando os locais na sua própria cabeça). "Ele tinha uma cabeça tão bela! Tentei levantá-lo. Talvez pudesse... Mas era inútil, porque eu sabia que ele estava morto." Ela dizia tudo isso sem uma lágrima, como se estivesse a recitar.

Depois, descreveu-me como, ao chegarem ao hospital, tentaram separá-la dele. "Aqueles enormes internos do Texas ficavam me dizendo: 'Sr.ª Kennedy, venha conosco.' Queriam me afastar dele... Mas eu disse que não o deixaria... Dave Powers veio correndo para mim no hospital, chorando quando me viu, com as pernas e as mãos cobertas de massa encefálica. Quando Dave viu isso começou a chorar... Eu disse que não iria deixar Jack, não iria deixá-lo... E fiquei de pé, no lado de fora, naquele estreito corredor. Até que, dez minutos depois, um enorme policial me trouxe uma cadeira."

O Vice-Almirante George G. Buckley, da Marinha de Guerra dos Estados Unidos e médico pessoal do presidente, levou-a para a sala de operações, insistindo: "Isto é uma prerrogativa dela, é uma prerrogativa dela." O Dr. Malcoln Perry, o cirurgião que realizava a operação, quis que ela ficasse fora da sala. Mas Jacqueline disse: "Ele é meu marido. Seu sangue e sua massa encefálica estão em mim."

ENTÃO tudo terminou. "Havia um lençol branco cobrindo todo o corpo de Jack, menos os seus pés, que permaneceram visíveis, mais brancos do que o lençol. Sua boca era tão bela... Seus olhos estavam abertos. Eles procuraram sua mão sob o lençol e eu a apertei nas minhas enquanto o padre lhe ministrava a extrema-unção." As luvas dela estavam endurecidas, com o sangue que secara, e ela estendeu uma das mãos "àquele policial", que a descalçou. Então, "até a aliança estava manchada de sangue. Por isso eu a coloquei no dedo de Jack e lhe beijei a mão..."

Entremeado com essas lembranças, ditas quase num suspiro, no tom de voz com que Jacqueline Kennedy falava aos amigos íntimos, havia um esforço constante para transmitir a mensagem que eu viera ouvir. Essa mensagem era muito simples. Ela acreditava — e John F. Kennedy

DURANTE A CORRIDA PARA O HOSPITAL, ELA REPETIA: "JACK, JACK, EU O AMO"

AP

MANCHETE

No avião, antes do julgamento de Johnson, pediram a ela que limpasse o sangue da cabeça com uma toalha úmida. Nas cerimônias fúnebres ela foi impecável. Queria chorar, mas não podia.

partilhava dessa convicção — que a história pertence aos heróis e os heróis não devem ser esquecidos. Falamos das 8 horas e 30 minutos da noite até quase meia-noite. E só depois disso ela se desligou da cena de sangue para dizer claramente: "Mas há uma coisa que eu gostaria de confessar... Estou tão envergonhada de mim mesma... Quando Jack citava alguma coisa, geralmente era uma página clássica... Não, não procure me proteger agora... Eu não me canso de dizer a Bobby: 'preciso falar com alguém, preciso ver alguém'. Isso tem sido quase uma obsessão, a tal ponto que eu fico pensando se isso não seria uma fala de uma comédia musical. É uma verdadeira obsessão... À noite, antes de irmos dormir... Tínhamos uma velha vitrola e Jack gostava de ouvir alguns discos. Suas costas doíam e o chão era muito frio. Eu saía da cama de noite e punha na vitrola os seus discos favoritos... Era uma vitrola já com dez anos de uso, e a canção de que ele mais gostava era a última do disco, *Camelot*, a triste *Camelot*, de uma comédia musical... Tinha uns versos que diziam: *'Nunca se esqueça de que houve um lugar, que por um breve e luminoso momento, foi conhecido como Camelot...'* Nunca haverá novamente outro Camelot..."

"SABE o que penso da história? Por algum tempo pensei que a história era uma coisa amarga, escrita por homens velhos. Mas Jack amava tanto a história... Ninguém jamais saberá tudo a respeito de Jack. Mas a história fez de Jack o que ele foi... um rapaz solitário, doente por tanto tempo, mas sempre agarrado aos livros, lendo a história dos Cavaleiros da Távola Redonda, tal como era contada naquela comédia musical... naquela última canção de que ele tanto gostava...

Depois eu pensei: para Jack a história estava cheia de heróis. E se a história havia feito dele o que ele era, talvez outros rapazes também nela do mesmo modo se inspirassem. Os homens são uma combinação de bondade e maldade... Ele era um homem tão simples! E, ao mesmo tempo, tão complexo! Jack tinha uma idéia heróica da história, um ponto de vista idealista. Mas também tinha outro lado, o lado pragmático. Seus amigos eram seus velhos amigos. Ele adorava a sua Máfia irlandesa.

"História!" — e ela voltou, mais uma vez, à cena do assassinato, como aconteceu durante toda a conversação... "Todos me diziam para enrolar uma toalha úmida na cabeça e limpar o sangue (ela lembrava agora a cena do juramento de Lyndon Johnson a bordo do avião Air Force One, que transportava também o esquife de seu marido). Então eu me olhei no espelho e vi que todo o meu rosto e o meu cabelo estavam borrifados de sangue. Limpei o sangue com papel absorvente. História! Eu pensei — ninguém realmente deseja a minha presença aqui. Depois, um segundo depois, pensei: Por que limpei esse sangue? Devia ter deixado que permanecesse onde estava para que eles vissem o que haviam feito. Ah, se eu tivesse ainda esse sangue e o cabelo desgrenhado quando tiraram aquela fotografia!... Mais tarde, eu perguntei a Bobby qual era a linha divisória entre a história e o drama."

A certa altura, ela me dissera: "Caroline me perguntou: Mamãe, que espécie de oração devo fazer?' Eu respondi: Faça qualquer uma que você quiser. *'Deus, tome conta do papai! Oh, por favor, meu Deus, seja bom para o papai'* — ou qualquer outra assim." O que Jacqueline Kennedy estava me dizendo agora era: *"Por favor, História, tome conta de Jack. Seja bondosa com ele, não deixe que os homens amargos escrevam coisas ruins contra ele."*

Por tudo isso, então, tentei escrever essa história. Bati apressadamente as minhas notas, num quarto de empregado, e 45 minutos depois estava pronta a história. As 2 horas da madrugada, da cozinha dos Kennedy, eu ditava o que escrevera, pelo telefone, aos meus editores favoritos, Ralph Graves e David Maness, que, como bons jornalistas, a despeito do alto custo da paralisação das máquinas impressoras, nem por isso deixaram de procurar melhorar o texto que eu lhes ditava, já bastante alterado por ela própria. Jacqueline, a certa altura, balançou a cabeça, contrariada. Ela queria que Camelot fosse citado no título da história. Camelot, os heróis, as lendas e histórias de fadas, tudo isso para ela fazia parte da história. Maness ficou impressionado com o tom com que ela insistia em que Camelot fosse mantido. E deixou que a história fosse publicada assim.

DESSE modo o epitáfio do governo Kennedy foi Camelot — um momento mágico da história norte-americana. O que, na verdade, representa um falseamento da história. A Camelot mágica de John F. Kennedy nunca existiu. Os cavaleiros da sua Távola Redonda eram homens hábeis, duros, ambiciosos, capazes de afetos generosos, mas suscetíveis de errar. De todos eles, Kennedy era o mais duro, o mais inteligente, o mais atraente — e, interiormente, o menos romântico. Ele era um realista ao lidar com os homens, um mestre no jogo político que conhecia a importância das idéias. Ele promoveu a causa dos Estados Unidos interna e externamente. Mas também colocou seu país pela primeira vez diante da grande questão das décadas de 1960 e de 1970: "Que espécie de povo é o povo norte-americano? Em que nós pretendemos nos transformar?"

Durante 25 anos, fui fascinado pelas relações do líder com o poder, do estado com a força, do conceito com a política — e mais recentemente do herói com as circunstâncias que o rodeiam. E nunca mais, depois de Kennedy, visualizei homem algum como um herói.

ESTA NOVIDADE DA PI
ALGUNS CIÚMES.

NOVO PHILIPS 26 A CORES COM CONTROLE REMOTO.

Com o Controle Remoto Philips pode ser que você venha a perder o Jarbas, mas não vai precisar perder a pose. A um simples toque de seu dedo, ele liga o aparelho, muda direto de um canal para outro, ajusta o som, as cores etc. Mas escolher o melhor programa continua sendo uma obrigação sua.

Atenção críticos de tv, colunistas sociais, empresários evoluídos, artistas da moda, gente que vê tv e assume e gente que vê e não assume: algo de novo está surgindo na televisão brasileira.

A Philips acaba de lançar a sua nova linha a cores equipada com Controle Remoto.

O Controle Remoto da Philips demorou um pouquinho para estrear, mas garante que foi bem mais elaborado do que o melhor "especial" da tv que você conhece.

Para começar, ele rompeu com todos aqueles esquemas clássicos dos controles remotos do passado.

Nele, o comando é feito por meio de raios infra-vermelhos, o sistema que menos admite interferências neste país.

Na unidade de comando do Controle Remoto Philips as teclas são agrupadas da maneira mais racional possível. E o seu desenho é tão moderno que ele se ajusta naturalmente à sua mão.

É muito mais agradável manejá-lo sentado em sua poltrona do que ficar dando ordens ao mordomo toda vez que você quiser acertar as cores, abaixar o volume ou simplesmente dar uma olhada em outro canal para ver se o jogo já começou.

Leve o conforto (e o charme) do Controle Remoto Philips para sua casa.

Mas antes, não se esqueça de arranjar uma outra ocupação importante para o Jarbas.

Você sabe como os mordomos são sensíveis...

Este é o mais perfeito aparelho de Controle Remoto que você pode ter nas mãos. Palavra do maior fabricante de televisores do mundo.

O Controle Remoto Philips é o único que tem a Tecla Verde. Ela funciona como memória, fazendo os controles retornarem à posição previamente ajustada no painel do aparelho.

O novo Philips 26 com Controle Remoto vem em três modelos: de mesa, console moderno e console clássico. Todos com seletor de canais eletrônico, sistema de pré-sintonia das estações embutido no painel e aquelas cores fiéis que só a Philips sabe como conseguir.

PHILIPS

PHILIPS

HILIPS VAI PROVOCAR

Segure o seu mordomo. Diga que o Controle Remoto Philips pode ser muito prático, mas nunca irá cuidar tão bem da sua coleção de cachimbos quanto ele.

ADOLPHO BLOCH escreve

CARTA A JK
(2º aniversário)

MEU caro Presidente: Estávamos em São Paulo, na Casa da Manchete, na Avenida Europa. Às seis horas da manhã, o senhor bateu na porta do meu quarto, chamando-me para o café. Viera passar três dias comigo. Era sábado, 21 de agosto de 1976.

Entramos pela cozinha. O fogão já estava aceso. A Elisabete preparava o filé fininho que o senhor gostava e queria aprender a fazer. Tomamos o café, felizes, depois o senhor me levou para o sofá e me disse:

"Bloch, quero falar com você."

Contou-me muitas coisas de sua vida, de seus amigos, de sua infância, da sua luta. Ficamos juntos a manhã inteira. Sua conversa, inteligente, me empolgava. Fiquei sensibilizado quando me chamou de "meu irmão":

"Você sabe, Bloch, eu tinha um irmão que era o Dr. Júlio Soares, marido de Naná. Hoje, meu irmão é você. Preciso que cuide de sua saúde. Na sua última operação, você me preocupou bastante."

Naquele dia, eu o achei diferente. Senti que havia alguma inquietação. O Brasil era uma presença em sua conversa. O senhor comentou:

"Como é fácil resolver os problemas. Difícil é conservá-los!"

Lia o livro *Ó Jerusalém*, de Dominique Lapierre e Larry Collins. Vibrava a cada página. Dava gargalhadas lembrando que, duas semanas antes, correra grave boato a respeito de sua saúde. Na sua fazenda de Luziânia chegaram vários carros com jornalistas, radialistas e pessoal da tevê. Ficaram surpresos quando os recebeu com abraços e sorrisos. Eu mesmo, preocupado, pedi ao Sérgio Ross, em Brasília, para visitá-lo e mandar-me notícias. Esperei ansioso o telefonema, em companhia do Cony. Já tinha providenciado um avião para irmos lá. Felizmente, tudo não passara de um boato. Intimamente, agradeci a Deus o feliz desfecho daquele dia.

Voltando àquele sábado em São Paulo. Saímos para almoçar em casa de amigos, em companhia de Olavo Drummond. Depois, o senhor me levou até o aeroporto, pois eu regressava ao Rio. Abraçamo-nos. O seu abraço foi forte e especial. Percebi que me olhou com tristeza. Não sei por que, senti aquela despedida.

À noite, o senhor compareceria ao jantar dos membros e colaboradores da Comissão Interestadual da Bacia do Paraná—Uruguai, no Clube Nacional. No bolso, estava o seu bilhete de volta para Brasília, no dia seguinte. Domingo à noite, em minha casa no Rio, conversava com Lucy, o Professor Adriano Moreira e o Cony sobre Portugal. O telefone tocou. Era o Rodrigo. Perguntava-me se eu sabia de um desastre na Rio—São Paulo. Exclamei: "Não é possível! O Presidente ia viajar de avião para Brasília. Se viesse para o Rio, eu esperaria mais um dia e teríamos vindo juntos, no meu carro. Ele não pôde aceitar o convite, pois tinha necessidade de estar em Brasília!" Dez minutos depois, recebia um telefonema de Resende. Era o Mário Tamborindeguy, confirmando o desastre.

FIQUEI estarrecido. Momentos depois, chegava o meu médico, Dr. Raimundo Carneiro. E Carlos Lacerda, Oscar, Jaquito, Murilo Melo Filho — a família MANCHETE, que era sua gente. Lacerda me abraçou e soluçou no meu ombro. Nos dias seguintes, milhares de brasileiros também soluçaram. (Eu não acreditava, ainda. Só aceitei a realidade quando vi a maleta com o *robe-de-chambre* que o senhor usara na véspera, para tomar o café comigo. E o exemplar de *Ó Jerusalém* que estava lendo lá em casa.)

Na sede de MANCHETE, no Russell, o povo fazia filas. Fomos a pé, cantando o *Peixe-Vivo*, até o Aeroporto Santos-Dumont. Em Brasília, foi a apoteose. A cidade de que o senhor foi o fundador e cronista lhe pertence. Hoje, Brasília tem alma.

Dois anos se passaram. Estamos no Campo da Esperança. Leio o seu epitáfio, tirado do livro *Por que Construí Brasília:* "Tudo se transforma em alvorada nesta cidade que se abre para o amanhã..."

PASSEI a noite na Fazendinha JK, em companhia de sua família. Dona Sarah fez questao de inaugurar uma placa com o nome de Oscar Niemeyer e o meu na capelinha de Santa Júlia. Foi um ato simples e tocante. Márcia, Maria Estela, Rodrigo, Ana Cristina, todos estão bem. Sua presença permanece neles.

O senhor continua sendo o nosso líder. A sua vida é um exemplo para o Brasil. O menino descalço que saiu de Diamantina, com a mala de papelão sobre a cabeça, para tentar o concurso de telegrafista em Belo Horizonte, foi o nosso maior estadista de todos os tempos.

Na sua casa, no Campo da Esperança, uma singela coluna de mármore simboliza os palácios da capital. Fomos visitá-lo. O silêncio do planalto dominava nossas almas. O seu nome é reverenciado por todos os brasileiros. Suas obras tornaram o Brasil grande.

Às seis horas de cada manhã, olho o telefone. Era quando me chamava para dar uma volta na praia. Um passeio alegre, o senhor contava as últimas notícias ou comentava o livro que estava lendo. Era a caminhada para mais um dia feliz. Setecentos e trinta dias se passaram. Pode estar certo de que, em nenhum desses dias, deixei de pensar no meu Presidente, no meu amigo, no meu irmão.

Do seu companheiro de sempre

Adolpho Bloch

Enfim um verão chic. Chegaram os novos maiôs PeWeCe.

PWC

RINO

TDB
O melhor tecido.

Lycra®
O fio elastano que só a Du Pont fabrica.

REF. 34300 / REF. 34315

ELE não é James Cagney, mas também tem mil caras. Desde menino, Agildo Ribeiro se exercita na arte da imitação: "Comecei no colégio militar, onde a ausência de vocação para a carreira me fazia passar o tempo imitando o bedel, os colegas e até o ministro da guerra, se ele tivesse aparecido por lá." Nessa época, Agildo ouviu pessoas falarem no seu talento e na necessidade de aproveitá-lo: "Até hoje não sei bem o que é ter talento. E nem a tal de vocação, nome chique dado à paciência, pois para fazer o que faço é necessário ter paciência. Então, aliando o tal de talento à tal de vocação, profissionalizei o meu temperamento e ganhei dinheiro. Hoje, sou uma instituição artística!" Agildo, grande humorista, e grande ator, é capaz das mais variadas expressões faciais — com ou sem ajuda da produção. Embora sua intenção seja trabalhar cada vez mais de cara limpa, acaba de fazer um comercial de tevê. Nele aparece como Rainha Elizabeth, Moshe Dayan, Jimmy Carter, Leonid Brejnev e Arafat. Pelo trabalho, recebeu 200 mil cruzeiros e uma maquilagem perfeita de Eric Rzepecki. Diz Agildo: "Foi o melhor desempenho da minha vida."

As mil caras de AGILDO RIBEIRO

Reportagem de Lúcia Leme

Para fazer um Jimmy Carter convincente, Agildo Ribeiro nem precisou consultar os assessores do presidente americano. Transformado em Elizabeth II da Inglaterra, já se arriscou a ouvir o "Deus Salve a Rainha". Como Brejnev, convenceria o mais matreiro dos russos. Consegue imitar personalidades tão contraditórias como Moshe Dayan e Arafat. Mas, de cara limpa, Agildo Ribeiro é uma pessoa comunicativa e um grande ator. A sério.

personagens importantes nomes da política internacional

Adir Mera

Novo Philco 20 com
A emoção

Modelo B-819 - 43 cm (17")
Tecla AFT - mantém automaticamente perfeita a sintonia fina em cada canal.
Produzido na Zona Franca de Manaus.

Modelo B-824 - 47 cm (18")
Cinescópio Showcolor (Black Matrix) - cores mais nítidas e naturais. Baixo consumo de energia.

Modelo B-825 - 51 cm (20")
Dotado de Seletor Digital Eletrônico - um leve toque muda o canal. Cinescópio Showcolor.
Em duas versões: com ou sem Controle Remoto Eletrônico de 8 funções.

Modelo B-826 - 66 cm (26")
Seletor Digital Eletrônico. Cinescópio Showcolor.
Tecla Magic: realiza automaticamente os ajustes de cor, contraste e brilho. Com ou sem Controle Remoto Eletrônico de 8 funções.

CBBA

PHILCO 85 ANOS
85
E SÓ ESTAMOS NO COMEÇO

A última criação da mais avançada linha

cinescópio Showcolor. colorida.

Modelo B-828 - 51 cm (20")

- *A emoção do novo cinescópio Showcolor com Black Matrix, que proporciona mais brilho e mais contraste, tornando as cores mais nítidas e naturais.*
- *A precisão da tecla AFT (Sintonia Fina Automática), que mantém o aparelho com perfeita sintonia em cada canal, eliminando a necessidade de contínuos ajustes.*
- *A economia, eficiência e durabilidade da transistorização total e a utilização de Circuitos Integrados.*
- *A beleza e modernidade do gabinete de alto luxo.*
- *A qualidade multicontrolada Philco.*

de TV em cores do Brasil.

PHILCO Ford

As cores como a natureza criou.

Enquanto se preparava em Brasília o lançamento de seu nome,

o candidato oposicionista expunha a MANCHETE seu pensamento político

EULER

"ENTRO NA LUTA PARA VENCER"

Coordenação de G. Pedrosa Filho

Dias antes do lançamento de sua candidatura à Presidência da República, pelo MDB, o General Euler Bentes Monteiro, 61 anos, da arma de Engenharia, falou à equipe de MANCHETE, durante duas horas, sobre problemas da atualidade política. Justificou, então, a tese do governo transitório e esclareceu posições em face do nacionalismo e da estatização de setores da economia. O general, um homem tranqüilo, que mora num apartamento simples, típico da classe média, em Copacabana, colocou maior ênfase, entretanto, na necessidade da restauração plena do regime democrático, através de uma Assembléia Nacional Constituinte. "Ali o povo se manifestará legitimamente, de baixo para cima", afirma Bentes, que entra na luta eleitoral "para vencer".

Murilo Melo Filho — A retirada do nome do Senador Magalhães Pinto enfraqueceu ou fortaleceu sua candidatura?

Euler Bentes — Evidentemente que enfraquece. Nós estimaríamos que todos aqueles que se colocam em oposição ao candidato oficial estivessem reunidos, pois a disputa deve ser travada dentro dos quadros legais. Mas temos confiança em que o Senador Magalhães Pinto estará conosco em idéia e objetivos e, desde que surja uma candidatura, acreditamos que ele lhe dará seu apoio. Isso, porque essa candidatura é acima de tudo um instrumento para se conseguir um objetivo maior: a volta ao estado de direito. É a partir dessa aspiração nacional — a restauração democrática — que todos devem estar unidos.

Argemiro Ferreira — O senhor definiu sua candidatura como de pacificação e reconciliação. De que forma as Forças Armadas são sensíveis a essa candidatura, com todas as suas implicações no campo da redemocratização?

Euler — O que importa não é propriamente a minha candidatura, mas o projeto político que ela traduz — de volta ao estado de direito, o mais rápido possível. Quanto às Forças Armadas, tenho a crença de que majoritariamente elas desejam afastar-se de todo o processo político, com a restauração do governo civil, normal, democrático. Sair, em síntese, do regime de exceção. Mas a minha pregação se dirige fundamentalmente à sociedade brasileira. Tenho observado que os segmentos sociais estão muito encastelados na sociedade civil. Há um encastelamento dos intelectuais, da Igreja, do operariado, do empresariado. E as possibilidades de radicalização existem dentro dos segmentos sociais. Se nós não conciliarmos a sociedade brasileira em todos os sentidos, para que ela não olhe o segmento da sociedade militar como inimiga, ou vice-versa, entraremos despreparados na vida democrática. Os diferentes grupos de interesses e opiniões devem ser vistos com naturalidade e podem ser absorvidos dentro do quadro da convivência democrática.

SEGUE

Euler Bentes Monteiro, general do Exército, hoje na reserva, e candidato do MDB à Presidência da República, é um homem afável e de hábitos simples. Atualmente, ele só tem uma queixa: os compromissos políticos tomam todo o seu tempo, até então dedicado ao estudo.

Frederico Mendes

Ricardo Azoury

A equipe de MANCHETE entrevistou o candidato oposicionista durante duas horas. O general revelou, na ocasião, que gosta de conversar com a imprensa, lamentando apenas que em alguns momentos seu pensamento político e econômico seja distorcido pelos meios de comunicação.

"OS MILITARES TÊM CONSCIÊNCIA DE QUE

Irineu Guimarães — Qual é o indicador que o senhor tem para saber que parcelas das Forças Armadas não respaldam mais o poder político?

Euler — Apesar de estar há um ano fora do meio militar, vivi ali parte substancial de minha existência. Hoje, meus contatos são mais com oficiais da reserva, mas quase todos também egressos relativamente há pouco tempo dos quartéis. Por seus depoimentos, verifico que esse sentimento é generalizado. Até porque o meio militar se ressente ao ver a sociedade civil olhando-o quase como um inimigo. Insisto em dizer, entretanto, que os militares brasileiros não formam uma casta, mas uma corporação, muito consciente de seus deveres profissionais e que zela pela união nacional. Nessa linha, eles têm consciência de que a nação anseia pela volta ao regime democrático. Num desdobramento natural dessa constatação, os militares querem sair do processo político, em cujo contexto não estão sendo mais compreendidos. A própria abertura política indica uma iniciativa nesse sentido. Não se trata, aqui, de uma avaliação teórica, mas do resultado da acumulação de informações e do desenvolvimento dos fatos.

Força da opinião pública no processo eleitoral

Ivan Alves — Quais são as fontes do seu otimismo quanto às suas possibilidades dentro do Colégio Eleitoral montado pelo sistema? Como o senhor espera chegar lá, derrotando o candidato oficial?

Euler — Quem entra numa disputa, não o faz com a certeza de ganhar, mas com a disposição de ganhar. E temos essa disposição, apesar de a legislação eleitoral ser extremamente restritiva. Essas restrições visaram justamente a garantir a vitória de um candidato oficial. Mas respondendo concretamente à pergunta: além das bancadas do MDB, deverão sufragar a candidatura da oposição os dissidentes da Arena, de posições já conhecidas há longo tempo, e outros citados cujos nomes não devem ser citados porque estariam sujeitos a pressões políticas. Há outro aspecto na questão: um mês após a eleição para a Presidência e Vice-Presidência da República, os políticos estarão disputando eleições. E eles têm que ser fiéis ao eleitorado. A maioria da população deseja a volta ime-

Cláudio Alves

Euler Bentes Monteiro assinou na semana passada, em Brasília, na presença do Deputado Ulisses Guimarães, a ficha de inscrição no MDB. Era uma providência básica para o lançamento do seu nome como candidato oposicionista à Presidência da República.

Ricardo Azoury

diata ao estado democrático e os políticos terão que ser sensíveis à opinião pública. Isso naturalmente repercutirá no Colégio Eleitoral.

Argemiro Ferreira — Na sua avaliação dos números das dissidências, o senhor leva em conta também o caráter adesista de parte substancial do MDB do Rio de Janeiro — o chamado grupo chaguista?

Euler — Tudo isso tem que ser levado em consideração. Observo, entretanto, que os adesistas de hoje poderão deixar de sê-lo amanhã. Tudo é relativo. O êxito de uma campanha vai repousar no sucesso que se obtiver progressivamente. Há condições de disputa. Certeza de vitória ninguém pode ter a essa altura dos acontecimentos. Se o governo federal, por exemplo, tivesse certeza da vitória do seu candidato, por que estaria tentando esvaziar a Frente Nacional de Redemocratização de todas as maneiras? Por que essa massa de propaganda contra a eventual candidatura oposicionista, por que fechar questão, por que forçar compromissos junto aos membros do Colégio Eleitoral recentemente designado? Por que a pregação do candidato oficial, que nunca saiu dos escritórios de planejamento? A própria situação vem mostrando que o governo será obrigado a trabalhar muito.

Irineu Guimarães — O governo não teria meios de esvaziar de maneira até arbitrária uma candidatura como a sua? Se não o faz, não é uma prova de que está desejando um debate democrático desse tipo?

Euler — A meu ver, o governo federal não vai usar mais arbítrios. Até porque não teria mais condições para isso.

Irineu Guimarães — Qual a diferença precisa entre suas posições e as do governo federal?

Euler — Brasília tem um projeto de abertura política, mas, no nosso entender, ele não institucionaliza o regime democrático. E, se não institucionaliza o regime democrático, não é a proposta desejada pela nação. Por isso mesmo é que defendemos um outro tipo de projeto, o de institucionalização do regime democrático. O projeto governamental é mais uma liberalização a caminho, e a restauração plena do estado de direito ficaria para uma etapa desconhecida.

Ivan Alves — A solidificação da consciência democrática não é uma das garantias contra o uso do arbítrio?

Euler — Eu creio que sim. Quando constituímos a Frente, e insisto em que o problema da candidatura sempre foi secundário, colocamos como objetivo principal de sua pregação a volta ao estado de direito. Esse ficou sendo o nosso denominador comum, unindo o povo em torno do princípio da restauração democrática. Essa união, a partir de uma consciência democrática, é uma garantia contra qualquer tentativa de retrocesso.

As cautelas do Planalto em defesa do sistema

Argemiro Ferreira — Num primeiro momento, chegou-se a afirmar que sua candidatura interessaria ao governo, na medida em que legitimaria o processo da eleição eventual do candidato do Palácio do Planalto. Mas o governo não teria mudado de posição, ao verificar o crescimento de seu nome?

Euler — O senhor colocou delicadamente um problema que tem sido apresentado de forma maldosa. Isso não resiste ao mínimo de análise. As origens de especulação são conhecidas e visam a confundir a opinião nacional. Vamos remontar ao pacote de abril para começar a desmontar a especulação. Aquele conjunto de providências visou a cercar a eleição deste ano de todas as garantias possíveis — para o governo. Editaram-se medidas estranhas, como a criação dos senadores biônicos, e tratou-se da reorganização partidária. A seguir, não satisfeito com aquelas cautelas, o Planalto antecipou o lançamento do nome do seu candidato, para que não ocorresse qualquer surpresa. O quadro estava arrumado para garantir a continuidade da situação vigente. O governo achava, com tudo isso, que venceria tranqüilamente o pleito. E não lhe interessava uma disputa. Tanto assim que a candidatura do Senador Magalhães Pinto foi bloqueada por todos os lados. Veio, entretanto, a Frente, com sua pregação democrática. As reações são conhecidas. Considerou-se que a Frente era ilegal e ameaçou-se indiscriminadamente seus integrantes. Então, diante do desenvolvimento da função política da Frente, nasceu uma candidatura. Como se poderia deduzir de tudo isso que a minha candidatura consulta os interesses do governo? O pacote de abril talvez tenha sido uma das maiores violências contra os anseios da população. De qualquer forma, porém, estabeleceu-se um quadro legal, embora estreito. É dentro desse quadro legal que as oposições vão atuar. Torna-se agora impossível ao governo fechar ainda mais esse processo, já tão restrito.

Ivan Alves — Na reunião da Frente, em Porto Alegre, as reações do auditório não foram propriamente entusiásticas quando o senhor se pronunciou sobre os ideais de 1964. Como recebeu essa manifestação?

Euler — Eu observaria preliminarmente que o auditório não reagiu como um todo naquele sentido. Em qualquer concentração popular, há divergências e essas divergências se expressaram democraticamente na Assembléia Legislativa, em Porto Alegre. E quem está dentro de uma campanha tem que aceitar divergências, também. Não se trata, aqui, de uma colocação política de conveniência. Nós temos a convicção de que fizemos o movimento de 1964 para impedir a subversão do regime democrático. Hoje, numa posição de absoluta coerência, defendemos a volta do estado de direito.

Ivan Alves — Quais são as suas preocupações com a integração nacional?

Euler — Essa foi uma de nossas primeiras preocupações ao fundarmos a Frente. Se não integrarmos classes e regiões, nos planos humanístico, político, econômico e social, marcharemos para uma desintegração nacional. Eu me refiro ao lado humanístico, mas também me preocupo com a área do desenvolvimento, sob o ponto de vista político. Só no restabelecimento do estado democrático o povo estará habilitado a dizer como a sociedade brasileira deve ser organizada e dirigida. Não é de acordo com a minha opinião e a dos senhores, mas sim de acordo com a maioria das correntes da opinião nacional, que serão constituídos os partidos políticos e seus programas de ação. A própria composição da Frente mostra que a nossa colocação é de baixo para cima.

Heloneida Studart — Qual a sua opinião sobre a reforma agrária?

Euler — A opinião pessoal pode ser mal interpretada dentro desse movimento de que participamos. Conheço o Nordeste há quarenta anos. Na década de 30, os meios de comunicação eram precários. Palmilhei todo o interior do Nordeste e às vezes levava dias para me transportar de uma cidade a outra. A situação social era terrível: crianças morrendo por falta de alimentação e assistência médica, falta de serviço de infra-estrutura etc... Hoje, em conseqüência da penetração dos meios de comunicação, toda aquela população sabe o que os outros, mais afortunados, têm. E já não há mais resignação. A sua pergunta foi específica: sobre reforma agrária. Devemos ser realistas. Ela não pode ser feita nas terras mais longínquas, afastadas dos centros consumidores. A reforma agrária tem que se adequar a premissas de natureza econômica e favorecer a integração econômica. O problema da reforma agrária não visa apenas a atender aos latifúndios, principalmente os improdutivos. Deve contemplar também os minifúndios. No interior do Nordeste, eu vi terras de dois metros de frente e mais de um quilômetro de fundo, onde não há condições de trabalho. Quanto às terras improdutivas que compõem os latifúndios, não podemos ignorá-las. O sentido da especulação imobiliária leva os seus proprietários a mantê-las em estágio de valorização, quando a nação precisa de seu rendimento. Reforma agrária não é, contudo, expropriação. O Estatuto da Terra do Presidente Castelo Branco é, a meu ver, um instrumento eficaz para promovê-la. Estou à vontade para dizer isso porque a apliquei no Nordeste. Desapropria-se a terra improdutiva como, na cidade, se desapropria um prédio que impede a passagem do metrô, que servirá a todos. E desapropria-se, pagando-se o preço devido à terra, enquanto, paralelamente, se organizam cooperativas e médias e pequenas empresas que complementarão o trabalho dos agricultores. A reforma agrária atende a um problema econômico de produção, a um problema social e ao esforço de ampliação do mercado interno. Ela deve, portanto, ser feita e o instrumento, a meu ver, é o Estatuto da Terra. Não se trata de distribuir terras, pura e simplesmente.

Nacionalismo no sentido da integração nacional

Murilo Melo Filho — O senhor tem sido apontado como nacionalista e estatizante. Como recebe essas colocações?

Euler — Sou nacionalista porque sempre defendi, com vários outros companheiros, o sentido da integração nacional. Quero que haja um considerável alargamento do mercado de trabalho, uma melhor distribuição de renda e que não se mate a empresa nacional com a empresa estrangeira.

SEGUE

"ESTAMOS SUBMETIDOS A DOIS IMPERIALISMOS: INTERNO E EXTERNO"

Desejo, em síntese, o bem-estar do povo brasileiro. Vou além: minha proposta não é a de Brasil potência, mas a de um desenvolvimento no sentido da felicidade do nosso povo. Quanto à estatização, a colocação que se faz é inteiramente errada. Já tenho esclarecido as coisas, mas as desfigurações voltam sempre. Estatização e nacionalismo são posições bem diversas. Tenho dito e a minha convicção é que no Brasil a democracia está ligada à livre iniciativa. Estão aqui quatorze anos mostrando que a concentração do poder político conduz à concentração do poder econômico. E ainda: a concentração do poder econômico conduz à concentração do poder político. Esta é a minha interpretação dos últimos quatorze anos.

Argemiro Ferreira — Parece que o senhor também defende um controle das multinacionais.

Euler — Sou favorável a uma legislação que defenda o nosso desenvolvimento de um domínio que venha de fora. Não posso admitir que capitais estrangeiros venham para eliminar o que já existe em termos de empresa nacional. Trata-se de uma posição nacionalista, em nada hostil ao capital estrangeiro. Há outras considerações: quando determinado setor vital da economia não for preenchido pelo capital nacional, justifica-se a intervenção do estado. Quero fazer uma nova ressalva: a iniciativa privada não deve agir através de oligopólios e monopólios, o que pode prejudicar o consumidor. Já observei também que a iniciativa privada, que fala muito em concorrência, foge dela sempre que pode.

Argemiro Ferreira — A sua tese sobre governo de transição tem sido denunciada, até sob forma orquestrada, como uma ilegalidade. Como o senhor tem recebido essas críticas?

Euler — Na realidade, não considero que até agora tenha recebido qualquer crítica. Ou as colocações são feitas por elementos do governo, como foi o caso do Senador Petrônio Portella, ou levadas aos jornais por pessoas que representam os interesses governamentais. De tudo isso concluo que o nosso projeto está incomodando os círculos oficiais de Brasília.

G. Pedrosa Filho — Que medidas seriam necessárias para a transição para o estado de direito, que sua candidatura defende num projeto alternativo?

Euler — A plenitude de um regime democrático no Brasil só poderá ser obtida quando se formarem, de baixo para cima, as verdadeiras correntes de opinião. Elas é que vão dizer como se deve organizar a sociedade através da Lei Magna e como o país deve ser dirigido. O nosso entendimento da organização política de baixo para cima inclui a eleição de uma Assembléia Nacional Constituinte, onde se expressaria a verdadeira vontade popular. O meu governo, que prepararia uma nova ordem política e constitucional, teria que ser portanto de transição. Se eleito, mesmo por via indireta, o candidato das oposições carregaria um compromisso de restabelecer a autonomia dos poderes, de revogar leis de exceção. Teríamos, em síntese, necessidade de uma nova Carta Constitucional, pois as de 46 e 67 estão no mínimo desatualizadas. O país cresceu, o operariado cresceu, os problemas sociais se diversificaram e impõe-se a adoção de um novo quadro legal. No menor prazo possível vamos à plenitude democrática com a implantação de uma Constituinte. É assim que justifico o governo de transição.

Um programa de desenvolvimento artificial

Ivan Alves — A Assembléia Constituinte decretaria também a anistia?

Euler — Foi bom o senhor ter levantado essa questão, porque anistia é um gesto de grandeza e esquecimento do passado. O problema da anistia, a meu ver, não pode ser levado, no entanto, politicamente, para posições de confronto dentro da sociedade, num clima de radicalizações. A decretação da anistia envolve problemas políticos, jurídicos e administrativos, até porque os atos institucionais foram usados sob diversas inspirações. Quem está em melhores condições de conciliar ou encontrar melhores soluções para a questão? A meu ver, é o Congresso Nacional, que funciona como uma caixa de ressonância do povo. Ele é historicamente sensível às pressões legítimas da opinião pública, que se incorporam às suas leis, e assim está habilitado a solucionar o problema.

Heloneida Studart — Poderia desenvolver um pouco mais sua idéia sobre este processo de integração de todos os segmentos da sociedade?

Euler — Começaria analisando mais detalhadamente essa idéia bastante espalhada de Brasil potência, Brasil nação emergente. Este projeto comporta distorções muito graves que levam a conseqüências sociais desastrosas. Dizer que o Brasil já figura entre as cinco grandes potências do mundo é, no fundo, formular um programa de desenvolvimento artificial e acelerado totalmente alheio aos interesses legítimos do povo brasileiro. A ambição de figurar entre os grandes leva a um crescimento espetacular para fora, e expõe o país a pressões de todos os tipos, mas pressões próprias às grandes potências. Assim ficamos pressionados interna e externamente, submetidos a dois tipos de imperialismos igualmente perniciosos: o de fora e o de dentro. Não podemos disputar certos desempenhos das grandes potências, até mesmo porque muitos desses desempenhos não apresentam para nós o menor interesse. É simplesmente coisa de exibição. Pelo contrário, o que nos é indispensável é um crescimento harmônico, integrado, em que todas as camadas sociais possam desfrutar proporcionalmente dos bens e do confronto a que têm direito. Nós, que estamos reunidos aqui, somos um pequeno grupo de privilegiados, que podemos educar nossos filhos, conseguimos morar direito, e temos um relativo conforto material e espiritual. Mas quantos são, num país de 110 milhões de habitantes, os que desfrutam desta situação? Chegarão a vinte, quinze, dez por cento? Aí está o sentido profundo de meu projeto de crescimento integrado. Temos de promover a ascensão de um número cada vez maior de brasileiros a este nível em que vejam garantidos os direitos essenciais de morar, educar os filhos, ter emprego e segurança. Somente depois disso é que teria algum sentido se pensar na projeção do Brasil como potência. Antes é uma perigosa distorção.

Ivan Alves — Essas distorções seriam conseqüências diretas da aplicação de um determinado modelo?

Euler — Existe atualmente um processo de avaliação econômica muito em moda que é a chamada *técnica dos indicadores*. De acordo com os desempenhos do país em determinados setores, tomam-se indicadores para tentar comparar com as performances de outros grandes países, e depois encontra-se uma classificação altamente lisonjeira. Formulamos então previsões extremamente otimistas quanto à posição que o país ocupará durante a década de oitenta, noventa, etc. Seremos, se é que já não somos, o país líder do chamado Terceiro Mundo. Ora, tudo isto é extremamente falso, tudo isto é cuidadosamente preparado lá fora, em laboratórios políticos altamente especializados, para puxar o país para trás. Porque realmente esta colocação não tem sentido. A nação é obrigada a sustentar os indicadores artificiais para garantir a afirmação de poder no plano externo, e no plano interno as estruturas jamais se consolidam. Ficamos eternamente aprisionados dentro de um círculo vicioso, em que os pobres nunca conseguem deixar de ser pobres, a concentração de renda cada vez maior vai coexistindo com a fome, o subdesenvolvimento e a subeducação. Basta dizer que, numa população de sessenta milhões de crianças, temos treze milhões de chamados *menores abandonados* entre 10 e 12 anos de idade. Ora, que potência emergente é esta? A análise dos tais *indicadores* interessa muito é às multinacionais, que só podem se desenvolver no desequilíbrio das outras nações. É preciso que nossas elites tomem consciência deste absurdo, desta ilusão muito bem promovida internacionalmente. Não sou absolutamente nada xenófobo. Não existe a menor ponta de xenofobia em minhas posições. Mas sou realista, sou brasileiro, conheço meu povo e quero bem a meu país. Por isso posso dizer que sou nacionalista.

Cláudio Alves

Euler discursa no MDB, ladeado pelos líderes oposicionistas Ulisses Guimarães (à direita do orador), Paulo Brossard e Tancredo Neves. Agora é a Convenção Nacional.

A GRANDE MÚSICA DO BRASIL

A GRANDE MÚSICA DE
CHICO BUARQUE
Arranjo Sinfônico: Maestro Guerra Peixe

1

A GRANDE MÚSICA DE CHICO BUARQUE

As principais obras da música universal se inspiraram em temas da música do povo. Através das variações, do desenvolvimento, da re-elaboração e da execução por grandes e completos conjuntos instrumentais - as orquestras sinfônicas - a alma e o talento dos povos se permutaram, tornando universal o nacional e tornando eterno o transitório.

Ao completar 30 anos, a "Copacabana" inicia a execução de um projeto cujo objetivo principal é dar valorização máxima à música produzida pela sensibilidade e pelo talento do povo brasileiro, anônima ou de autor, de todos os tempos. As obras serão arranjadas para execução por orquestra sinfônica, de câmera ou bandas de músicas, capazes de dar dimensão máxima ao talento do criador e à emoção do ouvinte. E também para interpretação vocal, ressaltando o valor poético-literário do cancioneiro brasileiro e revivendo o cantor e a cantora, que estão desaparecendo da cena musical.

O projeto (concepção e direção de Marcus Pereira) se desdobra em três séries, com lançamentos mensais.

1 - A GRANDE MÚSICA DO BRASIL
Direção musical e arranjos: *Maestro GUERRA PEIXE*
Disco nº 1 *- Chico Buarque de Hollanda*

2 - GRANDES AUTORES - GRANDES INTÉRPRETES
Esta série visa reviver o cantor e a cantora marginalizados a partir do momento em que os compositores começaram a interpretar suas próprias músicas. E reviver também o repertório dos maiores compositores brasileiros de todos os tempos.
Direção musical - Maestro MARCUS VINICIUS
Disco nº 1 - Autor *- Joubert de Carvalho*
Intérprete *- José Tobias*

3 - TRÊS SÉCULOS DE MÚSICA BRASILEIRA
Esta série visa divulgar as mais belas obras de compositores do passado, anônimos ou identificados, dos séculos 18, 19 e 20: valsas, mazurcas, polcas, chotis, lundús, maxixes, choros, dobrados.
Pesquisa, reconstituição e direção musical:
RÉGIS DUPRAT e ROGÉRIO DUPRAT.
DISCO Nº 1 - VALSAS E POLCAS

copacabana
30 anos
a grande música do Brasil

VOCÊ É BRASILEIRO? NÓS TAMBÉM!

marcus pereira publicidade

NOTÍCIAS que valem MANCHETE

Zevi Ghivelder

O jornalista Robert Stephen Spitz *escreve num explosivo artigo para a revista* Penthouse *que o complexo norte-americano de alcançar a perfeição das ginastas* Nadia Comaneci *e* Olga Korbut *está prejudicando dezenas de crianças nos Estados Unidos. Ele se refere, em especial, à Escola de Ginástica Grossfeld, no Estado de Connecticut, "onde meninas de cinco anos vêem-se submetidas a uma intolerável lavagem cerebral com essa finalidade".*

"Os que contribuíram anonimamente para ascensão de *Hitler* não são mais anônimos." Esta é a frase que abre a campanha da editora americana *The Dial Press*, anunciando a publicação, em novembro, do livro *Quem financiou Hitler*, de *James* e *Suzanne Pool*. Trata-se de um criterioso levantamento das origens dos fundos obtidos pelo partido nazista, em treze países de diversos continentes, de 1919 a 1933.

De *Ronald Reagan*, escrevendo em sua coluna que é publicada por dezenas de jornais de costa a costa dos Estados Unidos: "Se os sul-africanos não podem competir nos Jogos Olímpicos por causa do *apartheid*, como podem os russos sediá-los, enquanto confinam seus dissidentes em campos de concentração?" E completa: "Não me consta que os russos tenham demonstrado respeito aos ideais olímpicos."

A maior atração do recente Festival de Sete, estação francesa de veraneio, foi a encenação de *Rei Lear*, tendo *Jean Marais* como protagonista. Ele interpretara *Shakespeare* apenas uma vez, no começo de sua carreira, quarenta anos atrás, vivendo o personagem *Malcolm*, em *Macbeth*. E guarda um ressentimento: "Quando me convidaram para fazer o *Romeu*, eu já tinha 36 anos de idade."

Os mais ricos

O Livro do Ano de 1978, editado pela Organização Para a Cooperação Econômica e o Desenvolvimento, organismo das Nações Unidas, divulga dentre 24 países industrializados, fora do bloco comunista, os que apresentam maior renda anual *per capita*. Eis os cinco primeiros (cifras em dólares): Suécia — 9.030; Suíça — 8.870; Canadá — 8.410; Estados Unidos — 7.910; Noruega — 7.770. Esses cálculos se baseiam em dados e estatísticas de dois anos atrás.

Celebridades e publicidades

Segundo uma reportagem de *John Cooney*, publicada pelo *The Wall Street Journal*, as agências norte-americanas de publicidade começam a se indagar sobre a validade de usarem celebridades para a propaganda de diferentes produtos. A firma *International Playtex*, por exemplo, produzira um comercial de sutiãs para a televisão, estrelado por *Jane Russell*. Há pouco, entretanto, a atriz foi levada a julgamento por dirigir embriagada e os diretores da empresa temem que isso venha a afetar a imagem de seu produto. Em outro comercial de televisão aparece o ator *Karl Malden*, promovendo cheques de viagem, e dizendo que em caso de furto ou extravio o adquirente é reembolsado com o valor total no mesmo dia. Uma cliente perdeu seus cheques durante uma viagem a Quito, no Equador, e dos 1.400 dólares que se foram conseguiu reaver apenas 100 no prazo anunciado. Fim da história: entrou na Justiça, processando não somente o banco, mas também o artista, e exigindo uma indenização no valor de um milhão de dólares.

Algo de novo no ar: os aviões de carreira

A revista U.S. News & World Report *publica uma reportagem em que é analisado de forma objetiva e fundamentada o futuro da indústria aeronáutica civil. As empresas norte-americanas* Boeing *e* McDonnell Douglas *sentem que a primeira geração dos jatos (707, DC-8 e similares) começa a tornar-se obsoleta e, assim, novos planos e recursos estão sendo acionados. A* Boeing *empreende a fabricação do modelo 767, com capacidade para 197 passageiros e velocidade de 850 quilômetros por hora, já tendo a* United Airlines *encomendado trinta unidades. A* Lockheed *vai lançar o tipo 1-1011-400, para 233 passageiros e velocidade de 880 quilômetros por hora. Mas, por enquanto, quem está por cima é o consórcio europeu* Airbus, *cujo avião A310 já conta com vinte encomendas e quarenta opções de diversas companhias, entre as quais:* Air France, Lufthansa, Swissair *e* Iberia. *O aparelho transportará 201 passageiros a uma velocidade de 850 quilômetros por hora.*

A Máfia americana tem um novo *capo di tutti capi*, conforme revela em recente reportagem o jornalista *Jerry Capeci*, do jornal *New York Post*. Trata-se de *Frank Tieri*, mais conhecido como *Funzi*, ou *Funzuola*, para os intimíssimos. Ele está com 74 anos de idade, mora no Brooklyn, tem mulher e uma amante fixa, em cuja casa, no mesmo bairro, passa a maior parte do dia.

Comenta-se em Washington que *Jimmy Carter* obteve quase à força o próximo encontro entre *Anuar Sadat* e *Menachem Begin*, em Camp David. Motivo: o presidente americano tem sido alertado para a ocorrência de uma nova crise petrolífera, caso egípcios e israelenses continuem estagnados. Dessa vez não haveria um embargo, mas a Arábia Saudita diminuiria sensivelmente suas exportações para os países ocidentais.

Nada como um filme depois do outro

Antes ainda de o filme *Grease*, estrelado por *John Travolta*, ganhar circuito internacional, a *Paramount* já marcou para fevereiro do ano que vem o início das filmagens de sua continuação. A fita faturou até agora, só nos Estados Unidos, 86 milhões de dólares. Enquanto isso a *Universal* prepara *Aeroporto 80 — O Concorde*, série iniciada há dez anos e de sucesso, ao que parece, infalível. E, ainda no setor de grandes desastres, *Irwin Allen* começa os trabalhos de *Após o Poseidon*, com *Michael Caine* e *Telly Savalas* nos principais papéis.

Depois de duzentas horas de entrevistas gravadas ao jornalista *Warren G. Harris*, o cantor *Eddie Fisher* não gostou do que resultou como sua autobiografia. Ele acha que foi rude demais consigo mesmo e, mais ainda, com suas ex-mulheres: *Debbie Reynolds*, *Elizabeth Taylor* e *Connie Stevens*.

TECHNOS
O SUIÇO MAIS PONTUAL DO MUNDO

Quartz.
Technos acaba de dar a última palavra sobre o assunto.

Se você olhar agora para o pulso vai descobrir que o seu relógio acaba de ficar obsoleto.
E se o seu relógio for de quartz, vai sentir que ele ficou lhe devendo alguma coisa.

Technos veio corrigir isso a tempo.
E criou uma linha que combina a precisão infalível do quartz com o bom gosto indiscutível dos grandes relógios suíços. A nova linha Technos Quartz.

Depoimento a RONALDO BÔSCOLI

LUIZ GONZAGA

de lavrador a prefeito

"VOLTO agora à minha terra / Volto agora ao meu torrão / Trago paz pra minha gente / Trago amor no coração / Quero ouvir a Asa Branca / Contemplar o alvorecer / Quero amar este recanto / Terra que me viu crescer / Canta, canta catarino, quero ouvir o teu cantar / Canta para me ajudar / Teu canto é uma promessa de um ano chovedor / Teu canto é a esperança de um povo sofredor / Voltarei a ser vaqueiro, ou modesto lavrador / Cantarei com repentistas esperanças paz e amor / Vou lutar por minha gente, abraçar o meu sertão / Cada sertanejo um amigo / Cada amigo um irmão.

Esta cantiga que fiz para meu Exu querido será a gazua com que abrirei as portas dos palácios, das câmaras, das casas de ministros e conseguirei para Exu o que for possível: tratores, maquinaria, transportes, tudo. Como pedi por mim vendendo meu canto no Mangue, nas barcas, nas praças, morros e cabarés — pires na mão — pedirei pelo meu povo. Relutei muito mas é chegada a hora de assumir. Serei prefeito de uma terra tida como maldita, a minha terra. E entre as famílias Alencar e Sampaio, que se estão dizimando, andarei sem uma arma. O canto de minha sanfona será mais forte. Isso eu juro."

São palavras de Luiz Gonzaga nascido na Fazenda Caiçara, filho do sanfoneiro e lavrador Januário e de dona Santana, "forte e bonita como um pé de burana". Luiz Gonzaga que "puxava cobra com os pés" — quando puxava a enxada na terra seca de Exu, nordeste de Pernambuco, em 1980 será seu prefeito.

O artista Luiz Gonzaga

"Dizem que filho só puxa o pai quando o pai é cego. Mas eu puxei a sanfona do velho. Famosa na região. Januário, pai de 9 filhos — 4 sanfoneiros — era, como nós, alugado aos trabalhos na lavoura. Éramos sujeitos (ou sujeitados). Daí a palavra sujeito ser pejorativa por aquelas bandas. Mas também tínhamos nossa rocinha e nossos foles para os forrós depois da luta sol a sol. Dos foles que meu pai consertava à sanfona bonita que hoje tenho, meus dedos percorreram apenas o que meu ouvido manda. Não conheço uma nota de música. Como conheço muito pouco a caligrafia. Minha cartilha foi a rua. Tentando juntar as letras dos jornais que me passavam raramente pelas mãos, ou soletrar as placas das ruas. Sou um cabra bom de ouvido e bom de olho. Vai ver sou inteligente e nem sei.

Hoje faço meu nome rapidinho. Como fiz todo meu primeiro repertório. Rapidinho e sem compromissos maiores. Só vim saber da importância do que meu coração criava quando retornei — 16 anos depois — à minha terra.

Paulo Reis

Com a sanfona e música que fez — "Trago paz pra minha gente / Trago amor no coração" — Luiz Gonzaga tem certeza de acabar com a guerra em Exu, sua cidade natal. Sem armas, "o canto da minha sanfona será mais forte". ele só espera 1980 para tomar posse.

Todo o povo cantava aquelas coisas de *Luí* (Luiz). Inclusive com letras de versejadores do lugar. Bom, vamos seguindo a história. Aos 18 anos resolvi me mandar pro Ceará, falsificar minha idade para entrar pro colégio dos pobres: o Exército. O governo tava precisando de muito *reco-reco*. E depois eu soube por quê. Só eu participei de oito revoluções...

Um levante na cidade de Souza foi minha estréia. Depois meu batalhão foi prender uma guarda civil rebelada. E devolvemos ao Barata o governo do Pará. No Cariri, eu e mais oito, sob o comando do Tenente João Pinho, fomos desarmar fazendeiros que estavam badernando demais. Em Teresina, um cabo chamado Amador, liderando seu batalhão, quase assume o governo do Piauí. Amador — filho duma égua — era brabo mesmo. Deu um trabalho da moléstia. Mas dobramos o homem. Landri Gonçalves assumiu o governo novamente. Só aí já tem quatro rolos, né maninho? Pois bem, reorganizamos o 12.º RI que havia sido esfacelado em 30: Belo Horizonte. Participei das intentonas comunista e integralista — isso em São Paulo — uma zueira danada. E depois da guerra do Charco, eu, que já estava engajado no Exército havia muitos anos, recebi chorando a minha baixa.

Eu era tão pobre que o Exército pra mim era regalia. Tinha rancho bom, tinha forró e eu tocava uma corneta chorona como a peste. Eu estava servindo em Belo Horizonte e com minha baixa recebi passagem pra voltar pro Norte, via Rio de Janeiro. Essa via é que desviou meu caminho. Eu e minha sanfoninha comprada sabe lá Deus como... Aí encontrei um soldado. 'Tu sabe tocá isso mesmo?' Mostrei. 'Então vamos tocá isso num lugar acolá.' O acolá era a zona, o Mangue. Março de

Ayrton Camargo

No início de sua carreira, no Rio de Janeiro, Luiz Gonzaga tocava "boleros, tangos e até música americana. Eu só ia no que acreditava ser o gosto popular". Até que um cearense perguntou: "Você não toca nada de sua terra?" Nascia, então, *O Rei do Baião*, música popular reconhecida por todos.

Manchete

39. Num boteco bem no meio do bairro das prostitutas fiz meu palco e meu escritório. O português gostava porque minha sanfona chamava muita gente. E as cervejas que eu ganhava fingia que tomava, devolvia e o galego me dava metade da grana. Depois corria o pires e faturava muito bem. Se lá era meu ponto não quer dizer que eu ficasse parado não. Cobra que não anda não engole sapo. Barcas, Cristo Redentor, todas as praças públicas eu percorria. Sanfona no peito, pires na frente.

Morava no morro São Carlos — onde nasceu o Luizinho que vocês chamam de Gonzaguinha — e pegava bonde andando com sanfona e tudo. Toquei em *dancing*, cabaré, zona mesmo. Recebia dinheiro de gringo que não valia nada. Dólar mesmo já era difícil. Americano custa a soltar. Cê vê que eles preferem pagar a conta com o dinheiro de outros países. Isso até hoje, né? Mas foi na zona que um grupo de cearenses abriu meus caminhos. 'Pare de tocar essas coisas murrinhas. Você não toca nada da sua terra?' A verdade é que, até então, eu só ia no que eu acreditava ser o gosto popular. Boleros, tangos, e até música americana. Prometi que iria dar uma busca no baú. Em casa matutei muito e só me lembrei de duas das minhas primeiras composições. E toquei o *Pé de Serra* e *Vira e Mexe* (que depois veio a ser *Xamego*). Foi uma zueira danada. O pires virou prato fundo. Um sucesso. O português chegou a ficar preocupado. Um dos cearenses subiu na mesa, fez discurso, uma baderna dos infernos. 'Eu não disse? Eu não não disse?' Gritava o cearense orgulhoso. 'É isso que você deve fazer... Amanhã vai almoçar conosco na Conde Laje. Nós moramos numa república. E quando fui apresentado ao *presidente da república* me apresentei como Armando Falcão. Mesmo moleque e brincalhão eu já passava dos 30 anos. No *Ari Barroso* jamais passei dos 2,2 e meio. Era o máximo que eu conseguia tocando valsa. Até que sapequei o *Vira e Mexe*. E consegui a nota máxima e um emprego na Tupi. O Almirante que me ouvia lá do *aquário* desceu e já no dia seguinte eu toquei no seu programa.

SEGUE

"Que Exu seja um tempo morto. E se chamará Asa Branca – um

DEPOIS acompanhei o Genésio Arruda numa gravação e deixei as orelhas de Ernesto Matos, diretor da RCA, mais levantadas que jegue de leiteiro... Foi tocando música do Norte que eu assinei contrato com a RCA no mesmo ano de Nélson Gonçalves. E nunca ninguém disse que eu também tenho 39 anos de casa... E o Nélson não sei, mas a mim eles foram buscar na zona. Mangue mesmo. Eu ganhava 100 réis por faixa, neguinho. Até encontrar Humberto Teixeira e definir o baião — palavra que só existia no dicionário — eu fiz alguma coisinha.

Quando voltei à minha terra para rever meus pais, 16 anos depois, encontrei na boca do povo a minha música. Minha própria música que se havia apagado da memória. Trouxe de volta ao Rio minha família e meu repertório. Mas cadê poeta pra falar da minha terra? Lauro Maia apresentou-me ao Humberto Teixeira. O homem que — entre outras coisas — deu asas a *Asa Branca*... Aí letra e música jorravam como água de córrego. *Pé de Serra, Joazeiro, Siridó, Po, po, po, Mangaratiba, Baião*, um sucesso atrás do outro. Mas depois começou a acabar o repertório. Mostrei a melodia de *Asa Branca* para Humberto. No dia seguinte, o cabra da peste vaticinou: Luiz, fizemos um clássico da música brasileira. Mas isso parece música de cego, respondi. Exatamente está aí toda a beleza de *Asa Branca*, concluiu Humberto Teixeira. E eu que havia estreado no disco com o Garoto do Violão, fui gravar — alguns anos depois — com o regional de Canhoto. Terminada a gravação, o Canhoto arranjou um chapéu e — fazendo troça — passou-o entre os músicos... 'Poxa, Luiz, depois de tanta coisa boa você grava música de ceguinho de feira? Mas na realidade *Asa Branca* foi o meu grande reencontro comigo mesmo, com o meu sertão.

Do circo à política

A música nova. Mesmo com meu pezinho de-meia-estufadinho voltei a percorrer os circos, os povoados distantes onde as guitarras do *rock* e da música jovem não penetravam. Voltei a dar duro porque achava que minha fase musical havia acabado. Um dia, muito espantado, ouvi os baianos Gilberto Gil e Caetano Veloso incluírem meu nome no gibi que eles estavam lançando. E eu, sem saber direito, passei a ser importante. O Carlos Imperial tinha um programa no Rio e ousou dizer que tudo que se estava fazendo de novo partia da minha modesta sanfona. Inclusive os Beatles. Exageros tirados, na realidade, havia uma certa semelhança entre nossos trabalhos.

Quando Imperial inventou que os Beatles haviam gravado *Asa Branca*, minha pipa subiu pro céu. E subiu violento. Voltei a sentir o sabor da consagração popular quando segurei um festival em Guarapari. Os artistas convidados queriam dinheiro adiantado. Não havia grana e ninguém foi. Segurei a barra sozinho. E pra meu espanto quando cantei *Asa Branca* os *hippies* gritavam meu nome aos berros. Mais de dois mil, bichinho... É verdade que o prefeito não queria deixá-los entrar no festival e eu fui definitivo: Ou entram os *hippies* ou não entra ninguém. Nem eu... Daí pra cá não me faltou mais trabalho. Sempre na minha, como diz a meninada de hoje. E se não sou um grande vendedor de discos, o que gravo não sai do suplemento. Existem colecionadores do que faço, existe um grande público do meu lado e — estranho como pareça — os intelectuais estão mais próximos da minha obra do que o próprio povo. Repare que eu não sou um artista divulgado nas áreas populares e isso me magoa muito. Quanto ao direito autoral tenho razão para queixas. Sabe que jamais recebi um centavo dos Estados Unidos? E eu sei que *Asa Branca* tem mais de dez gravações por lá. No Brasil com esse tal de ECADE a coisa melhorou muito. Recebo mais 50% do que recebia. Mas, felizmente, em 1980 meu tipo de luta será outro.

O Prefeito Luiz Gonzaga

Meu povo é bom. Os líderes são a imagem de ódio: Alencar de um lado, Sampaio de outro. Morte lá, morte aqui. E o povo espantado. A igreja deserta, a cidade respirando medo. Me avexo quando leio 'A cidade do diabo continua matando.' Uma pinimba que vem de muitos anos. Em 1949 fui chamado. Tentei o que é impossível entre os Alencar/Sampaio: diálogo. Com o crescimento da matança houve a sugestão para que eu fosse prefeito. Para mim, na época, era totalmente impossível. Indiquei meu primo: Antônio Bento do Nascimento. Durante seus quatro anos de mandato nenhuma morte. Seu sucessor, o Zito foi fechado antes de cumprir metade do tempo...

MANCHETE

Dois momentos na longa e bem-sucedida trajetória de Luiz Gonzaga: com Chacrinha e Ciro Monteiro — a quem cedeu, na ocasião, seu tradicional chapéu de cangaceiro. Foi com espanto que, um dia, "ouvi os baianos Gil e Caetano incluírem meu nome no gibi..."

MANCHETE

O argumento decisivo

Eu mesmo acabei me convencendo. Comecei a investir na cidade. Fiz o Hotel Fazenda Asa Branca. Exigi que o filme do qual serei protagonista — *O Ninho da Asa Branca* seja rodado em Exu. Promoverei torneios, vaquejadas, desafios de violeiros, exposições de gado. Já combinei com a RCA criar o disco popular. Por 50 cruzeiros moradores e forasteiros comprarão a cultura do povo. Minha sanfona de 1980 pra frente estará à serviço da minha gente. No Recife, monto a gravadora desses discos que serão o registro da nossa cultura. Sabe de uma coisa meu filho? Eu não sou político. Sou sanfoneiro, filho de Januário, sou um homem cuja única arma é a canção. Por isso pensei muito antes de atender ao apelo do Dr. Heraldo e do próprio Moura Cavalcanti. Se eu conseguir levar o restabelecimento da paz, que seja eu. Hoje, o povo de Exu — pelos muitos investimentos que já estou fazendo na cidade — acredita em mim. Antes supunham que eu fosse lá só pra gozar as férias. De papo pro ar. Mas não posso deixar que uma terra tão fértil, um campo tão promissor, um povo tão bom sejam marcados pela sanha do ódio de duas famílias que disputam lideranças criminosamente. Sou um homem capaz de, sem uma arma na cinta, estender minha rede numa praça e tirar um cochilo. Os Alencar e os Sampaio sabem que eu sou a divisa de um território de ódios e rancores. E onde existe amor e paz, fatalmente existirá a justiça. O catarino haverá de chiar na cidade inteira. Nosso vento, minha canção.

Catarino, o mensageiro

O vento bom que traz as chuvas. Quando ele açoita as matas todos ficam com os

nome que, além de bonito, significa paz e o próprio amor"

MANCHETE

"Existem colecionadores do que faço, existe um grande público do meu lado e — estranho como pareça — os intelectuais estão mais próximos da minha obra do que o próprio povo. Repare que não sou um artista divulgado nas áreas populares e isso me magoa."

"Com meu filho Gonzaguinha tenho conversas reservadas. Só nossas. Ouço daqui e dali. E faço minhas contas. Ao meu modo. O mal da política é ser político. Eu não tenho esses vícios." Por isso mesmo, Luiz acredita que pacificará Exu.

MANCHETE

olhos voltados para os céus. E, em seguida, correm para amolar as enxadas. Choverá certamente. O catarino é o mensageiro da fartura. Eu pretendo ser um catarino. Açoitarei com minha sanfona palácios, câmaras, deputados e até o próprio presidente. Exu deixará de ser a cidade maldita. Do povo medroso, das igrejas vazias, da crença estremecida. Minha gente não merece isso...

Um homem politizado

Sem os vícios da política. Ouço de tudo. Com meu filho Gonzaguinha tenho conversas reservadas. Só nossas. Ouço daqui e dali. E faço minhas contas. Ao meu modo. O mal da política é ser político. Eu não tenho esses vícios.

Uma nova cidade

Olha bichinho, eu sou cristão de formação, mas meu Deus é o Sol. Ele existe o tempo todo. De dia brilha, de noite ilumina as estrelas. Eu amo o Sol porque o Sol é energia. É a luz de Deus iluminando a vida. Portanto, c fato de Exu significar diabo para mim, o nome em si não está dizendo nada. Mas é importante mudar o nome da cidade para que mude seu próprio destino. Que Exu seja um tempo morto. De violências e mortes. Pensei em diversos nomes para batizar a minha terra. E entre muitos aceitei a sugestão de um grande amigo. Exu deverá se chamar Asa Branca. Pensei muito, cheguei a relutar. Afinal seria muita banca assumir a cidade e imediatamente batizá-la com o nome de uma de minhas músicas. Mas depois, pensando melhor acho que Asa Branca é um nome que, além de bonito, significa a paz e o próprio amor. E com esse nome mato dois coelhos com um porrete só. Veja se meu pensamento não está certo: eu tou muito mais pra lá do que pra cá. Vamos que amanhã eu morra. Aí minha cidade poderia correr o risco de ser batizada de Luiz Gonzaga. E vocês teriam que me aturar muito depois da minha morte..."

Luiz Gonzaga dá uma gostosa gargalhada, bate firme na sanfona: "Tá aqui minha gazua. Ela vai inaugurar Asa Branca."

A senha é US Top.

Quer pegar uma carona na alegria da juventude? Então faça o seguinte: solte a sua imaginação dentro de um jean. Junte a sua liberdade com a liberdade do legítimo Denim Índigo Blue. E entre de corpo inteiro nesse estado de espírito. Claro. A Senha da Juventude é US Top. Embarque nessa.

US TOP
Jeans - Camisas - Calçados

BRIDGE

	NORTE	
	♠ A 10 9 6	
	♥ V 6	
	♦ A	
	♣ A R V 8 4 2	
OESTE		ESTE
♠ R 5 4		♠ 8 7 3 2
♥ 5 2		♥ R 9 4
♦ V 10 9 8		♦ R D 6 4 3 2
♣ 10 9 7 6		♣ Nenhuma
	SUL	
	♠ D V	
	♥ A D 10 8 7 3	
	♦ 7 5	
	♣ D 5 3	

Entre outras façanhas *menores*, o italiano Benito Garozzo, hoje com 51 anos de idade, foi eneacampeão mundial, de 1961 a 1969. Um dos maiores jogadores de bridge em todas as épocas, ele formou duas parcerias legendárias; uma, em 1972, com Pietro Forquet; outra, a partir de então, com Giorgio Belladonna. Vejamos um exemplo do virtuosismo deste que, fora do pano verde, é dono de joalheria. Foi em Roma que a mão do diagrama despontou, no horizonte de um *rubber* particular, disputado a peso de ouro. Garozzo estava sentado em Este. Ninguém vulnerável, Norte/Sul tinham uma parcial de 60 pontos. Norte, doador, abriu 1 Paus. Sul respondeu 1 Copas, Norte deu 1 Espadas, Sul 2 Copas, Norte 3 Copas, Sul 4 Copas, Norte 5 Sem-Trunfo *(Grand Slam Force)* e Sul, concluindo, 6 Copas (exibindo duas das três honras mais altas no naipe-trunfo). Este e Oeste passaram sempre.

O leilão deixou claro que o declarante possui um naipe sexto encabeçado por A-D. De resto, Garozzo tem o R e está sabendo que toda finesse em naipe negro dará certo. Oeste sai com o V de Ouros e Sul, na vaza seguinte, volta o 6 de Copas da mesa. Garozzo, sem pestanejar, empenha o seu R! Veja o resultado: Sul deduz que Oeste possui maior número de trunfos, encabeçados pelo 9; reentra no morto através do V de Copas, vendo Este servir o 4 tranqüilamente se reassegura quanto à localização do 9 e volta pequeno Paus, tentanto entrar na mão. Displicência total. Garozzo corta e faz mais uma vaza em Ouros, derrubando o *slam* teoricamente imbatível. Vitória da psicologia e da estratégia dispersiva. □ *José Guilherme Correa*

ART BUCHWALD

Moscou recebe Christina Onassis

Washington — Pelo noticiário dos jornais, fico com a impressão de que o fato mais importante deste verão foi o casamento de Christina Onassis com um cidadão soviético e a sua decisão de ir morar em Moscou com o marido. Segundo os relatos da imprensa, ela está disposta a dividir um apartamento de dois quartos com o marido e a sogra. E até teria manifestado a esperança de encontrar na União Soviética a paz e a tranqüilidade que busca há tanto tempo.

Desejo a ela toda a felicidade do mundo. Mas não estou muito convencido de que conseguirá transformar seus sonhos em realidade. Comecei mesmo a imaginar como será a primeira semana de Christina no novo apartamento.

Alguém bate na porta e ela vem atender.

— Muito prazer. Sou a Sra. Federov e moro no apartamento da frente, o 2-A. Vim dar-lhe as boas-vindas. Que tal se me convidasse a entrar e tomar uma xícara de chá?

— Quer entrar e tomar uma xícara de chá?

— Muito obrigada pelo convite. Aceito, se não for muito incômodo para a senhora. Nossa, que belo apartamento o seu! Quantas pessoas moram aqui?

— Somos três. Meu marido, minha sogra e eu.

— A senhora teve muita sorte de conseguir um apartamento grande assim para tão poucas pessoas. Lá no 2-A somos cinco sem contar comigo. Será que não estaria interessada em alugar esta poltrona para o meu avô?

— Não, obrigada. Não pretendo ter pensionistas aqui.

— Pois saiba que é uma pena desperdiçar tanto espaço. Você na certa tem muito prestígio com o comissário da habitação. Agora, diga-me uma coisa. Como se sente nesse novo papel de dona-de-casa russa?

— Estou adorando. E nós somos tão felizes! Sabe de uma coisa, Sra. Federov? O único problema que encontrei é com o sabão em pó. Não consigo limpar bem os colarinhos do meu marido com esse sabão marca Estrela Vermelha.

— Ah, não se preocupe, camarada recém-casada. Em russo, chamamos isso de colarinho encardido. Nossos homens aqui, todos eles, têm isso. Se o governo descobre que alguém não está com o colarinho encardido, acha que não trabalha o bastante — o que pode resultar num emprego pior.

— Você acha, então, que não devo mudar de detergente?

— Mudar como? Quantas fábricas de sabão em pó a senhora pensa que há neste país?

— Existe mais um probleminha, Sra. Federov. Parece que não consigo tirar o cheiro de lixo da minha cozinha. Por acaso a senhora conhece um bom desinfetante?

— Aromatizante Lênin. É em *spray*. Com apenas quatro aplicações, sua cozinha fica uma beleza. Bonita e perfumada.

— E onde posso comprar isso?

— Comprar? A senhora não pode comprar. Há três anos que não fabricam. Aliás, não vá se preocupar também em limpar o assoalho. Sabe desde quando não vejo uma lata de cera no armazém? Desde que meu irmão e minha cunhada vieram morar conosco. E por falar nisso: será que a senhora não aceitaria 100 rublos por mês para ficar com meu avô? Garanto que ele não sai da poltrona. Não dará nenhum trabalho.

— Sra. Federov, garanto à senhora que não estamos precisando desse dinheiro. Minha grande preocupação é apenas arranjar o jantar do meu marido.

— A senhora quer carne?

— Claro. Quero para fazer para ele um jantar com carne e tudo.

— A essa hora, não dá mais. Por volta de 10 da manhã, toda a carne boa já está vendida. Sempre que a gente quer alguma coisa para o jantar, tem de entrar na fila às 7 da manhã, ali no Açougue do Povo.

— O que é que faço, então? Quando Sergei voltar do trabalho, o jantar não estará pronto.

— Que tal servir um prato feito de supermercado?

— E vocês já têm desses pratos aqui na União Soviética?

— Ainda não, mas vamos ter. Está previsto no próximo plano qüinqüenal.

— A senhora é muito gentil. Me ajudou muito. Cada dia aprendo mais coisas sobre a vida aqui em Moscou. Não sabia que havia tantos produtos em falta.

— Acho bom ter cuidado com essa língua. Se ficar reclamando por aí, Orlov vai ter de falar sobre a senhora no relatório.

— Orlov? Mas quem é Orlov?

— É o vigia do quarteirão. Ele fala de todos nós nos relatórios que faz para a KGB. Se fizer três relatórios sobre a senhora, sabe o que acontece?

— Não.

— A senhora acaba tendo de aceitar o meu avô, queira ou não.

No antigo Palácio do Itamaraty, no Rio, a gaúcha Leonilda Beatriz Campos Gonçalves. Ela quebrou uma tradição de 10 anos nos exames do Instituto Rio Branco, conseguindo o primeiro lugar com a altíssima nota de 82 pontos.

DIPLOMA

Reportagem de G. Pedrosa Filho e Dilma Duarte • Fotos de Paulo Soler e Cláudio Alves

Manchete

Em Brasília, para os cisnes, as mulheres eram uma presença constante, principalmente nas noites de recepção. Mas Mônica de Menezes Campos, 21 anos, residente na Capital Federal, conseguiu provar que tudo pode ser diferente. E neste Vestibular 78 entrou para a História como a primeira negra a ingressar no Rio Branco.

OS diplomatas brasileiros antigamente pareciam representar um país em que as mulheres não tinham a menor projeção. Depois da década de 1930 — quando foi conquistado o voto feminino — as coisas começaram a mudar. E já no governo de Getúlio Vargas, Rosalina Coelho Lisboa e Adalgisa Néri foram nomeadas para missões especiais de representação do Brasil no exterior. Mas outra década passou até que surgisse a primeira embaixadora de carreira: Odette de Carvalho. Agora, porém, os tempos são outros e as mulheres estão conquistando posições cada vez mais destacadas no Itamaraty. Das 13 aprovadas este ano no vestibular para a carreira diplomática, Mônica de Menezes Campos obteve uma dupla vitória: além de mulher, é negra. Com 21 anos, estudante de letras e direito, residente em Brasília, ela sabe que foram muito raras as pessoas negras que representaram o Brasil no exterior. Raimundo Souza Dantas, nomeado por Jânio Quadros como embaixador do Brasil no Senegal, é um dos exemplos marcantes.

SEGUE

CIA a escalada feminina

Para tentar a diplomacia, estudaram muito. Mas sem ansiedade

PARA Leonilda Beatriz Campos Gonçalves, 26 anos, gaúcha, o primeiro lugar obtido no vestibular para o curso de preparação à carreira de diplomata foi tranqüilo. Ela vem obtendo a primeira colocação em todos os exames que faz, desde o primário. Desta vez, teve nota 82, a mais alta registrada no Itamaraty nos últimos 10 anos. Leonilda fez curso de Comunicação Social, especializou-se em relações públicas, trabalhou numa entidade de classe de industriais e acabou decidindo ingressar num curso de *marketing* na Escócia. Essa decisão tem muito a ver com sua posterior resolução de fazer vestibular para o Instituto Rio Branco: "Atualmente, o diplomata é antes de mais nada um técnico. Hoje, com o aumento da interdependência dos países, a política caminha lado a lado com as negociações econômicas. E naturalmente, por causa da mudança de enfoque, são necessários técnicos nessa área." Leonilda, moça pragmática, mas de temperamento alegre, conta que nunca deixou de se divertir durante a preparação para os exames. Ela e Mônica consideram que a mulher já pode lutar em todas as áreas. Sem complexos.

Leonilda sempre foi aluna brilhante, mas não se considera do gênero que troca o mundo por uma mesa de estudos. Preparou-se para os exames, levando uma vida normal. Mônica já tentara o vestibular uma vez e se dera mal. Na segunda experiência contou com a ajuda de alunos do Rio Branco.

DAVID NASSER exclusivo

MASSACRE

Contaram-me esta história:
Begin e Sadat, depois de conversar com Carter, foram falar com Deus. O primeiro-ministro do Nilo perguntou:
— Quando será a paz, Senhor?
E Deus:
— Não será para os seus dias, egípcio.
Foi a vez de Begin perguntar e ouvir a mesma resposta:
— Não será para os seus dias, judeu.
Os dois, então, perguntaram juntos ao Senhor quando viria a paz. E Deus respondeu:
— Não será para os meus dias.

HOJE, o problema do Líbano é apresentado de maneira separada, numa versão própria, sem que seja preciso associar o destino desse pequeno e infeliz povo ao conflito vizinho que se trava entre Israel e os povos árabes. Para se chegar a essa verdade luminosa e simples, entretanto, foram necessários trinta anos de dúvida e de silêncio dos próprios libaneses que viviam em sua terra ou estavam derramados pelo mundo. Aqueles que esposavam uma posição de neutralidade eram vistos como traidores da causa árabe quando defendiam apenas o Líbano. Além do mais, o Líbano era uma espécie de ilha, e seria pedir demais que tivesse a sabedoria helvética de se manter eqüidistante do conflito que, fatalmente, iria envolver árabes e judeus.

Eu estava lá, na terra dos cedros, naqueles dias que precederam a guerra que resultaria na criação do Estado de Israel. Era evidente que as correntes políticas tinham marcas anti-sionistas, mas enquanto algumas estavam dispostas a sacrifícios extremos para impedir que a Terra Santa caísse definitivamente em mãos dos judeus, outras correntes agiam com moderação e equilíbrio, pleiteando justiça e aconselhando os povos do Oriente Médio a não se precipitarem numa guerra de imprevisíveis conseqüências, "a menos que não haja uma solução pacífica".

Para se entender a posição de um libanês que se encontrasse ante esse dilema, o jornalista brasileiro que era eu, perdido naquelas paragens, via-se obrigado a uma análise fria. O libanês é um árabe? Se falar árabe torna esse indivíduo árabe, então, é. Mas, historicamente, nas veias do libanês correm dezenas de sangue, entre os quais, o fenício, do qual lhe vieram, provavelmente, a cultura e a navegação. Assim é que os libaneses cristãos, antes de árabes, se consideravam libaneses. Na oportunidade em que passei pela primeira vez por essa terra, quarenta e cinco mil libaneses, em sua maioria cristãos, iniciaram um movimento Líbano-Líbano, ou seja, algo que defendesse a existência de um Líbano autônomo, independente ou soberano dentro do mundo árabe. Essa organização política era contrária à idéia de uma grande nação árabe composta de todos os países que falassem essa língua. Denominavam-se falangistas, termo que nos assustava pela associação que se fizesse mentalmente com o franquismo, mas eles próprios se declaravam adversários intransigentes de toda e qualquer ideologia fascista ou fascistóide. O Líbano-Líbano, o Líbano não-árabe, também era defendido pela Liga Patriótica, instituição política que abrigava em seu quadro noventa por cento de cristãos.

Não significava tal posição um movimento de solidariedade aos judeus sionistas que implantavam na Palestina, sob o nome de Israel, a velha pátria rejuvenescida. Simplesmente, para os libaneses, o perigo maior não era o judeu além do Litani, mas o muçulmano a espreitar, desde a Síria, o vale becariano do Líbano, onde, segundo a lenda, existiu o Eden.

Nessa época, já era duvidoso o equilíbrio populacional, metade cristão, metade islamita. Primeiro, porque os libaneses que emigravam eram quase todos cristãos, fossem maronitas, melquitas ou ortodoxos. "Na marcha atual — disseram-me os libaneses católicos —, perderemos dentro de duas ou três gerações a maioria cristã e ficaremos, como a Síria, a Jordânia e o Iraque, sob o jugo da maioria muçulmana. É fácil explicar. Temos uma só esposa. Eles têm duas, três, quatro. Nossos filhos não podem ser tantos, embora nosso ardor não seja menor. Não tardará o dia em que o pavilhão do Profeta domine o Líbano." Isto se disse há trinta anos e botei em livro.

Já então, não se tratava de menosprezar religiões, mas de salientar nacionalidades. "Falamos a mesma língua árabe, temos os hábitos árabes, mas não somos árabes", insistiam os diferentes homens do governo, cristãos, com que conversei, e entre eles, naqueles primeiros dias de uma tragédia que não sei se terá fim em nossos dias, o próprio Camille Chamoun.

Os libaneses muçulmanos, entretanto, colocavam acima

Duas crianças sobre o mar de escombros em que se transformou uma região de Beirute, a capital libanesa, duramente atingida pela artilharia.

Alain Dejean/Sygma

DE UM POVO

de tudo a religião. A pátria não era mais do que uma conseqüência. No momento em que lhes fosse pedida a opção — Líbano ou Maomé — não hesitariam. A Síria, vizinha ambiciosa, aguardava esse momento de convocação geral de todos os islamitas que haviam nascido no Líbano. Ao estourar a guerra, embora intimamente os governantes cristãos de Beirute soubessem que entravam numa fria, num conflito que lhes era estranho, pois até o Deus era outro, não tinham condições de manter a neutralidade. Juntou-se ao bloco árabe, juntou seu exército de brinquedo, e marchou para a fronteira da Palestina, onde sentou acampamento. E deixou a briga correr normalmente, sabendo que a sua fronteira com a Palestina seria respeitada.

O governo do Líbano, entre o Profeta e Jeová, aderia a tudo que fosse *entente* contra o estado sionista, fugindo a qualquer pretexto para não ver o seu próprio território invadido. Mas, um dia, a dança terminou. Os palestinos, sem lugar na Jordânia, impedidos de entrar no Egito, não recebidos na Síria, sempre com a lógica da impossibilidade de os manter dentro dessas fronteiras árabes (onde estava o dinheiro dos emirados do petróleo?), descobriram que havia um pequeno país, sem exército, chamado Líbano, onde também se falava árabe, e simplesmente invadiram as suas terras dadivosas.

ERAM dezenas de milhares, bem armados pelos árabes que lhes negavam hospedagem. Logicamente, transformaram-se num povo incrustado dentro de outro, e com a vantagem de ser um exército clandestino bem armado, num país como o Líbano, onde não havia exército que valesse o nome. Eram os refugiados palestinos uma triste e errante legião em busca de algo, lembrando os judeus da Diáspora, mas o Líbano não tinha espaço para abrigar aquela gente nem podia transformar-se em alvo das represálias sionistas por ver seu território ameaçado pelos guerrilheiros. Era inevitável o choque entre os libaneses cristãos que se negavam a esse jogo e os libaneses muçulmanos que, acima de qualquer sentimento de nacionalidade, viam no invasor — porque era uma invasão em massa — um irmão que buscava a hospitalidade islâmica negada em outras terras do Profeta. Em dois anos de hostilidades, morreram sessenta mil libaneses, a terça parte do Líbano foi destruída e se desintegraram as instituições do país. Um enviado especial da Frente Libanesa disse, há alguns dias, no Clube Monte Líbano, algumas verdades que repetíamos ante o silêncio geral, há muitos anos:

"O objetivo desta guerra era destruir o regime democrático e substituí-lo por um outro totalitário, alicerçado pelas esquerdas nacionais e internacionais." Fazendo do Líbano uma plataforma para a expansão a leste do Mediterrâneo, pretendia-se atingir as fontes de petróleo vitais para o Ocidente. Em outubro de 1976, a Liga dos Estados Árabes resolveu enviar ao Líbano uma "força de dissuasão", encarregada de restaurar a ordem e a segurança até que o exército libanês fosse reorganizado. Esta força se constituiu de trinta mil homens, sendo vinte e cinco mil soldados sírios e o restante do Sudão, Arábia Saudita e Emirados Árabes.

Mas, além de não cumprir o Acordo do Cairo — pelo qual os palestinos deveriam ser desarmados —, o exército sírio estacionado no Líbano, de acordo com as informações do delegado libanês, não somente desobedecia às ordens do presidente da República, como também agia contra as tentativas do governo de recuperar o país.

"Houve um ataque armado à escola militar libanesa, em fevereiro último, e a tentativa de impedir, no Parlamento, que fosse decretada a proibição de toda ação armada palestina em território libanês. Os deputados que apóiam a ocupação síria, de tendência socialista, simplesmente deixaram de comparecer à assembléia. E mais: desde o dia 1 de julho as Forças Armadas Sírias, dotadas do mais poderoso e moderno arsenal de guerra de origem soviética, iniciaram uma agressão aberta e sem disfarces às forças cristãs libanesas.

NUM só dia, os combates fizeram trinta mortos e duzentos e cinqüenta feridos no lado cristão e elevou-se para 414 mil o número de refugiados. Qualificando a agressão síria de "massacre e genocídio", os representantes da Frente Libanesa dizem que, atualmente, "o país só conta com a ajuda de Deus", e reagem à acusação de que os libaneses estariam recebendo auxílio de Israel.

"Nós somos minoria. Israel também. Os fracos que se ajudem" — disse uma vez o então Presidente Camille Chamoun, sem abordar diretamente a questão. No entanto, assegura que "não existe acordo oficial Israel-Líbano", nem acredita que este possa vir a concretizar-se. Para o enviado da Frente, que já esteve na Argentina e no Chile, o parecer de sua organização, em favor da "paz definitiva", é:

"Que todas as forças estrangeiras saiam do território libanês; que as Nações Unidas, responsáveis diretas pela presença dos palestinos e, portanto, indiretamente responsaveis pela tragédia libanesa, enviem tropas para manutenção da paz; que, enfim, seja declarada pelas Nações Unidas a neutralidade do Líbano, como Suíça e Áustria, para que este país deixe de ser um campo de luta de interesses árabes e internacionais.

FALE AGORA A MAIORIA SILENCIOSA

Há trinta anos na mesma posição, defendendo sempre a tese de que o Líbano, antes de ser árabe, se é mesmo, antes de qualquer outra marca religiosa ou racial, é libanês, assisti, quase ouvi o impressionante silêncio dos libaneses de lá e espalhados pelo mundo sobre a falsa posição que se adotava numa guerra com a qual o Líbano nada tinha a ganhar e tudo tinha a perder. Sem ser sionista (porque esse é o direito de um judeu), o libanês católico, muito antes do conflito, mantinha estreitas relações com os israelenses e com os israelitas. No Brasil, nem se fala. No aceso da luta, a campanha do ódio não nos contaminou. Mas, também, se não havia palavra de hostilidade, jamais vingou um gesto de mão estendida, como a dizer: "Se a guerra é entre árabes e judeus, nós, os libaneses ou seus filhos, estamos de fora; pois não somos uma coisa nem outra." Havia apenas a quietude.

De minha parte, esperava pelo trágico e angustiante destino do vulnerável Líbano, posto entre duas forças externas e uma interna. Creio que se lembram do meu primeiro artigo, há quase três anos, nesta revista. Tinha por título: "Líbano, Adeus."

Esmagado pelas forças invasoras, rotuladas de legião de paz, a terra pequenina, de onde saíram tantas civilizações, luta para sobreviver, desesperadamente. Aos poucos, seus espaços se vão ocupando por estrangeiros e certamente, dentro de algum tempo, estes serão a maioria. O futuro há de dizer se esse despertar de seus filhos, aqueles que ficaram e aqueles que partiram, não tenha vindo tarde demais. Porque nunca o silêncio foi tão criminoso.

NÉLSON PEREIRA DOS SANTOS

"Os governos passam, nossa luta continua"

Reportagem de Salvador Pane Baruja ● Foto de Ricardo Azoury

Com 40 outros cineastas, ele criou a Cooperativa Brasileira de Cinema — "queremos elevar o nível técnico do cinema nacional e garantir a qualidade" —, terminou o roteiro de um projeto ambicioso (*A Retirada da Laguna*) e outro mais carioca, como seus primeiros filmes, *Uma Vez Flamengo*. Apesar de tanta atividade, Nélson Pereira dos Santos ainda encontrou uma brecha para ir participar — ao lado de diretores como o espanhol Carlos Saura ou a italiana Lina Wertmuller — de um simpósio sobre Cinema e Sociedade em Beverly Hills. Nada disso, no entanto, impede que o centro de suas preocupações esteja na oposição entre cineastas e exibidores brasileiros: "Pior que a censura oficial é a econômica", diz Nélson, "feita pelos exibidores. Eles determinam o que deve ser visto pelo povo."

MANCHETE — *É verdade que você faria uma avaliação da ação da Censura no cinema brasileiro, durante o simpósio da UNESCO?*

Nélson Pereira dos Santos — O Simpósio Cinema e Sociedade, a ser realizado em Beverly Hills, vai discutir todos os problemas inerentes ao cinema e seus reflexos na sociedade — desde o compromisso social do artista até a organização empresarial. Não vou falar como representante brasileiro, embora seja o único presente, mas participar de todos os debates. A Censura, evidentemente, também será analisada e, entre as preocupações de qualquer diretor de cinema do mundo ou do Brasil, esta é muito importante, embora seja uma instituição obsoleta. A Censura tem de ser completamente abolida — no seu lugar, deveria ser criado um órgão com a responsabilidade de orientar os espetáculos, segundo critérios de faixas etárias, mas sempre delegando o poder de decisão aos pais ou responsáveis. Seria uma simples indicação baseada em faixas etárias, como a televisão já tem. Sou da opinião de que todo mundo tem o direito de ver tudo, havendo, porém, um limite pedagógico.

— *Mesmo com a Censura oficial abolida, haverá outras barreiras entre a expressão artística e o público, não?*

— No fundo, a Censura federal é uma extensão da grande censura, que é a econômica. O que comanda a seleção é o complexo exibidor de filmes, e é ele

quem determina o que o espectador pode ou deve ver. O sistema exibidor sempre se manifestou de forma antagônica: não sei quais as vantagens que o mercado exibidor ganha com o produto importado, mas historicamente esse sistema representa a complementação da produção feita fora do Brasil. Na verdade, existe é um modelo de sociedade que impõe ideologicamente uma estrutura impraticável no país, porque as condições de vida e a representatividade popular aqui são diferentes das de outros países. Se for feita uma análise estrutural do cinema e da televisão, o resultado será uma sociedade brasileira composta de brancos dolicocéfalos, membros de famílias unidas e coesas, cristãos, que gozem de alto padrão de vida em termos de vestuário e habitação, sem qualquer tipo de antagonismos sociais. Um caso típico é o do negro — para ser visto aqui, só mesmo em seriado americano, no papel de professor, bandido ou detetive.

— *Qual a alternativa?*

— A opção é liberar o comportamento humano e social do homem brasileiro. Não devem existir impedimentos de se mostrar como o brasileiro realmente é, e deve-se permitir que o cinema, assim como outros meios de difusão cultural, seja um instrumento de análise da sociedade.

"O exibidor não pode ser um quitandeiro"

— *Hoje, quando se ouve muito a expressão abertura democrática, como se poderá sentir a existência de democracia plena no cinema?*

— Acabar com a Censura cinematográfica é, para nós, a anistia ampla, geral e irrestrita ao pensamento e criação artística. Agora, não se podem tomar como exemplos aplicáveis ao Brasil as experiências de Portugal e, mais recentemente, da Espanha, onde a liberalização foi seguida por um marasmo no campo das artes. Isto, porque a experiência de luta do cinema brasileiro já resultou em medidas concretas, como a reserva de mercado para produções nacionais. Assim, quando houver a abertura em nosso campo, vai aumentar o número de cinemas e espectadores, crescendo, também, a arrecadação. O exibidor tem de deixar de ser um quitandeiro e adquirir a mentalidade de dono de supermercado, ou seja, tem de ser mais agressivo nas suas vendas. Ele está habituado a ter uma sala de exibição que não se renova, produto da sua ligação com a tradição teatral — a própria distribuição das salas ainda obedece ao esquema vigente na época da estrada de ferro. Há neste país uma carência de salas de cinemas, pois existe apenas a metade do número necessário para atender à dieta cultural do povo. O cinema ainda é o divertimento mais barato do povo, como diz Luiz Severiano Ribeiro.

— *Em outra situação, você faria os mesmos filmes que realizou nos últimos anos?*

— Eu repetiria todos os que atualmente estão sendo projetados. Evidentemente, teria muito mais liberdade na linguagem de meus filmes, e a escolha dos temas também seria modificada pela mudança de critérios da Censura. Ao mesmo tempo, com a abertura democrática, seria ampliada a importação de filmes de arte, porque o importador não entende nada de arte e só quer ganhar dinheiro. Isto, sem dúvida, acontecerá com a abertura.

— *Que influências pode ter esse simpósio nos Estados Unidos, que reune representantes do cinema novo mundial, como Lina Wertmüller e Carlos Saura, para o cinema brasileiro?*

— As questões que levanto agora devem predominar no simpósio, com pequenas diferenças nacionais. Cinema novo — como expressão de preocupação com a cultura e a política — existe em toda parte do mundo, e eu vou colocar o problema do Brasil e a liberdade possível que temos de trabalhar. Encontrarei alguns diretores que já conheço de festivais, como os de Senegal e da Índia, mas não consigo avaliar antecipadamente os resultados do encontro.

"O boom do cinema nacional é uma realidade"

— *A cooperativa, criada recentemente, é uma tentativa de achar outra saída além da tradicional?*

— A cooperativa está reunindo quarenta cineastas e produtores independentes, e queremos criar um sistema de prestação de serviços para os cooperados, como equipamento de som, iluminação, etc. Queremos elevar o nível técnico do cinema nacional e garantir a qualidade, que, hoje, está sendo exigida. O tipo de filme a ser realizado vai depender de cada diretor, sem qualquer tipo de censura, porque esta primeira fase será somente de prestação de serviços.

— *A cooperativa tentará a conquista de uma nova fatia do enorme mercado brasileiro?*

— Futuramente, dependendo do andamento da cooperativa, poderemos ampliar nossas atividades para produção, exibição ou importação de filmes. Nestes três ou quatro primeiros meses, só conseguimos montar um estúdio de som e estamos em obras. A Cooperativa Brasileira de Cinema também vai importar equipamento atualizado, para acompanhar a evolução tecnológica. O mercado é grande, pois hoje o cineasta espera durante meses até conseguir um estúdio de mixagem ou dublagem — no Rio de Janeiro há apenas dois estúdios e a produção anual é de quarenta a cinqüenta filmes, sem contar curta-metragens.

— *O atual* boom *do cinema nacional pode ser interpretado como a implantação definitiva da Hollywood brasileira, não esquecendo o fracasso da Vera Cruz?*

— Esse *boom* é uma realidade, e acho que o cinema brasileiro provou, no mercado interno, ser capaz de ter um público que assegura uma economia saudável à indústria cinematográfica. Com relação a Hollywood, não queremos importar maneiras de fazer cinema e temos nosso modelo — o da não-concentração e não-verticalização das atividades. Em virtude das iniciativas tomadas e da presença da Embrafilme, existem três ou quatros filmes que representam um papel de pioneirismo, porque, apesar de toda a fraude dos exibidores, esses filmes demonstram haver possibilidade de canalizar para a economia brasileira recursos tirados do próprio mercado exibidor, e remetidos ao exterior.

— *Qual a extensão desse problema?*

— Numa assembléia realizada na Embrafilme, na semana passada, fomos informados que os exibidores haviam impetrado um conjunto de mandados de segurança contra o ingresso padronizado, como fizeram recentemente contra a obrigatoriedade dos filmes de curta-metragem. Esta é uma atitude de recusa ao princípio de obediência à lei e, ao mesmo tempo, estão tentando cortar a captação de recursos da Embrafilme, através do atraso na prestação de contas. Pela sua função fiscalizadora, a Embrafilme pode conhecer a capacidade real do mercado e ver a dimensão econômica do cinema no Brasil. Aos exibidores não interessa que se conheçam as proporções do cinema brasileiro. Na medida em que o curta não dá prejuízo, a queixa é realmente uma tentativa de manter desconhecida a captação de rendas. A captação real do mercado deve ser mais de quatro vezes a quantidade oficialmente arrecadada. O caso de *D. Flor* é sintomático de como a fiscalização particular e estudos de pesquisa de opinião pública ajudam a traçar os contornos reais do faturamento do filme. A evasão é tão grande que meu último filme, *Tenda dos Milagres*, ainda não se pagou totalmente. Só que agora contamos com o apoio da Embrafilme.

Nélson Pereira dos Santos, em Nova Iorque, dirige Irene Stefânia e Arduino Colasanti em *Fome de Amor*, filme de 1968.

— *A aliança entre cineastas e governo está consolidada?*

— Não é isso. As associações de classes e sindicatos de patrões e empregados estão unidos para lutar pela aplicação da lei do ingresso padronizado, que foi votada no Congresso Nacional. Até a administração Jânio Quadros, o governo brasileiro chegara ao absurdo de subvencionar a importação de filmes, sob a alegação de que produto estrangeiro era cultura.

SEGUE

Para Nēlson, "a cultura brasileira ē exportāvel e dā seu recado em qualquer parte"

— Hoje a situação mudou. Mas os exibidores acham que poderão voltar a esses tempos, quando o governo ceder. Acontece que os governos passam, mas nossas reivindicações culturais, com implicações econômicas, sobrevivem às mudanças do jogo político. Se o governo ajuda a implantação e afirmação do cinema nacional nada mais faz do que a sua obrigação.

— *A classe cinematográfica não está muito dependente da Embrafilme?*

— A melhor resposta a essa pergunta é você saber que as associações de classe estão organizando um congresso de proporções nacionais, aberto, como o que foi realizado em 1952. Serão discutidos assuntos diversos, como a participação de diretores, distribuidores e representantes de cine-clubes nas decisões do cinema nacional. Devemos lembrar que até hoje a discussão é mais em torno da Embrafilme, e nós devemos retomar a visão cultural do cinema brasileiro. Ultimamente, as questões práticas do cinema, como a obrigatoriedade da exibição do curta-metragem, mobilizaram muito mais nossa atenção e descuidamos um pouco a parte cultural. No encontro, ainda sem data nem lugar marcados, muitas propostas serão discutidas sem se falar na Embrafilme — e isto prova que não estamos de maneira alguma presos a um paternalismo de estado.

— Xica da Silva *e* D. Flor *são exemplos característicos do êxito do cinema brasileiro no exterior ou apenas casos isolados?*

— A presença do cinema brasileiro nos países da América Latina tem-se tornado familiar, assim como mais lentamente em Portugal e na África. O cinema nosso sempre existiu nos circuitos de arte da Europa e Estados Unidos, mas agora se expandiu para os comerciais. O cinema nacional tem sua fatia no mercado mundial e está ligado à crescente divulgação da música e cultura brasileiras no exterior. A cultura brasileira é exportável e dá seu recado em qualquer parte. Como diz Reginaldo Farias, se o cinema brasileiro fatura no exterior, de que estão se queixando os exibidores daqui?

— *O chamado "ciclo histórico", representado até pelo roteiro que você está fazendo sob o título de* A Retirada da Laguna, *não seria apenas a afirmação ufanista de uma versão oficial da história?*

— Não, porque eu já fiz um filme histórico — *Como Era Gostoso o meu Francês* — e não teve nada disso, não foi? Se me derem uma chance de fazer vários filmes, vou recontar a história do Brasil, de acordo com as novas pesquisas levantadas e conduzidas nas universidades brasileiras. Inclusive, com a ajuda de brasileiristas, está sendo desmitificada essa idéia de que é o herói quem faz história. O cinema pode contribuir muito para isso num determinado momento.

— *Esse momento pode ser agora?*

— Eu já estou fazendo isso. Para armar o roteiro de meu próximo filme, *Castro Alves em São Paulo*, foi formada uma equipe de professores da USP e da Unicamp para, até mesmo, reconstituir a capital de São Paulo da época. Refere-se a um momento muito rico da História, em 1868, pois o estado está crescendo economicamente, o café dá dinheiro, a estrada de ferro se expande e a Guerra do Paraguai está em pleno vigor. Havia uma universidade que reunia Afonso Pena, Joaquim Nabuco, Castro Alves e Rodrigues Alves — todos em plena juventude e possuídos de ideais liberais e abolicionistas. Ao mesmo tempo, a atividade do teatro era exclusivamente de encenação de peças brasileiras e discussões políticas, sob o comando da mulher de Castro Alves, Eugênia Câmara. O filme vai mostrar os interesses em luta acirrada, a acalorada discussão política e humana.

A Retirada da Laguna no tom de Vidas Secas

— *Vai tentar um paralelo, difícil porém possível, entre essa época e os dias de hoje?*

— A única relação que existe entre estes dois momentos é que muito do que hoje temos é conseqüência dos acontecimentos do século passado — são as forças sociais em pugna, algumas das quais desapareceram. O projeto de *A Retirada da Laguna* é diferente: será uma adaptação rigorosa do livro do Visconde de Taunay, que participou dessa operação militar. O filme só vai contar a história a partir da entrada do exército brasileiro no território paraguaio, porque o livro é enorme. Era uma coluna que saiu de São Paulo e chegou ao Mato Grosso dois anos depois, tentando abrir outra frente de guerra. No filme, há poucas cenas de batalhas, porque a grande história é a própria travessia até a Laguna, onde começa a retirada. São dramas humanos inacreditáveis e o tratamento será o mesmo dado ao filme *Vidas Secas*.

— *Outro filme que você elabora atualmente,* Uma Vez Flamengo, *de corte populista, não entra em choque ideológico com obras como* A Retirada da Laguna?

— Não há choque nenhum. O filme não será populista e sim popular, porque conta a história de um torcedor da *galera* e suas preocupações com o cotidiano.

— *Esse torcedor toma cerveja e anda no trem da Central?*

— Faz tudo isso e ainda arranja *trabalhos* de um pai-de-santo para o Flamengo ganhar.

Conheça as belezas do nosso interior.

FIAT
147 GL

O nosso interior tem uma coisa que nenhum outro tem: ele foi desenhado por designers europeus.

E você logo percebe isso quando olha para o painel. Ele é completo.

Tem indicador progressivo de temperatura, lâmpada-alerta de reserva de gasolina, acendedor, e todos os instrumentos têm um desenho que você só encontra em carros muito mais caros. Os bancos são reclináveis, anatômicos, têm apoio para a cabeça e um revestimento de veludo que absorve o calor e não deixa que ele passe para o corpo dos passageiros.

Os pisos são de carpete agulhado. Um tipo de carpete mais resistente, mais bonito e mais fácil de limpar.

E o porta-malas e o bagagito também são revestidos do mesmo material. O volante é especial, os vidros traseiros são basculantes e o espelho retrovisor tipo dia-e-noite.

Como você vê, o Fiat 147 GL é um luxo de automóvel. Vá conhecê-lo em qualquer Concessionária Fiat.

Você vai ficar admirado com as belezas do nosso interior.

MIRAGE

Cinco anos nos céus do Brasil

Eles já foram considerados um luxo dispensável. Mas hoje estão incorporados à própria imagem de nossa defesa

Na base área de Anápolis, a uns cinqüenta quilômetros de Brasília, seis aviões Mirage III EBR são o tesouro da Primeira Ala de Defesa Aérea — a 1.ª ALADA. O primeiro vôo da esquadrilha foi a 6 de abril de 1973, sob o comando do Coronel Antônio Alves dos Santos. Naquele dia, a exibição dos sofisticados supersônicos nos céus do Planalto Central calou todas as críticas daqueles que consideravam o Mirage um luxo perfeitamente dispensável para um país em desenvolvimento como o Brasil. Hoje, os responsáveis pela defesa aérea do nosso território se sentem perfeitamente tranqüilos: os Mirage vieram facilitar sua missão.

SEGUE

Reportagem de Francisco Sant'Anna ● Fotos de Rolnan Pimenta

Para Brasília, os vôos do Mirage já se tornaram uma tradição. De eterna beleza.

OS CIVIS CHAMAM OS MIRAGE DE ÁGUIAS PRATEADAS E A BASE, CONHECIDA COMO NINHO DE ÁGUIAS, É O SONHO DOS ASPIRANTES DA FAB

O comandante da Base Aérea de Anápolis, Coronel-Aviador Nélson José Ó de Almeida (alto), além de participar das missões de vôo, dirige a parte administrativa do Ninho das Águias. O Capitão Cima com o filho caçula: segundo o pai, o menino já demonstra vocação para piloto.

OS oficiais da Primeira Ala de Defesa Aérea instalada na base de Anápolis costumam dizer que a sensação de pilotar um Mirage é tão extraordinária que se torna praticamente impossível descrevê-la. Os pilotos mais antigos afirmam que só com o tempo se pode entender o quanto é exata e sutil a definição do construtor deste modelo supersônico francês:

"O Mirage é um avião que só aceita um tratamento: o de *Monsieuer.*"

Este sentimento de respeito pelo modelo que constitui o maior orgulho da indústria aeronáutica francesa se impõe, segundo os pilotos, desde o primeiro contato ainda em terra. O perfil do avião, a impressão de aerodinamismo e a sensação de eficiência se apoderam de todos os que contemplam o Mirage mais de perto. A própria população de Anápolis encontrou um qualificativo que reflete este sentimento de respeito e admiração. Ela chama os Mirage de Águias Prateadas. O centro de instrução dos pilotos também tem seu apelido: Covil dos Jaguares. À porta, na placa de boas-vindas, duas brincadeiras dão aos visitantes uma primeira idéia do desempenho fantástico das Águias Prateadas:

Velocidade Mínima: Mach 1,7 — Altitude Mínima de Vôo: 50 mil pés.

Traduzindo o aviso em linguagem corrente, isto indica que o Mirage III pode alcançar 1,7 vezes a velocidade do som ou seja quase dois mil quilômetros por hora. E a altitude de 50 mil pés oscila em torno dos 15 quilômetros de altura. Os outros modelos de supersônicos operados pela FAB não têm o mesmo desempenho porque até mesmo os mais possantes, que são os F-5, alcançam apenas Mach 1,6 e não conseguem ultrapassar 50 mil pés de altitude. Por todas estas razões, o Ninho das Águias em Anápolis é o maior sonho de todos os candidatos que ingressam na Academia da Força Aérea Brasileira. Sonho que poucos conseguem realizar.

SEGUE

O Tenente Hebert Azzi, 29 anos, carioca, é o único solteiro da base de Anápolis.

O Tenente Azzi possui uma aparelhagem de som supersofisticada em seu quarto

Seu pai (que ele mostra na foto) também foi piloto e morreu num T-6 durante uma exibição da Esquadrilha da Fumaça, na praia Vermelha.

no alojamentos dos oficiais (esquerda). A direita, o grupo de pilotos dos Mirage III à entrada do Covil dos Jaguares. A placa é uma brincadeira com os pilotos dos F-5.

A BASE DE ANÁPOLIS FOI PLANEJADA PARA INTERCEPTAR QUALQUER AERONAVE NO ESPAÇO AÉREO BRASILEIRO

Os pilotos de Anápolis pertencem à chamada elite da aviação de caça do Brasil. Divididos em quatro esquadrões, tiveram de percorrer um longo caminho até chegar ao Ninho das Águias. Ao ingressarem na FAB, passam quatro anos na Academia da Força Aérea e, após um estágio de seis meses como aspirante, recebem o diploma de piloto da FAB. Mas aqueles que desejam ingressar no grupo bastante reduzido de pilotos de caça tem mais três anos de treinamento nos dois centros apropriados. O primeiro ano de treinamento eles o cursam em Fortaleza, e os dois seguintes em Natal. Durante todo o período da escola, os candidatos à aviação de caça são submetidos, de seis em seis meses, a exames médicos extremamente rigorosos, que atestam sua perfeita forma física e mental. Os instrutores os mantêm sob vigilância permanente. Uma vez terminado este treinamento de três anos, os instrutores indicam os líderes de esquadrão que mais se sobressaíram nas missões com caças Xavante e estes são então considerados aptos a pleitear o ingresso no Ninho das Águias. Normalmente, os pilotos que chegam a Anápolis já têm a patente de 1.º tenente-aviador, e fazem mais doze meses de treinamento intensivo nos simuladores do F-103 — sigla dos Mirage. Mas nem todos os candidatos aprovados depois deste ano de treinamento serão pilotos de Mirage. Alguns podem ser designados para as bases de Santa Cruz, no Rio de Janeiro, ou de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, onde vão operar os supersônicos tipo F-5.

Os pilotos de Anápolis garantem que não existem ressentimentos entre os diferentes grupos de aviadores de caça do país. Pelo contrário. Como as missões, de uma maneira geral, exigem participação integrada dos diferentes modelos, permanece sempre entre os antigos colegas de academia uma relação de amizade muita estreita. E nem se pode falar em rivalidade porque os Mirage foram concebidos para missão específica de interceptação aérea, enquanto os Tiger F-5 desempenham tarefa dupla: interceptação e combate. A base de Anápolis foi planejada para a interceptação de qualquer aeronave que entre irregularmente em nosso espaço aéreo. Na pista há dois Mirage permanente prontos para levantar vôo em menos de cinco minutos. Além desta missão especificamente militar, os supersônicos de Anápolis exercem papel de ajuda e orientação aos aviões que apresentem problemas técnicos ou acusem dificuldades de rota na área de atuação da base. Recentemente, durante a visita do Presidente Jimmy Carter ao Brasil, dois Mirage decolaram de Anápolis para escoltar um avião da comitiva presidencial que transportava os representantes da imprensa.

Os pilotos de Anápolis são submetidos a um vôo diário de treinamento que dura, em média, cerca de uma hora. Para este treinamento a equipe do Ninho das Águias freqüentemente utiliza seus colegas das bases de Santa Cruz ou Porto Alegre. Os F-5 desempenham, então, o papel de aviões inimigos para testar a eficácia dos Mirage nas manobras de interceptação.

Além destas manobras especiais, os pilotos são submetidos também periodicamente a dois tipos de alerta. No primeiro, permanecem de prontidão dentro da nacele da aeronave e, ao sinal de alarma, devem entrar em ação em menos de dois minutos. No segundo, devem estar perseguindo o inimigo menos de cinco minutos após o alarma.

É evidente que, apesar do desempenho espetacular nos céus, estes aviões não teriam eficiência sem a infra-estrutura da base que dirige do solo todas as operações de informação e orientação. Um conjunto de aparelhos de altíssima precisão, o Precision Approach Radar, ou PAR, na linguagem abreviada dos pilotos, orienta os aviões num raio de muitos quilômetros — corrigindo todos os ângulos ne-

No painel do simulador de vôo (alto) o instrutor acompanha o comportamento do piloto que se encontra na nacele do equipamento (centro) obrigado a resolver todos os problemas de vôo real. O Centro de Controle de Vôo (acima) transmite todas as informações para decolagem e aterrissagem.

Os pilotos de Mirage gostam de posar junto ao avião. Eles costumam dizer que o supersônico francês, mesmo quando parado na pista, impõe uma impressão de força que obriga até os leigos a admirá-lo.

cessários e trazendo-os de volta ao solo com absoluta segurança. Ao entardecer, quando entra em ação um equipamento especial utilizado para a operação de decolagem, chamado de Pós-Combustão (PC), os Mirage deixam nos céus do Planalto imensas línguas de fogo que ficam acesas durante alguns minutos. Quando desligam a PC, já alcançaram a velocidade média de mil quilômetros por hora e ficam praticamente invisíveis a olho nu, só podendo ser detectados pelo radar. O Capitão Cima costuma dizer que o Mirage é um avião que só se revela realmente nas alturas, quando atinge sua velocidade máxima. É então que se pode notar a perfeição do engenho. Quando se prepara para descer, explica o capitão, tem-se a impressão de que o aparelho fica contrariado. Evidentemente, como todos os aviões de caça, é um aparelho que não oferece conforto igual ao de um avião comercial.

SEGUE

A equipe de terra (alto) tem como principal inimigo o relógio: ela dispõe de sete minutos apenas para abastecer o avião com quatro mil litros de querosene, trocar os dois canhões e instalar o míssil de interceptação. Ao lado, antena do Radar de Aproximação Precisa.

QUANDO A NOITE DESCE, HÁ SEMPRE UM MIRAGE DE PRONTIDÃO

OS pilotos da base de Anápolis, com exceção do Tenente Hebert Azzi, são casados. O número de pilotos que ali residem é segredo, porque se trata de um problema de segurança nacional. Mas calcula-se que chegue a pouco mais de quarenta. Após o expediente normal, eles regressam à Vila dos Oficiais para o reencontro com a família. Até algum tempo, existia um mito segundo o qual os pilotos de aviões de caça não podiam gerar filhos homens. Alguns médicos chegaram a formular explicações científicas para o fenômeno: a força gravitacional a que ficam submetidos durante os vôos acabaria eliminando neles os genes responsáveis pelos caracteres masculinos da prole. Vários pilotos de Anápolis desmentiram definitivamente esta explicação pseudocientífica, pois têm vários filhos homens, cada um deles afirmando com entusiasmo que seguirá, quando crescer, a carreira do pai. Esta vocação, no caso do Tenente Azzi, já se tornou lendária. Aos 17 anos fugiu de casa porque a mãe não queria de maneira nenhuma que ele fosse aviador, traumatizada pela morte do marido num acidente com um avião da Esquadrilha da Fumaça. Em 1945, ingressou no CPOR da Aeronáutica e terminou o curso de caça nos Estados Unidos. Ao contrário do que se possa supor, nenhum dos oficiais de Anápolis se considera super-homem. E eles confessam que o Mirage é antes de tudo uma curtição fantástica.

Uma seleção das obras-primas fundamentais da pintura, levando em conta todos os fatores—estéticos ou não

OS DEZ QUADROS MAIS VALIOSOS DO MUNDO

Texto de Flávio de Aquino

☐ Madonna in Maestà *(c. 1300/ 325 x 204cm) — Uffizi, Florença. Retábulo de Giotto (Florença, 1266-1337). Esta obra representa a transição entre a rígida tradição bizantina-medieval e o clima humanístico pré-renascentista iniciado em Florença. A Virgem e os anjos que a cercam no primeiro plano ganham corporalidade através do claro-escuro que sugere o volume, de forma quase escultórica. Há na Madonna expressão psicológica de ternura e tensão, inexistente na arte anterior a Giotto, o precursor do realismo renascentista.*

MANCHETE

ELES poderiam ser vinte ou muito mais. O número foi escolhido pela tradição dos *dez mais* — assim como Jeová achou por bem restringir nos mesmos limites todos os graves pecados do mundo. Deste modo, foram excluídas obras-primas como a *Bela Jardineira* de Rafael, a *Anunciação* de Simoni di Martini, o *Auto-Retrato* de Dürer, alguma natureza-morta de Cézanne e até a *Guernica* de Picasso. A seleção recaiu também só em quadros portáteis — embora alguns sejam de grande tamanho, como os retábulos de Giotto e de Van Eyck. Entrando na pintura mural, o espaço deste texto ficaria quase ilimitado, com a inflação gerada pela arte parietal da pré-história, ou pelos afrescos egípcios, bizantinos, pré-renascentistas, renascentistas e barrocos — sem falar nas obras ciclópicas dos muralistas mexicanos deste século. E nos restringimos também só à arte ocidental e européia. As Américas ainda não estão maduras para entrar nesta seleção.

Ficamos, pois, nos *dez mais* — mas não arbitrariamente. Cada uma destas obras foi colecionada por motivos estéticos e também por outras razões importantes. Não entrou muito em conta, ao menos inicialmente, o seu custo no mercado: elas são tão valiosas que não têm preço. Assim como não há seguro que pague a vida de uma pessoa querida. Vamos recorrer a um exemplo. Quando a *Mona Lisa*, durante o bicentenário da Independência dos Estados Unidos foi para Washington, o governo francês não a pôs no seguro. Destruída, não haveria dinheiro no mundo que a pudesse substituir nem satisfazer os milhões de turistas indo ao Louvre — quase só para contemplá-la embasbacados — sem ao menos olhar os magníficos Rafael pendurados ao seu lado.

SEGUE

☐ O Batismo de Cristo *(c. 1474/167 x 116cm) — National Gallery, Londres — Piero della Francesca (Borgo San Sepolcro, entre 1415 e 1420 — 1492). Esta obra expressa integralmente os ideais renascentistas do* quatrocento: *síntese entre o ideal e o real, plena capacidade de expressar a tridimensionalidade do ambiente através da perspectiva linear, ordenação simples e monumental da composição baseada num esquema geométrico* a priori. *Há ainda o conceito da divindade de Cristo, através do homem comum.*

Gastam-se milhões na proteção das obras-primas, mas nem um centavo para fazer o seu seguro

O governo francês preferiu então gastar quase US$ 4 milhões para obter perfeita proteção de sua relíquia renascentista, tão envolta em lendas. Tudo foi providenciado para transportá-la e vigiá-la, inclusive uma embalagem perfeita à prova de incêndios, acidentes, roubos e naufrágios. O mesmo aconteceu quando, em 1964, a *Pietá* de Miguel Ângelo saiu da Basílica Vaticana para ser exposta na Feira Mundial de Nova Iorque. Embarcada no *Giulio Cesare,* seu invólucro de tal forma a protegia que, em caso de naufrágio, a escultura tinha todas as chances de ser recuperada. A *Pietá* foi sem seguro, mas se gastaram US$ 6 milhões para mantê-la eternamente. Assim, repetimos, as grandes obra-primas não têm preço, pois são insubstituíveis.

Caso tivessem preço, seriam invendáveis, pois fazem parte do acervo dos maiores e mais ricos museus do mundo. Estão indissoluvelmente ligadas ao patrimônio cultural da nação que as abriga. Qualquer ministério — ou príncipe consorte — holandês cairia se autorizasse o Rijkmuseum de Amsterdã a vender a *Ronda da Noite* — mesmo se fosse para o mais bilionário xeque dos petrodólares. E até na Alemanha de Hitler o que havia de mais precioso nos museus foi guardado em túneis e cavernas à prova de bombas aéreas, embora milhões de alemães tenham sucumbido pela falta de *bunkers* adequados. O governo dos sovietes também se orgulha de preservar intactos os vestígios da glória czarista encerrados no Kremlin — apesar de ter introduzido lá documentos da sua revolução. O Kremlin pertence à Rússia de todos os tempos, inclusive à de hoje.

As razões estéticas que influíram na escolha destes *dez mais* baseiam-se evidentemente num critério subjetivo de valores — como qualquer critério artístico. No entanto, elas estariam na relação de obras fundamentais de qualquer crítico, historiador ou colecionador categorizado do mundo. Só poderiam ser substituídas por outros quadros de idêntico valor. Isso porque uma manifestação plástica é uma *obra aberta* (como afirma Umberto Eco), sujeita a múltiplas interpretações, variando conforme o gosto pessoal ou a mutação do juízo crítico, através dos tempos. Van Gogh, em seus sete anos de pintor, só vendeu uma única tela *(A Vinha,* Museu do Ermitage, Leningrado), uma semana antes de morrer. A partir dos anos 30, o preço de suas pinturas se tornou quase inacessível, mesmo para os milionários. É que o genial holandês estava muito avançado para o seu tempo — quase invisível para os seus contemporâneos. Do mesmo modo, as obras de Da Vinci ou de Miguel Ângelo, embora igualmente admiradas, são vistas sob ângulos bem diferentes por

Roger-Viollet

□ A Tempestade *(c. 1506/0,78 x 0,72cm) — Museu da Academia de Veneza. Óleo de Giorgione (Castelfranco, 1477/1478 — Veneza, 1510). Esta tela choca imediatamente pelo insólito dos seus elementos: o soldado, a mulher nua amamentando o filho, ruínas e a cidade onde cai um raio. Isso já pressupõe uma mente voltada para o surrealismo, além do amor pelas árvores, a água, o céu — a paisagem, enfim. Através da ênfase que dá aos tons ele funda a técnica da pintura total. Pela delicadeza com que observa o mundo físico, Giorgione inaugura uma arte de caráter lírico e idílica. Com ele se inicia a grande pintura veneziana.*

Giraudon

um crítico do século XX e por um Giorgio Vasari, contemporâneo e biógrafo dos dois gênios renascentistas.

É evidente que outro critério aqui adotado é o da absoluta autenticidade das obras, provada por sólidos documentos e por toda a maquinaria científica dos laboratórios dos grandes museus. Se a *Mona Lisa* subitamente perdesse seus certificados de garantia, o Louvre só conseguiria por ela pouco mais do que o valor de sua moldura. Bastam dois exemplos, entre muitos, para provar isso. Uma *Bacanal* atribuída aos irmãos Carracci foi arrematada por 2.200 francos no Hôtel Drouot, em Paris, em fevereiro de 1968. Um ano depois, considerada como obra autêntica de Poussin, passou a valer 250 mil francos. A mesma tela foi adquirida pelo Louvre por 5 milhões, em janeiro de 1974.

SEGUE

☐ Mona Lisa *(1506/13/0,77 x 0,53cm) — Museu do Louvre. Óleo de Leonardo da Vinci (Vinci, 1452 — Amboise, França, 1519). Neste retrato, Leonardo põe à prova vários de seus conceitos sobre pintura. Para expressar a profundidade, cria o sfumato, ou seja, a perspectiva aérea que torna os objetos tanto mais azul-acinzentados e menos nítidos quanto mais distantes estão do espectador. A paisagem, pela primeira vez na pintura, deixa de ser um décor do quadro para, através de tons suaves, aumentar a sugestão de mistério e poesia da enigmática figura.*

Basta uma mudança de assinatura para a mesma pintura valer muito ou nada

MAIS significativo é o caso do quadro *Mãe e Filho*. Esta pintura só conseguiu 30 xelins num leilão londrino, em 1960. Em julho de 1966, tida como de Joan Miró, foi vendida na galeria Christie por 4.725 libras. Mas, depois de nova *expertise*, perdeu a ilustre paternidade e voltou ao seu antigo e aviltante valor. O mesmo costuma acontecer com reproduções de desenhos e gravuras célebres. A perfeita reprodução de um desenho de Dürer custa, em Londres, Cr$ 800, enquanto o original nunca poderá ser comprado por menos de Cr$ 30 milhões — embora para o leigo seja nula a diferença entre o facsímile e o seu original. O valor de uma obra ou de um objeto de arte está muito ligado à sua autenticidade. Em junho de 1975, foi arrematado no Hôtel Drouot um chapéu tricórnio, usado por Napoleão na campanha da Rússia, pela impressionante cifra de 180.000 francos (cerca de Cr$ 500 mil). Se o tal chapéu não tivesse coberto a cabeça do grande corso — e sim a de um dos membros da sua *Vieille Guarde* — seria apenas um traste informe, desprezado num sótão. Para o colecionador — como para o crente religioso — existe o poder mágico da relíquia, que passa do personagem para o objeto por ele usado ou tocado.

Há obras-primas da pintura que se justificam por si mesmas e outras, além disso, refletem toda uma época e até criam influências decisivas para a criação de nova visualidade. É o caso do *Juízo Final*, de Miguel Ângelo, na Capela Sistina. Dele saíram o barroco de Rubens e o maneirismo de Pontormo e Parmigianino. Mas a *Guernica* de Picasso já não se inclui nesta categoria. O famoso grito de protesto contra a violência, a obra máxima do século XX, morreu nas mãos de seu criador. Pictoricamente — mas não emocionalmente — os frutos que deu murcharam, foram ecos picassianos logo abafados pelas experiências vanguardistas de Duchamp, Kandinsky, Klee e pela agressividade antiarte dos criadores da *pop-art*. O pintor e crítico de arte André Lhote já escreveu: "De cada centímetro quadrado de uma natureza-morta de Cézanne saiu um movimento da arte moderna." Mas Cézanne não está incluído nesta lista, pois de tal modo suas naturezas-mortas e suas paisagens são semelhantes — igualmente pensadas e estruturadas — que seria difícil

□ O Ateliê *(c. 1670/46,50 x 39cm) — Rijksmuseum, Amsterdã — Óleo de Vermeer de Delft (Delft, 1632 — 1675). Esta tela é a primeira e genial interpretação de um lar da rica burguesia holandesa do século XVII. Vermeer inova dando grande importância aos suaves contrastes de luz e sombra para gerar um clima de meditação, silêncio e tranqüilidade. Ele eterniza fatos comuns de um feliz cotidiano. A modulação cromática que emana das janelas abertas ao sol o converteu num realista do doméstico e num precursor do impressionismo.*

MANCHETE

escolher uma entre tantas. Mas com a *Madonna in Maestà*, de Giotto, há o primeiro símbolo de transição da arte bizantina-medieval para a do Renascimento. Com ela nasce, embora timidamente, uma nova maneira de ver o homem e o seu mundo ambiente, ou seja, o humanismo renascentista que se iria completar, dois séculos depois, com Rafael, Miguel Ângelo e Da Vinci. Giotto é o primeiro *artista moderno*, no sentido de colocar o ser humano como centro e explicação da natureza.

Finalmente, mais outro critério — talvez de consideração econômica — participou desta escolha. A obra de um gênio é tanto mais valorizada quanto mais rara. Temos então o caso de Vermeer, Giorgione e Da Vinci. A produção dos três foi bem pequena.

SEGUE

Mondadori

□ *Painel central do políptico* A Adoração do Cordeiro Místico *(1426/1432 — 135 x 236 cm), Catedral de Saint Bavon, Gand. óleo de Jan van Eyck (Maastrich, 1390 — Bruges, 1441). Com esta obra, Van Eyck lança uma nova técnica da pintura a óleo — que influencia toda a arte européia — e cria o chamado realismo flamengo. Além da execução de miniaturista (32 espécies botânicas foram identificadas neste painel) e do seu simbolismo religioso, há nesta obra a perfeita e monumental integração da natureza, das cidades ao longe e dos grupos de figuras, verdadeiros retratos.*

Giraudon

□ A Ronda da Noite *(1642/369 x 438cm) — Rijksmuseum, Amsterdã. Óleo de Rembrandt van Rijn (Leyden, 1606 — Amsterdã, 1669). É a tela fundamental que marca o início da nova fase de Rembrandt baseada no forte claro-escuro e nas formas abertas, envoltas numa espécie de poeira dourada. Será a técnica que dominará a pintura européia por mais de dois séculos. A iluminação arbitrária cria o clima espiritual do quadro, iluminando e sublinhando figuras e gestos humanos e mergulhando outros e o fundo em misteriosa penumbra. Há, ainda, o retrato psicológico dos personagens.*

☐ *Os Fuzilamentos de 3 de maio de 1808 (1910/267cm x 344) — Museu do Prado. Óleo de Goya y Lucientes. (Fuendetodos, 1746 — Bordéus, 1828). O quadro conta a matança dos patriotas madrilenhos pelo invasor francês. É, ao mesmo tempo, uma obra-prima de exaltação ao heroísmo e contra a crueldade da guerra. Para acentuar isso, Goya ilumina fortemente a figura de um condenado, de braços abertos como um Cristo no Gólgota. E coloca em fila, como uma impessoal máquina de morte, o pelotão de fuzilamento.*

O heroísmo, o realismo e a paixão demente geram obras-primas

VERMEER, depois de certa notoriedade em vida, caiu no esquecimento e só foi renascer para a História da Arte com os artigos de Marcel Proust e a consagração do impressionismo — de que foi um dos precursores. Em seu período de ocaso, muitas obras suas se perderam e atualmente só trinta e duas, a ele atribuídas com toda a certeza, chegaram aos grandes museus e coleções de arte. De Giorgione, cuja vida de 32 anos permanece em quase completo mistério, só se conhecem oito telas. E uma delas, o famoso *Concerto Campestre*, do Louvre, recentemente foi dada como tendo sido executada com a ajuda de seu aluno Ticiano. Leonardo da Vinci, em seus 67 anos de vida e de tão versátil trabalho, só deixou onze quadros saídos totalmente de suas mãos e terminados. Seu desejo — típico do humanismo renascentista — de tudo pesquisar o fez considerar a pintura como obra secundária, simples campo de experiência filosófica, científica e técnica. O mesmo não se pode dizer de Rubens. Em muitas de suas pinturas o mestre flamengo chega a ser genial, mas outras — esboçadas por ele e executadas por alunos e assistentes — só merecem nota média. Deixando 3.500 obras em sua vida de 63 anos, Rubens inflacionou o seu próprio mercado e fez com que a sua má moeda expulsasse (ou ao menos desvalorizasse) a boa.

É evidente que todas essas considerações atuam principalmente em quem não vê a obra de arte como um fato independente da sua raridade, autenticidade ou popularidade. Mas esta é a lei dos leilões, das coleções e mesmo do acervo dos grandes museus — lei a que nos submetemos para reproduzir e resumidamente comentar dez obras-primas que abalaram o mundo da pintura. Como os *dez* dias de John Reed. ■

Giraudon

Giraudon

□ A Noite Estrelada (*1889/77cm x 122). Museu de Arte Moderna de Nova Iorque. Óleo de Vincent van Gogh (Groot Zunder, Holanda, 1853 — Auvers-sur-Oise, França, 1890). Esta tela data do último período do artista, após sua estada no hospício. Com todo o ímpeto de seu temperamento, Van Gogh literalmente se atira sobre uma paisagem banal, transformando-a num turbilhão, num reflexo explosivo de seu alucinado temperamento. Os ciprestes contorcem-se como seres sofredores, os sóis circulam no céu, as montanhas se agitam. É a típica paisagem estado de alma. A apaixonada arte de Van Gogh deu nascimento ao fauvismo e ao expressionismo, inclusive o abstrato.*

Mondadori

□ As Meninas (*1635/317cm x 277) — Museu do Prado. Óleo de Velázquez (Sevilha, 1599 — Madri, 1660). É o retrato das filhas de Felipe IV da Espanha, com sua ama e companheiras de brinquedo. O próprio pintor se retratou na tela. Velázquez levou a valores absolutos a técnica do claro-escuro e, particularmente, a do realismo frio, documentário, indiferente à beleza ou fealdade dos seus modelos. O virtuosismo de sua arte faz com que leves e nervosas pinceladas, vistas de longe, se transformem nos mais diferentes materiais e texturas. Seus efeitos de luz, que enobrecem os temas e sua fidelidade à natureza, o tornaram o pai do realismo moderno.*

CRUZADAS

Horizontais

1. Apelido; qualificação; alcunha.
5. Estudavas; decifravas.
10. Raiva; cólera.
11. Vender em *leilão*.
14/27. Famoso ator do cinema dos EUA.
16. Abrev. de *seno*.
17. Dê passos, caminhe.
18. Palavra tupi-guarani: *água*.
19. *(...Lee)* Cantora de música *pop*.
23. Dei *adesão* a.
25. O substrato instintivo da psique.
28. Estimo; gosto muito de.
30. Dar *ânimo*, vida, ação a.
32. (Quím.) Símbolo do térbio.
34. Vento; atmosfera.
35. *Em a*.
36. Emprega habitualmente; faz *uso* de.
37. Abrigo e oficina para automóveis.
39. Avestruz, pl.
41. Lugar onde se *ora* ou se reza, pl.
42. Nocivas; perversas.
44. Grande jogador de futebol.
46. (Quím.) Substância de consistência gelatinosa, formada pela coagulação de um líquido coloidal.
47. (L.G.) Pedra, rochedo.
49. Altar dos sacrifícios.
51. País da Europa, capital *Madri*.
53. Jovem princesa de Mônaco.
55. Adv. *Tanto*.
56. Margem; beira.
57. *(Bete...)* Bonita atriz de cinema e TV.
58. Julgar; supor; *acreditar*.
59. Damos *saltos*.
60. Flor da *roseira*.

Verticais

1. *(...Lauda)* Corredor austríaco de *Fórmula 1*.
2. Causam; motivam; dão *origem* a.
3. Abismo; oceano.
4. Instrumento agrícola, pl.
5. História fantástica, imaginosa; conto.
6. *Dois* (em algarismos romanos).
7. Formar em *alas*.
8/33. Atriz, a *Júlia*, de *Dancin' Days*.
9. Ato ou efeito de *tremer*, pl.
12. *(Ângela...)* Atriz de novelas de TV.
13. Abrev. de *anno Domini*.
15. Símbolo químico do criptônio.
20. Ato ou efeito de *ir*; partida, pl.
21. Peito.
22. Símbolo químico do ouro.
24. Permanecer; manter-se (em certa posição).
26. Prefixo, o mesmo que *bi* ou *bis*.
29. *(Yoná...)* Atriz da novela *Sinal de Alerta*.
30. Que sofre de *anemia*, fem., pl.
31. Cada uma das nove deusas que presidiam às artes liberais.
37. *(Lauro...)* Ator da novela *Gina*.
38. *Adv.* Para a parte interior.
40. *(Neusa...)* Atriz de novela de TV.
43. Planta da fam. das Umbelíferas muito usada em temperos culinários.
44. Cheio; inflado.
45. Interpreta por meio da leitura.
48. (Bras.) Aldeia de índios.
50. Achem graça; zombem.
52. (Ant.) Neste instante.
54. *Adv.* Aqui está.
58. Símbolo químico do cromo.

Solução do Número Anterior

★ *HORIZ.: CAROLINE, BRIGITTE*, eden, leais, *REIS*, api, nd, *ROBERT, RENATO*, acerca, papal, rd, ias, siri, obstai, cem, atas, rata, oto, da, *REDFORD, CELIA*, emane, AC, li, pg, SOS, ode, pros, lias, norteara, encare, *BELMONDO, BARDOT*, adorei, dorme, eolo.

★ *VERT.:* Cear, reinara, od, lenta, indolor, el, *BARBRA*, rio, isba, irre, tetrico, ti, espasmo, *PEPITA*, EC, apis, *CAETANO*, diafa, *SADY*, ba, *STREISAND*, tael, di, *REGINA*, dm, acerbo, cloro, assado, espeto, ado, plebe, onda. *PELE*, rami, Acre, ter, rol, do, or.

XADREZ

Finalmente, após sete empates e de vários e pitorescos lances da guerra de nervos que se trava fora do tabuleiro, Anatoly Karpov abriu o placar do campeonato mundial de xadrez. Numa partida particularmente infeliz, Korchnoi, após cometer uma imprecisão na abertura e de haver tomado um peão envenenado no 10.º lance, só resistiu até o 28.º lance. Temia-se que, ante essa contundente derrota, Korchnoi entrasse em depressão ou lançasse mão de um adiamento para se refazer do choque. Mas, em lugar disso, revelando bom preparo psicológico, voltaria à arena e manteria a iniciativa durante a nona partida, a qual, como vemos nesta coluna, terminou empatada. A décima também terminaria empatada, mas, na partida seguinte, Korchnoi conseguiria igualar o marcador.

Partida N.º 5 (III Parte: 30-7-78)

Posição após o segundo adiamento. Brancas: R5R, B6B e P3TD. Total: 3 peças. Pretas: R4TR, P4CD e P5TD. Total: 3 peças.

Brancas: Korchnoi		Pretas: Karpov
92. R5B	—	R3T
93. B4D	—	R2T
94. R6B	—	R3T
95. B3R xq	—	R4T
96. R5B	—	R5T
97. B2D	—	R6C
98. B5C	—	R6B
99. B4B	—	R7C
100. B6D	—	R6B
101. B2T	—	R7C
102. B7B	—	R6B
103. B6D	—	R6R
104. R5R	—	R6B
105. R5D	—	R5C
106. R5B	—	R4B
107. RxP	—	R3R
108. R6B	—	R3B
109. R7D	—	R2B
110. B7R	—	R1C
111. R6R	—	R2C
112. R5B	—	R1C
113. R6B	—	R2T
114. R7B	—	R1T
115. B6B xq	—	R2T
116. B2C	—	R3T
117. R8C	—	R3C
118. B7C	—	R4B
119. R7B	—	R4C
120. B2C	—	R3T
121. B1B xq	—	R2T
122. B2D	—	R1T
123. B3B xq	—	R2T
124. B7C	—	....

Empate

Partida n.º 8 (3-8-78)

Brancas: Karpov		Pretas: Korchnoi
1. P4R	—	P4R
2. C3BR	—	C3BD
3. B5C	—	P3TD
4. B4T	—	C3B
5. O-O	—	CxP
6. P4D	—	P4CD
7. B3C	—	P4D
8. PxP	—	B3R
9. CD2D	—	C4B
10. P3B	—	P3C
11. D2R	—	B2C
12. C4D	—	CxP
13. P4BR	—	C5B
14. P5B	—	PxP
15. CxPB	—	T1CR
16. CxC	—	PDxC
17. B2B	—	C6D
18. B6T	—	B1B
19. TD1D	—	D4D
20. BxC	—	PxB
21. TxP	—	D3B
22. BxB	—	D3C xq
23. R1T	—	RxB
24. D3B	—	T1R
25. C6T	—	T2C
26. T7D	—	T1CD
27. CxP	—	BxT
28. C8D	—	Abandonam

Partida n.º 9 (6-8-78)

Brancas: Korchnoi		Pretas: Karpov
1. P4BD	—	C3BR
2. C3BD	—	P3R
3. C3B	—	P4D
4. P4D	—	B2R
5. B4B	—	O-O
6. P3R	—	P4B
7. PDxP	—	BxP
8. D2B	—	C3B
9. T1D	—	D4T
10. P3TD	—	B2R
11. C2D	—	P4R
12. B5C	—	P5D
13. C3C	—	D1D
14. B2R	—	P2TR
15. BxC	—	BxB
16. O-O	—	B3R
17. C5B	—	D2R
18. CxB	—	DxC
19. C5D	—	TD1D
20. B3D	—	C2R
21. CxB xq	—	DxC
22. PxP	—	PxP
23. TR1R	—	T2D
24. T4R	—	C3B
25. D2R	—	P3CR
26. T1R	—	R2C
27. P4CD	—	P3C
28. D4C	—	T(1)1D
29. P4TR	—	P4TR
30. D3C	—	D3D
31. P4B	—	T2R
32. TxT	—	CxT
33. T5R	—	P4T
34. TxPTR	—	PxP
35. PxP	—	DxPC
36. T5CD	—	D7D
37. R2T	—	D6R
38. TxP	—	T1TD
39. DxD	—	PxD
40. T2C	—	T6T
41. B4R	—	Secreto

O lance secreto de Karpov fora T6B. O jogo não chegou a ser reiniciado pois Korchnoi aceitou de imediato o empate proposto pelo campeão.

Joie de vivre.

De Gréville Brut, um grande champagne.
Uvas nobres. Supervisão francesa. Produção limitada.

Champagne
DE GRÉVILLE
Brut

Foto realizada no Clube Hippopotamus, em São Paulo.

CBBA

QUEM É
NASCE

Caminhoneiro experiente sabe que em matéria de força, robustez e durabilidade ninguém bate um Ford. Caminhão Ford já começa ganhando no chassi, o único que dispensa reforços e adaptações.

Caminhão Ford nasce forte por inteiro.

Peça por peça, a Engenharia Ford planeja tudo para durar mais.

Antes de ser lançado, todo caminhão Ford roda 600.000 km, dia e noite, com carga total, por todos os tipos de estradas e mesmo fora delas.
Só depois de provar que é totalmente forte é que ele recebe o "OK" para produção em série.

Ser forte é ter mais conjunto motriz.

Daí, você pode escolher sempre a melhor combinação de motor-câmbio-diferencial. Com as novas caixas de câmbio, diferencial com duas velocidades e reduzida a ar, você tem reserva de potência para ganhar nas ultrapassagens e nas rampas longas.

Suspensão forte não tem medo da estrada.

Mais robusta e eficiente, a suspensão Ford tem molas super-reforçadas que deslizam sobre os apoios, protegendo mais o caminhão e a carga. F só o caminhão Ford com 3º eixo já vem de fábrica com a suspensão Tandem Hendrickson, muito superior às suspensões convencionais.

Quem é forte tem mais freios.

Caminhão Ford já vem com freio de sobra. Além dos novos sistemas dos freios de serviço totalmente a ar, você conta com o freio de estacionamento de molas acumuladoras (Spring Set), muito mais seguro inclusive nas emergências.

Conforto é o forte da cabi

A cabine Ford é mais forte e segura, e é espaçosa e confortável: o motor, o ca e os gases ficam lá fora. No F-8000, FT-8000 e F-850 para seu maior conforto, você tem a opção da direçã hidráulica.

Quem nasce Ford é mais econômico.

De 6 a 30,5 ton. brutas, vo

FORTE FORD.

em o caminhão certo
ara transportar mais
om menor custo
peracional.
aminhão Ford
oda mais, fatura
ais e dá menos
ficina.

F-4000: 6 toneladas

F-8500: 30,5 toneladas

Fique do lado do mais forte.

Vá ao seu Revendedor Ford e
veja a força que ele dá a você:
os melhores caminhões,
a melhor assistência técnica,
as excelentes condições de
pagamento.
Quem quer ser forte tem que
pensar Ford.

CAMINHÕES FORD

Ford

PENSE FORTE PENSE FORD

ENCOSTE O AZULEJÃO 20 ELIANE NA PAREDE.

Mesmo que seja por uma questão de tempo, simplicidade estética e economia.

Assim que você encostar o Azulejão 20 na parede, vai notar a nova dimensão do revestimento integrado.

O Azulejão 20 Eliane é o primeiro azulejo 20x20 cm, criado para dar a você total adequação estética entre piso e parede.

Além de vantagens dimensionadas também com o seu bom senso: maior rapidez de aplicação, uma área 70% maior, melhor acabamento e um custo por área 30% mais econômico.

Escolha entre os lindos padrões do decorado ou do liso, nas cores: branco, amarelo, azul, verde e rosa.

E encoste o Azulejão 20 Eliane na parede.

Você vai ter um resultado surpreendente.

AZULEJÃO 20 ELIANE
o bem dimensionado

Chão & Parede
eliane
O REVESTIMENTO INTEGRADO
Uma empresa do Grupo Maximiliano Gaidzinski

FÁBRICA: Rua da República, 245 - Cocal - **Urussanga - SC** - Tels.: (0484) 33-0811 - 33-0201 - Telex: (0474)221 IMPI - BR - **FILIAIS: BELO HORIZONTE:** Rua Caetés, 530 - sala 814 - Tel.: (031) 201-6997 - **CURITIBA:** Rua Alferes Polli, 609 - Tel.: (0412) 22-8792 - Telex: (041) 5643 MAGA - BR - **PORTO ALEGRE:** Rua São Salvador, 117 - Tel.: (0512) 41-5806 - Telex: (051) 1878 MAGA - BR - **RIO DE JANEIRO:** Rua Bela, 243 - São Cristovão - Tel.: (021) 264-1592 - **SÃO PAULO:** Rua Sebastião Bach, 175 - Vila Leopoldina - Tels.: (011) 261-6232 - 261-0439 - 261-6625 - 261-6356 - Telex:(011) 23832 TMEB - BR - **REPRESENTANTES: FORTALEZA:** Rua Dr. Pedro Borges, 75 - 6º andar - sala 603/605 - Tels.: (085) 231-5277 - 231-5710 - 231-5002 Telex: (085) 1517 RHLL - BR - **RECIFE:** Rua da Aurora, 295 - 12º andar - sala 1216 - Tels.: (081) 222-3271 - 222-4847 - Telex: (081) 1701 KIRP - BR

O Brasil em Manchete

☐ O Presidente Ernesto Geisel recebeu em Brasília o Prefeito Saul Raiz, de Curitiba, que convidou o chefe do governo a presidir, na sua cidade, as festividades alusivas ao início da primavera, com a inauguração dos Pomares Públicos do Parque do Iguaçu. O presidente prometeu que estará presente.

☐ A Embratel, sob a presidência do engenheiro Haroldo Corrêa de Matos, está realizando uma série de palestras para seus altos funcionários, cujo tema é *Problemas do Nosso Tempo e a Realidade Brasileira*. Na foto, vemos o Embaixador Delfim Netto, antes de pronunciar sua conferência, em companhia dos Srs. Haroldo de Matos, Oscar Bloch Sigelmann e Coronéis Sérgio Faria e Câmara Sena.

☐ O Embaixador Manoel Pio Corrêa ofereceu uma recepção no Country Clube do Rio de Janeiro em homenagem a dois diretores da American Express, Srs. W. G. Gridley e S. Roxas.

☐ O Sr. Karlos Rischbieter, presidente do Banco do Brasil, discursa no ato de inauguração da agência do banco em Caracas, vendo-se ainda na foto, entre outros, os diretores Benedicto Moreira e Eduardo Neiva, bem como o Embaixador David Silveira da Mota.

☐ Após assistirem à exibição do Ballet Bolshoi, vemos na foto os Srs. Roberto Marinho e Adolpho Bloch, ladeando a Sra. Ministro Nascimento e Silva, num flagrante feito no Café do Teatro. Estavam presentes também o Ministro Nascimento e Silva e a Sra. Lucy Bloch.

☐ O Comandante Carlos Balthazar da Silveira, secretário de Governo do Rio de Janeiro, fez no Clube de Diretores Lojistas uma exposição sobre a fusão e seus resultados, analisando a situação das Secretarias de Governo e órgãos de apoio. O comandante está ladeado pelos Srs. Mário Leão Ludolf e Sílvio Cunha.

☐ O presidente do Serpro, Moacyr Fioravante, discursa como paraninfo durante a solenidade de formatura da turma de Tecnologia e Processamento de Dados da Faculdade de Administração da Guanabara.

☐ Os Srs. Domício Velloso da Silveira e Gilberto Mendes de Azevedo inauguraram na sede da Confederação Nacional da Indústria a Exposição do Artesanato Brasileiro, com a presença de numerosos convidados e autoridades.

expressas

O *BANERJ* inaugurou várias agências no interior de Minas — Mendes, Carmo e Mangaratiba ● A *Carl Zeiss* do Brasil, subsidiária da *Carl Zeiss Oberkochen*, está comemorando o 50.º aniversário de fundação. A Copa *Natu Nobilis de Tênis*, disputada em várias capitais, tem o patrocínio da *Seagram Continental* ● A *Duratex* lançou no mercado seis novos padrões de revestimento *Duraplac*, com duas novidades: plaquetas também para paredes e padronagens exclusivamente infantis ● Até o dia 27 de agosto, estará sendo realizado o *Festival Hípico de 1978*, no Regimento *Andrade Neves*, como parte das comemorações da *Semana da Pátria* ● O *Instituto de Fomento à Produção Artesanal*, de *O Sol*, já está instalado na sua sede própria no Jardim Botânico ● Com várias comemorações, está ocorrendo o cinqüentenário do *Colégio Israelita Brasileiro Scholem Aleichem*, do Rio de Janeiro. É uma das mais antigas instituições de ensino da comunidade israelita brasileira ● A *Livraria Pioneira Editora*, de *Enio Guazzelli*, comemorou o seu 30.º aniversário, lançando uma nova coleção: Permanência ● *No Brasil, Ainda Tem Gente da Minha Cor?* é o nome do novo livro de *Zora Seljam*, com a narrativa de suas experiências africanas ● O Ministro *Nascimento e Silva* abriu no dia 21 deste mês o I Simpósio para Reciclagem de Advogados, promovido pelo Instituto dos Advogados do Brasil e pelo *IARPEX* ●

BENTO GON

Manchete

QUANDO o gaúcho Bento Gonçalves da Silva se colocou à frente da revolução que convulsionou durante quase dez anos a Província do Rio Grande do Sul, não era um simples agitador, mas um verdadeiro herói nacional, curtido nas grandes campanhas militares do Brasil-Reino e do Primeiro Reinado, no extremo meridional do Império. Lutara em 1819 contra os orientais e os correntinos aliados do bravo caudilho José Gervásio Artigas, precursor da independência do Uruguai. Em 1825, lutara contra as forças de Frutuoso Rivera e de Juan Antônio Lavalleja. Servira nas forças imperiais com a maior bravura e era considerado o melhor comandante de brigadas ligeiras, ou tropas a cavalo. Mas, em 1835, esse bravo, cheio de serviços ao país, rebelou-se contra o representante do governo central, então exercido pela Regência, em nome do imperador-menino, D. Pedro II.

A rebelião, que ficaria conhecida como a Revolução Farroupilha, ou Guerra dos Farrapos, se iniciou ainda durante o governo do triunvirato constituído pelo General Francisco de Lima e Silva, o Deputado José da Costa Carvalho (Marquês de Monte Alegre) e o Deputado João Bráulio Monix. Os gaúchos estavam desgostosos com a regência trina, julgando-se abandonados pelo poder central, que lhes impunha um presidente arbitrário e incompetente e só se lembrava deles para cobrar-lhes impostos escorchantes. Iniciada a Revoluçao — que era a dos andrajosos, a dos esfarrapados — Bento Gonçalves da Silva lançou a 25 de setembro de 1835 um manifesto, no qual justificava o movimento. Dizia respeitar o juramento que prestara "ao código sagrado, ac trono constitucional e à integridade do Império". No manifesto de 25 de setembro, Bento Gonçalves dizia que só com muita relutância tomara as armas: "Compatriotas! O amor à ordem e a liberdade, a que me consagrei desde a minha infância, me arrancaram do gozo do prazer da vida privada para correr convosco à salvação da nossa querida pátria. Vi a arbitrariedade entronizada e não pude ser por mais tempo surdo a vossos justos clamores; pedistes a cooperação do meu braço e dos bravos que me acompanham, e voei à capital a fim de ajudar-vos a sacudir o jugo, que com a mão de um inepto administrador vos tinha imposto a facção retrógrada e antinacional! Compatriotas! Vossos votos e vossas justas exigências já estão satisfeitas! Caducou aquela autoridade, cujo manto cobria os atentados de homens perversos, que têm conduzido esta benemérita província à borda do precipício. Correstes às armas depois de haver esgotado todos os meios, que a prudência e o amor à ordem vos sugeriu..."

Era, de início, uma rebelião contra a administração da província, entregue pela Regência a Antônio Fernandes Rodrigues Braga, desde 2 de maio de 1834. Bento Gonçalves frisava a intenção de "garantir as liberdades pátrias de seus ataques, tanto mais terríveis, por isso que eram exercidos à sombra da carta constitucional". E enfatizava: "Correstes enfim às armas para sustentar em sua pureza os princípios políticos que nos conduziram ao sempre memorável 7 de abril, dia glorioso de nossa regeneração e total independência." Repetia o pensamento dos liberais, para os quais o dia que marcou a abdicação de D. Pedro I, provocada por um levante popular e militar, fora o da "nossa segunda independência".

SEGUE

Bento Gonçalves da Silva, herói das lutas do sul, chefe da Revolução Farroupilha e presidente da República de Piratini (retrato de autor anônimo, pertencente ao Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro). Na foto maior, quadro alegórico de Litran, mostrando uma carga de cavalaria dos farrapos (pertencente ao Museu Júlio de Castilhos, Porto Alegre, RS). Em honra do grande caudilho, uma próspera cidade gaúcha tem o nome de Bentc Gonçalves.

ÇALVES o caudilho dos Farrapos

A anistia ampla, decretada por D. Pedro II, a pedido do Barã

E acrescentava: "Apressuremo-nos, pois, a manifestar aos nossos irmãos, habitantes das mais províncias da união brasileira, os fundamentos das nossas queixas e dos nossos temores." Falava como um brasileiro a brasileiros, sem eiva de separatismo, sem qualquer veleidade secessionista. Dizia mesmo desejar sustentar "o trono do nosso jovem monarca", embora afastando "de nós um administrador inepto e faccioso".

Mas a força dos acontecimentos mudaria o seu modo de pensar e acabaria por quebrar esses compromissos, convertendo-se em presidente da República de Piratini, que por algum tempo esteve prestes a confederar-se com o Uruguai e a província argentina de Corrientes. Entretanto, o seu patriotismo acabaria por vencer seus ressentimentos e seu ímpeto revolucionário, com a reintegração de sua província no Império, ao fim de quase dez anos de ingente luta.

Bento Gonçalves era um autêntico líder, além de ser um soldado de excepcional valor. A 22 de outubro — dez dias depois de ter começado o governo do Padre Diogo Antônio Feijó (com a regência una substituindo a regência trina), ele se apoderava da cidade do Rio Grande. Em pânico, o Presidente Antônio Rodrigues Fernandes Braga, que prudentemente se recolhera a bordo de um navio, fugiu no dia seguinte para o Rio de Janeiro, deixando acéfala a administração provincial. Uma das principais conseqüências da Revolução Farroupilha foi a completa desorganização da vida política da província, que durante dez anos ficou privada de representantes na Câmara dos Deputados do Império. Houve anos em que o Rio Grande do Sul chegou a ter até quatro presidentes, em rápida sucessão, e algumas vezes apenas nominais.

Bento Gonçalves, o chefe do movimento, era quem mais se expunha nos combates com as forças imperiais. A 2 de outubro de 1836, pouco mais de um ano após o início da revolução, sofreu ele um sério revés, no combate de Fanfa, onde enfrentou as forças de terra do General Bento Manuel Ribeiro — outro veterano das campanhas do Prata — e os navios da flotilha comandada pelo chefe de divisão naval John Pascoe Grenfell. O combate terminou a 4 de outubro, com a prisão de Bento Gonçalves da Silva, o oficial farroupilha Onofre Pires da Silveira Canto e o conde italiano Tito Livio Zambeccari, que era um dos ideólogos do movimento. Os prisioneiros foram enviados para o Rio de Janeiro, onde ficaram alojados nas fortalezas de Villegagnon e de Santa Cruz. A chegada dos presos ao Rio de Janeiro no início de 1837 coincidiu com a passagem do caudilho italiano Giuseppe Garibaldi pela capital brasileira. Exilado depois de uma revolução abortada, de que participara na Itália, estivera em Cuba, onde tentara criar uma indústria de velas, e depois de ter falido fora para os Estados Unidos, onde fundara um jornal em língua italiana, de novo fracassando. Agora, vinha tentar a vida na América do Sul. Tendo lido num jornal que um dos presos era o bolonhês Tito Livio Zambeccari, pediu permissão ao ministro da Guerra, João Vieira de Carvalho (então Conde de Lajes), para visitar seu compatriota. A permissão foi dada. Garibaldi soube, por Zambeccari, que a luta no Rio Grande do Sul continuava encarniçada e que, em 6 de novembro de 1836, fora proclamada a República de Piratini, com a separação do Rio Grande do Sul do Império. Mesmo ausente, prisioneiro das forças imperiais, Bento Gonçalves da Silva fora eleito presidente.

Garibaldi ofereceu sua espada aos revolucionários do Rio Grande do Sul. Trocaria a vida civil pela vida militar. E disse estar disposto a criar uma Marinha para os farroupilhas, a fim de que estes pudessem fazer face aos navios legalistas. Entendimentos secretos foram feitos, seguindo Garibaldi, com cartas de recomendação, para o Uruguai, de onde pois alcançaria o Rio Grande do Sul. Ao mesmo tempo, começou a ser tramada a fuga dos prisioneiros farroupilhas, com a cumplicidade de simpatizantes de sua causa.

O primeiro a fugir foi Onofre Pires da Silveira Canto. Bento Gonçalves, que foi transferido para o Forte do Mar, na Bahia, conseguiu também fugir, embarcando num navio estrangeiro que o deixou em Santa Catarina, de onde seguiu, a pé, para o Rio Grande do Sul. Sua presença, em Piratini, em fins de 1837, provocou vivo entusiasmo, reanimando as hostes farroupilhas. Outro fato que contribuiu para isso foi a crise verificada nas hostes imperiais em março de 1837. Desentendendo-se com o novo presidente da província, General Antero José Ferreira de Brito, que pouco antes fora ministro da Guerra, o Brigadeiro Bento Manuel Ribeiro o prendera e, em seguida, se passara para o lado dos revolucionários. Entretanto, voltaria, mais tarde, às fileiras legalistas, sendo nelas bem acolhido. Foi uma espécie de Coriolano bem sucedido.

Garibaldi, que chegara ao Rio Grande do Sul na primeira metade do ano de 1838, logo começou as construções navais que lhe pareciam indispensáveis, com a ajuda de um norte-americano, John Grigs, que morreria em combate, e dos italianos Luigi Rossi, Carniglia e Matru. Essas embarcações eram lanchões artilhados, os quais receberam os nomes de *Rio Pardo, Farroupilha, Seival, Caçapava, Independente* etc. Foram essas embarcações, conduzidas por terra, em carretas, até o mar, que permitiram aos farroupilhas o audacioso ataque ao litoral de Santa Catarina, onde foi fundada a efêmera República Juliana, assim denominada por ter sido proclamada a 23 de julho de 1839, depois da entrada triunfal do General David Canabarro e de Garibaldi em Laguna. Como presidente da nova república foi aclamado o Padre Vicente Ferreira dos Santos Cardoso, sendo nomeado secretário Luigi Rossetti. Pouco durou essa fantasia, pois não tardaram a investir contra a República Juliana as forças de terra, sob o comando do General Francisco José de Sousa Soares de Andréa, ainda há pouco minuciosamente biografado por um de seus descendentes, José Andréa, em livro editado pela Biblioteca do Exército, e uma frota naval sob o comando do Capitão-de-Mar-e-Guerra Frederico Mariath. Já em novembro de 1839, estava esmagada a República Juliana. Mas, em Laguna, o bravo caudilho Giuseppe Garibaldi conquistou o amor da brasileira Anita, que viveria sempre a seu lado e se converteria numa autêntica heroína, durante a luta pela unificação da Itália. Outro revés do ano de 1839 foi o desentendimento entre os dois Bentos: Manuel Ribeiro e Gonçalves. O primeiro se demitiu das forças farroupilhas e o segundo, por mais que se esforçasse, não conseguiria apaziguá-lo. No ano seguinte, depois do episódio da *maioridade*, com a subida ao trono de D. Pedro II, Bento Manuel Ribeiro voltaria a lutar ao lado das forças imperiais.

BENTO Gonçalves, em longo manifesto, procurou explicar ao mundo as razões que justificaram seu movimento de rebeldia, mas não conseguira obter o reconhecimento da República de Piratini e de seu governo por qualquer nação. Nem mesmo pelo Paraguai, para onde despachara um plenipotenciário. O ditador paraguaio, o famoso Dr. José Gaspar Rodriguez Francia, evitou cautelosamente qualquer ato que pudesse ser interpretado como uma hostilidade ao Império do Brasil. Morreu, em 1840, sem ter reconhecido a independência do Rio Grande do Sul. E a mesma atitude teve a junta militar que o sucedeu, bem como o Presidente Carlos Antônio Lopez, que fazia parte dela e passou a exercer o poder sozinho, em 1844. Que pretendia a República de Piratini? Qual era o seu ideário? Entre outras coisas, pretendia assegurar a liberdade de imprensa, a liberdade de indústria e a liberdade de comércio. Pretendia abolir os títulos nobiliárquicos, estabelecer a instrução primária gratuita sendo também gratuitos os socorros públicos. Mas acompanhava o Império, declarando que a religião católica seria a do estado, sendo permitidos os outros cultos somente de forma doméstica, dentro dos lares. E declarava em vigor as leis do Império, que não se opusessem à forma de governo adotada. Os escravos, que se tivessem acolhido sob a bandeira farroupilha, eram declarados livres. O regime eleitoral não assegurava o voto aos analfabetos e declarava que não eram elegíveis os naturalizados e os não-católicos. Os juízes de direito eram vitalícios, mas podiam ser suspensos, ou removidos pelo poder executivo. Liberal em alguns pontos, era conservadora em outros.

SEGUE

Alegoria à Guerra dos Farrapos, num quadro a óleo de autoria de José Wasth Rodrigues, pertencente à coleção do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, RJ.

Giuseppe Garibaldi, celebrizado como o herói da unificação da Itália, não só combateu ao lado dos farrapos, mas ainda organizou a pequena esquadra rebelde, improvisando a construção de navios artilhados com os quais assaltou Santa Catarina. À direita: Anita, a heroína catarinense, que acompanhou Garibaldi em suas lutas, no Rio Grande do Sul, no Uruguai e na Itália.

Aos que se bateram contra os Farrapos, a glória

Bento Gonçalves da Silva era mais um soldado que um homem de estado. Tinha mais bravura e impetuosidade que ponderação e reflexão. Seus melindres o conduziam a situações por vezes muito delicadas. Em certa ocasião, entrou em choque com Onofre Pires da Silveira Canto, um dos prisioneiros do combate de Fanfa, que como ele próprio fugira de uma prisão para retornar à luta. Bento Gonçalves escreveu-lhe uma carta ríspida, exigindo-lhe amplas e cabais satisfações. Onofre, também esquentado, respondeu-lhe com altivez e insolência. Seguiu-se um desafio para um duelo. O chefe de uma revolução jogava o destino desta e sua própria vida numa simples querela de natureza pessoal, em vez de se preservar para os embates contra o inimigo comum! A 28 de fevereiro de 1843, saem os dois, sozinhos, do acampamento, para se baterem a espada, em lugar ermo, sem a presença de testemunhas. Mais destro que o adversário, Bento Gonçalves da Silva atinge Onofre com um golpe mortal, seccionando-lhe uma artéria. Vai, depois, em busca de um médico, no acampamento, mas quando este corre em socorro do ferido já o encontra morto. Bento Gonçalves da Silva é preso, mas por um dia, apenas, pois seus colegas de governo, ao ouvirem seu depoimento, reconhecem que ele cumprira o seu dever, em face de uma questão de honra.

Seria fastidioso descrever as numerosas ações militares desenroladas ao longo de quase um decênio de lutas. Bastam esses longos anos para mostrar, de um lado, a tenacidade dos farroupilhas e, do outro, os enormes sacrifícios de vidas e de recursos financeiros, tanto por parte deles, como por parte das tropas imperiais que os combatiam. No quarto ano do reinado de D. Pedro II, era grande o cansaço, de um e do outro lado. E isso iria facilitar a missão pacificadora confiada a Luís Alves de Lima e Silva, então Barão de Caxias. Esse ilustre militar havia pacificado o Maranhão, onde lavrava a luta civil deflagrada pelos *cabanos*. Depois, dera combate à revolução liberal de 1842, em Minas Gerais e São Paulo. E, a 29 de outubro de 1842, partia do Rio de Janeiro para o Rio Grande do Sul, nomeado presidente da província e comandante das armas. A 9 de novembro, tomava posse do cargo e procurava reforçar as forças legais, a fim de dar combate aos rebeldes. Entre os seus colaboradores mais íntimos estava, outra vez legalista, Bento Manuel Ribeiro.

Os êxitos das forças do Império foram tais que os farroupilhas se viram na contingência de transferir sua capital de Piratini para Caçapava e, mais tarde, para Alegrete. Sem deixar de dar intenso combate aos rebeldes, o Barão de Caxias procura, ao mesmo tempo, persuadi-los a abaterem as armas. Os fatigados rebeldes iniciam conversações secretas, nas quais fazem exigências: anistia ampla, reconhecimento dos postos militares conquistados pelos oficiais rebeldes, o pagamento das dívidas contraídas pela revolução etc. Caxias declara que nada pode prometer, mas procurará defender as reivindicações dos farroupilhas perante o governo central. Na verdade, a 18 de dezembro de 1844, D. Pedro II assina um decreto concedendo ampla anistia a todos os implicados na revolução do Rio Grande do Sul que depusessem as armas.

A 26 de fevereiro de 1845, o Barão de Caxias escreve ao General David Canabarro, um dos líderes militares do movimento, dizendo: "Creio poder afirmar que uma só vez não terão os rio-grandenses de se arrependerem da confiança que mostraram no governo Imperial e na minha administração. Parecendo-me, por minha parte, que meus atos como homem público, tanto nesta província, como nas outras em que tenho servido, são mais que suficientes para garantir os que tenha de praticar no futuro."

De posse dessa carta, David Canabarro dois dias depois reuniu um Poncho Verde, em conselho de guerra, todos os seus oficiais, decidindo aceitar a anistia ampla, oferecida pelo imperador, através do Barão de Caxias. Bento Gonçalves da Silva teve igual atitude e, a 1.º de março de 1845, podia o Barão de Caxias lançar a proclamação em que começava por dizer: "Rio-grandense! É sem dúvida para mim motivo de inexplicável prazer o ter de anunciar-vos que a guerra civil que por mais de nove anos devastou esta bela província está terminada./Os irmãos contra quem combatíamos estão hoje congratulados conosco, e já obedecem ao legítimo governo do Império brasileiro. Sua Majestade, o Imperador, ordenou por decreto de 18 de dezembro de 1844 o esquecimento do passado, e mui positivamente recomenda no mesmo decreto que tais brasileiros não sejam judicialmente, nem por qualquer outra maneira, perseguidos, nem inquietados pelos atos que tenham praticado durante o tempo da revolução. Esta magnânima deliberação do monarca brasileiro há de ser religiosamente cumprida, eu o prometo sob a minha palavra de honra!/Uma só vontade nos una, rio-grandenses! Maldição eterna a quem puder recordar-se das nossas dissensões passadas! União, tranqüilidade, seja d'ora em diante a nossa divisa!/Viva a Religião e Viva o Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil! Viva a integridade do Império!"

Bento Gonçalves da Silva morreu dois anos depois — a 18 de julho de 1847 — em seu retiro de Pedras Brancas, no Rio Grande do Sul, quando faltavam dois meses para completar 59 anos. David Canabarro viveu até 1867 e nos últimos anos de sua vida comandou uma força do exército imperial que lutou com bravura para conter o avanço dos paraguaios no território do Rio Grande do Sul. Esse foi sem dúvida um dos mais belos e compensadores resultados da anistia aos rebeldes de 1835. Não tendo sido exilados, nem perseguidos, presos ou torturados, eles acabaram por defender o trono que tinham querido abolir — e assim contribuíram para a unidade do Brasil, contra a qual também se tinham voltado, em momentos de amargura e desesperança.

Aos que se bateram contra os farrapos foram dadas promoções e títulos nobiliárquicos. A Antero José Ferreira de Brito o título de Barão de Tramandaí, a Soares de Andréas o de Barão de Caçapava, ao Coronel Silva Tavares o de Visconde do Serro Azul, ao Coronel Francisco Pedro de Abreu o de Barão de Jacuí, ao General Manuel Jorge Rodrigues o de Barão de Taquari, e assim por diante. Ficaram todos satisfeitos e vaidosos.

E a paz voltou a reinar no Rio Grande do Sul. Mais do que as vinganças e as perseguições, o que importava era a reintegração, no Brasil, de uma das partes mais ricas e mais belas de seu território. E também dos homens que haviam dado tantas e tão repetidas provas de bravura.

José Gomes de Vasconcelos Jardim (à esquerda), que exerceu a Presidência da República de Piratini enquanto Bento Gonçalves permaneceu preso no Rio de Janeiro e na Bahia, de onde fugiu. À direita: David Canabarro, que defendeu o Império contra os paraguaios, no fim da vida (Museu Júlio de Castilhos, Porto Alegre).

Celsius 22 da Santista, o tecido que você pode usar mais de 300 dias por ano.

SETEMBRO
Terça-feira
Segunda-feira
19
8
Sábado
7
6
5

Vinte e dois graus centígrados é a temperatura média no Brasil, mais de 300 dias por ano. Em São Paulo a temperatura fica entre 10 e 34 graus 342 dias. No Rio, 307. Em Brasília, 334.

Por isso a Santista lançou Celsius 22.

Você pode usar Celsius 22 sempre que a temperatura estiver entre 10 e 34 graus, sem morrer de frio de manhã ou de calor à tarde.

E Celsius 22 tem outra vantagem, além de deixar você confortável mais de 300 dias por ano. Ele faz você economizar durante os 365 dias do ano.

Porque em vez de fazer ternos de verão e de inverno, que você só vai usar uma vez ou outra, você faz ternos de Celsius 22 e usa o ano todo.

É a maneira mais elegante de valorizar seu dinheiro.

Da próxima vez que for comprar tecido, conheça Celsius 22. Você vai agradecer a sugestão todos os dias.

CELSIUS 22
O tecido para o ano inteiro.

O maior escritor vivo de ficção científica prega a liberdade e afirma que o excesso de racionalização estraga o prazer de viver

RAY BRADBURY

"A repressão castra o pensamento"

O escritório de Bradbury é animado por todas as lembranças da infância, figuras de histórias de quadrinhos e contos de horror. É nesse mundo que o autor trabalha cerca de oito horas a fio por dia. Sua higiene mental é a pintura.

Reportagem de JERRY BAUER/Solo

AOS 58 anos de idade, Ray Bradbury consegue o milagre de ser considerado, tanto pelos críticos como por seus próprios colegas, o maior escritor vivo de ficção científica. Quer se trate de livros como *Crônicas Marcianas* e tantos outros, quer de filmes baseados em suas histórias como *Fahrenheit 451* ou *Uma Sombra Passou por Aqui*, a obra de Ray Bradbury deixou sua marca numa geração de adultos que, segundo o diagnóstico do autor, "não perdeu aquele gosto infantil de sentir medo e pavor". Numa de suas últimas entrevistas, Bradbury procura explicar ao público o segredo de seu êxito como escritor e como homem. Para início de conversa, três fatores lhe parecem essenciais para a realização de qualquer escritor:

"Em primeiro lugar, um tremendo desejo de vencer; depois, um período inicial de total *dureza*, completa falta de dinheiro; e, finalmente, o elemento mais importante, nenhuma educação acadêmica que possa deformar a imaginação e a visão do mundo."

Paradoxalmente, Bradbury, filho de um modesto eletricista do Illinois, conseguiu terminar o curso ginasial em Los Angeles. Mas logo teve de ganhar a vida vendendo jornais nas ruas. Isto lhe deu, conforme ele mesmo confessa, um sentido da vida extremamente realista e um profundo conhecimento da humanidade em geral, e da pobreza em particular. A partir daí, tudo o que escreve tem sempre uma relação direta com a realidade. Mesmo e principalmente quando se trata de obra de ficção. E considera ser esta a razão pela qual o público do mundo inteiro se amarra tanto em seus livros. Porque a realidade muitas vezes ultrapassa a ficção.

Bradbury conta que sua família sempre gostou um pouco de aventura. O avô possuía uma mina de prata perto de Tucson e um dia resolveu carregar consigo a família inteira para explorar o tesouro. Dinheiro mesmo, não ganharam quase nada. Em compensação, tiveram experiências fantásticas que o pequeno Brad iria aproveitar depois em sua carreira. Mas o autor diz que seu verdadeiro ídolo não foi esse avô:

"Foi Edgar Allan Poe. Li praticamente tudo o que ele escreveu. Era um verdadeiro gênio do horror. Eu adorava, e até hoje adoro, ficar possuído de pavor. Acho que é a criança dentro de nós que goza com o horror. Até hoje recebo cartas de leitores que, querendo me elogiar, confessam que consegui quase matá-los de medo. Acho que os adultos têm vergonha de reconhecer que ter medo é uma coisa deliciosa. Principalmente quando o medo passa. Só a racionalização intelectual é que procura negar esta realidade."

No domínio da ficção científica, Bradbury jamais ousaria se comparar com Júlio Verne:

"Este foi realmente o mestre dos mestres. Verne tinha as sementes da realidade futura escondidas em sua ficção. A prova é que muitas das invenções que imaginou e descreveu em *Ilha Misteriosa*, *Vinte Mil Léguas Submarinas* e vários outros livros são atualmente coisas de rotina. Em *Viagem à Lua*, o lugar de onde é lançado o foguete da nave apresenta estranhas semelhanças com Cabo Canaveral... No fundo, o progresso científico, ou até mesmo político, é muitas vezes função de um grande estímulo romântico. Até os grandes ditadores são românticos pervertidos que violentam a realidade, distorcendo-a em proveito de seus próprios objetivos. E o povo segue. Basta ver os exemplos de Hitler e Mussolini, para não citar outros mais atuais.

MAS Bradbury não aprecia muito os ficcionistas que procuram apresentar, como fatos provados, dados, senão puramente imaginários, pelo menos muito dificilmente confirmáveis cientificamente, como Erick von Däniken. E o autor de *Fahrenheit 451* revela outro aspecto relativamente pouco conhecido de sua personalidade:

"Quero levar os leitores a tomar consciência dos perigos da mentira e da hipocrisia e tenho posição firmada sobre isso na vida pública. Uma das coisas que mais me preocupa pessoalmente é a repressão por motivos políticos, seja em que país for, que castra o pensamento e impede a troca de idéias. Em *Fahrenheit 451* — que é exatamente o grau de temperatura em que o papel entra em combustão — eu chamo a atenção sobre o perigo de queimar livros, — coisa que ocorre nos regimes totalitários. No tempo do macartismo, senti que tinha de tomar uma posição. E tomei, escrevendo uma página inteira de protesto num grande jornal. Felizmente, MacCarthy era um bêbado e um doente mental. Mas se fosse um homem realmente — com coragem e de imaginação —, eu teria tido problemas graves na época."

SEGUE

Existem várias maneiras de cuidar de você,

a TAP conhece todas elas.

No Centro de Revisão de Motores da TAP são revisados, periodicamente, os motores de nossos aviões, como também os de outras companhias

Voe com quem sempre soube voar.

TAP
TRANSPORTES
AÉREOS PORTUGUESES

r. kastrup

QUANTO à parte propriamente científica de sua obra, muitos leitores de nível superior admiram o grau de saber de Bradbury. Mas ele reconhece modestamente que comete às vezes alguns erros mais ou menos graves. Principalmente quando descreve mecanismos de engenhos espaciais ou aspectos físicos de alguns planetas. O leigo, em geral, não nota, porque se deixa empolgar pelo ritmo da descrição. Mas o autor revela que, muitas vezes, recebe telefonemas, ou até mesmo cartas, de engenheiros ou estudantes altamente qualificados, que lhe pedem para corrigir tais equívocos. Bradbury se justifica dizendo:

"Fico tão amarrado à descrição da floresta que acabo não vendo a árvore. Às vezes, ao descrever um foguete ou uma nave espacial, acontece-me omitir elementos essenciais. Mas acho que, sem isto, eu não seria um ficcionista. Dediquei-me a fundo ao estudo da astronomia e procuro sempre ficar atualizado com os últimos desenvolvimentos da ciência neste campo, lendo o que posso. E dou graças a Deus por ter escolhido a astronomia em vez, por exemplo, de me ter especializado em arte culinária."

Na vida real, Bradbury dá séries de conferências na Universidade da Califórnia e em outras universidades, sobre a arte de criar escrevendo poesia, romances ou roteiros de filmes. E é considerado como uma verdadeira autoridade em arquitetura e planejamento urbano. Atualmente, o assunto que mais lhe interessa é o problema dos transportes coletivos em Los Angeles. Ele explica:

"Os carros particulares acabaram sufocando completamente os transportes coletivos. Antigamente, havia um metrô em Los Angeles que tinha uma utilidade extraordinária. Mas a cobiça, o dinheiro e a especulação acabaram impondo outros meios menos rápidos e mais caros de transporte. É preciso um trabalho muito profundo para mudar esta mentalidade. E somente um gênio poderia resolver as dificuldades deste problema de planejamento urbano."

Quanto à adaptação de sua obra ao cinema, Bradbury confessa que gostou muito do tratamento dado pelo diretor francês François Truffaut a *Fahrenheit 451*, com Julie Christie como estrela principal. Mas o filme não agradou ao público americano. Na área universitária, o sucesso foi promissor. Mas houve um erro grosseiro de distribuição que acabou comprometendo até financeiramente o trabalho. Em compensação, *Uma Sombra Passou por Aqui*, apesar do desempenho de Claire Bloom e de Rod Steiger, foi muito afetado pela má qualidade do roteiro e pela direção ainda pior de Jack Sargent. Mas Bradbury confessa que, enquanto houver celulóide no mundo, ele espera ter um bom filme. Agora mesmo está escrevendo o roteiro de seu romance *Something Wicked*

Ray Hamilton/Camera Press

Seu sonho: atuar com Fellini em filme baseado num de seus livros

This Way Comes que Kirk Douglas e seu filho Michael estão querendo filmar. Se o filme fracassar, Bradbury diz que terá de atribuir a culpa unicamente a ele próprio, e a mais ninguém.

Para explicar a popularidade dos filmes de ficção científica ele tem um argumento original:

"Faz mais de 35 anos que a mentalidade do público vem sendo habilmente condicionada para entender certos dados semitécnicos e para receber com interesse tudo o que diz respeito às viagens interplanetárias, aos discos voadores e outros OVNIs. Depois da viagem do homem à Lua, este interesse cresceu. Diretores como Kubrick, Lucas e Spielberg não estão acostumados a autores como eu ou Frank Herbert. Gostei de *Guerra nas Estrelas* e de *Contatos Imediatos do Terceiro Grau*. Mas sobre alguns aspectos desses filmes minha opinião é praticamente a mesma que tenho sobre os objetos voadores não identificados em geral. Encontrei em quase todos os países do mundo gente que garante ter visto discos voadores e sempre procurei escutar, com o máximo de paciência e interesse aparente, tudo o que contaram a respeito. Vi milhares de fotografias e relatórios. Mas pessoalmente nunca tive o privilégio de ver qualquer objeto desses.

Quanto a seres de outros planetas, Bradbury afirma com muito humor que, se existirem discos voadores, estes engenhos têm de ser pilotados por seres de outros planetas. Mas por que estes seres estão levando tanto tempo para entrar em contato mais direto com os pobres terráqueos?

Sobre seu método de trabalho, Bradbury diz que se levanta diariamente às 8h30min da manhã, e, após uma rápida xícara de café, se tranca no escritório para escrever durante horas a fio. Sua disciplina é férrea. E acha que quanto mais se escreve, mais se aprende a escrever direito. Mas não é um perfeccionista quanto ao estilo. *Fahrenheit 451*, por exemplo, ele escreveu em nove dias. Depois passou uns dois dias dando os últimos retoques. Mas logo decidiu acrescentar ao livro mais cerca de vinte e cinco mil palavras, porque achava que não havia dito tudo o que queria... E a obra acabou saindo. Bradbury conta:

"Para mim, tudo tem de ser explosivo, emocional e engraçado. A inteligência e a razão têm de se cuidar. Muita gente usa a inteligência para racionalizar suas melhores idéias e seus momentos mais deliciosos da vida. Mas, no fundo, a inteligência deve servir para outros tipos de coisas, como evitar o suicídio, ou não nos deixar ficar apaixonados pela pessoa errada." E neste particular — o da paixão — Brad confessa que foi um homem de muita sorte:

"Apaixonei-me por uma criatura chamada Marguerite e que tinha na época 30 anos. Ela trabalhava numa livraria. Eu costumava passar por lá para ver as novidades. Depois, começamos a trocar idéias e acabamos almoçando juntos um dia. Depois, este negócio de almoço se repetiu e apareceu a vontade de jantar juntos. Daí, fomos sentindo cada vez mais vontade de jantar juntos e, nesta de ficarmos muito tempo juntos, acabou saindo um resultado fantástico: quatro filhas e sete gatos... Gosto de mulheres inteligentes, que tenham algo na cuca. Todas as mulheres que namorei na vida eram bibliotecárias, professoras ou trabalhavam em livrarias. Marguerite, além de ser bonita, é brilhante. Há muitos homens metidos a machões que se casam com mulheres burras simplesmente para se sentirem superiores a elas. Ocorre que sempre gostei de mulheres com quem, à noite, pudesse também bater um papo legal."

Bradbury confessa, para terminar, que sente uma admiração extraordinária por Federico Fellini, cuja obra conhece a fundo. Fellini é, como Bradbury, um homem da classe média pobre, e como ele, procura sempre fantasiar muito, inventando gente e lugares que nada têm a ver com a realidade, ou, pelo contrário, que são a própria realidade, em nível de fantasia. Espera que algum dia Fellini venha a filmar um livro seu. E que até mesmo o utilize como ator. Porque, para não fugir à regra, como a imensa maioria dos escritores, ele também se sente um ator frustrado.

O Mundo em MANCHETE

Keystone

■ Se fosse numa tarde comum de outono, primavera ou inverno, este local em pleno coração parisiense, a rue Royale, estaria borbulhando de gente e veículos. Mas era 15 de agosto, verão e férias. Apesar das greves aéreas, dos ônibus e trens superlotados, a população deixa a sua bela cidade e vai enfrentar as feias praias de pedregulhos e duvidoso sol. Fica só a rua limpa, de lixo e de gente.

Thevenin/Sipa Press

■ Monte Carlo e especialmente Régine, em seu *club*, receberam convidados fora de série: Bjorn Borg, o campeão de Wimbledon, Margaret Trudeau, ex-primeira-dama canadense e fotógrafa profissional, com seu atual namorado — um obscuro Felix. Margaret, nesta nova fase, inaugura também outra carreira: será a estrela de *Guardian Angel* — rodado na Côte D'Azur.

Fotos AP

■ Há 75 anos, o Mount Lee era um morro como outro qualquer e a cidade lá embaixo tão provinciana como tantas. Aí chegaram os pioneiros do cinema e o letreiro — Hollywood — foi parar lá em cima. Ao comemorar a data, os *amigos de Hollywood* viram que seu logotipo estava caindo aos pedaços e, na semana passada, começaram a reconstruí-lo. O morro voltará a ficar careca e só em novembro Hollywood voltará a brilhar. Como antes.

Keystone

■ Não é fácil elefante nascer no cativeiro, mas aconteceu no Zôo de Los Angeles. Além disso, outro fato incomum: Metu, a mãe, pesando 3.215 quilos, teve prematuramente seu bebê de 67 quilos e meio, numa gravidez de 21 meses — o normal seria de 22. E o zôo ganhou nova atração.

Keystone

■ Este é o *new look* para o próximo outono europeu, dando um tom *sexy* à farda militar. O desenho é de Kenzo, o famoso costureiro japonês que corre entre os primeiros da alta costura em Paris. E a passarela foi em pleno ar livre, na Porte Maillot, — onde os modelos Dominique e Marie-Louise receberam geral aprovação popular.

Barthelemy/Sipa Press

■ Terminada a lua-de-mel e sua aventura taitiana, Philippe Junot e sua mulher Caroline foram a Mônaco. Contentes, queimados de sol, eles posaram ao lado da família — o Príncipe Albert, a Princesa Grace e o Príncipe Rainier — dando início a um baile em benefício da Cruz Vermelha. Todo o *beautiful people* presente dançou ao som da música de Harry Belafonte. Com exceção dos recém-casados, que cantavam na mesa.

Keystone

■ Nos bastidores do Teatro Mark Hellenger, na Broadway, elevou-se uma famosa pirâmide feminina no intervalo do musical *Timbuktu*, estrelado por Eartha Kitt. A base foi formada por Yasmin Kahn, sua mãe Rita Hayworth, e a homenageada Eartha, com sua bela exótica figura. No alto, a filha de Eartha. Mas a sensação foi a linda cara de Yasmin — perfeita mistura de Rita e do pai Ali Kahn —, que há algum tempo não aparecia em Nova Iorque. E já se fala de um filme para ela.

AP

■ Não contentes em cozinhar carnes e aves, quatro dos mais famosos chefes da cozinha britânica tomaram um helicóptero e foram à caça do galo silvestre nas charnecas da Escócia — aquelas de que tanto falou Sherlock Holmes. E não era em qualquer galo que atiravam — só nos mais gordos e tenros, próprios para os paladares delicados.

Figueiredo ouviu, em Recife, de Gílson Machado Filho um minucioso relatório dos empresários da indústria do açúcar.

Figueiredo em Pernambuco

O DIÁLOGO FRANCO COM OS EMPRESÁRIOS DO AÇÚCAR

EM sua recente visita ao Recife, o General João Baptista de Figueiredo teve oportunidade de receber, em audiências especiais, as lideranças empresariais e trabalhistas da região. Pela sua vocação agrícola, Pernambuco foi o estado brasileiro onde a cana-de-açúcar se implantou, gerando historicamente todo o processo de desenvolvimento do produto em solo brasileiro. Por essa e muitas outras razões, o encontro entre o candidato da Arena à Presidência da República e os responsáveis pela política empresarial do açúcar em Pernambuco, os presidentes do Sindicato da Indústria do Açúcar no Estado de Pernambuco e da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco vinha sendo aguardado com particular interesse pelo empresariado pernambucano. Dois aspectos foram defendidos pelos empresários, tendo à frente o presidente do Sindicato da Indústria do Açúcar no Estado de Pernambuco, o industrial Gílson Machado Filho: 1. a rápida concretização do programa de implantação do Pólo Alcool-Químico e 2. maior ênfase no programa habitacional destinado ao trabalhador rural, evitando-se assim o êxodo rural e a conseqüente falta da mão-de-obra para a agricultura.

O General Figueiredo afirmou que "preferia acertar ou errar com os produtores", pelo que defendia o diálogo amplo, embora "algumas decisões, em certos casos, somente poderiam ser tomadas de acordo com os interesses superiores da própria nação brasileira". Figueiredo reconheceu ainda que o açúcar no Nordeste não é apenas um problema econômico, pois transcende para a área política e social, razão pela qual deve ser encarado sob vários ângulos. Outro ponto defendido pelos empresários pernambucanos da agroindústria foram as modificações introduzidas no Instituto do Açúcar e do Álcool, a partir de 1967. Criado para a defesa do produtor e do consumidor, o IAA tinha, em seu Conselho Deliberativo, uma maioria de produtores. Com as modificações, o Conselho é hoje integrado por dez representantes da área estatal e apenas cinco da área empresarial. Na opinião de Gílson Machado Filho, trata-se de uma posição na qual "os empresários desejam dividir as responsabilidades pelo sucesso e insucesso da política global do açúcar", pois hoje todas as decisões partem do governo. É lógico que o controle dessa política permaneceria na esfera governamental, mas caberia aos empresários uma voz mais ativa e uma representação mais numerosa no Conselho. Machado fez entrega a Figueiredo de um exemplar da conferência que pronunciou na Escola Superior de Guerra, abordando problemas do setor e apresentando sugestões capazes de contribuir para minorar a crise.

NELA se procurou enfocar a superprodução mundial de açúcar; as divisas produzidas com as exportações desse produto e a participação de Pernambuco nesse comércio; os incentivos financeiros oferecidos pelo governo para incremento da produção e a resposta das regiões produtoras; a parcial ociosidade dos equipamentos industriais em face da deficiência da matéria-prima — a cana; as reduzidas opções agrícolas da Zona da Mata de Pernambuco; a carência de maior apoio dos órgãos públicos às pesquisas genéticas para obtenção de variedades mais ricas em sacarose e à intensificação do combate às pragas; o precário sistema viário na área agrícola; os preços insuficientes para a cana, o açúcar e o álcool; as dificuldades com o escoamento do álcool carburante; a necessidade de estudos para criação de um grande pólo álcool-químico na Zona da Mata, uma vez que, do álcool, se fabricam quase todos os produtos derivados do petróleo, ensejando a criação de novas empresas em Pernambuco, que ali se localizariam em razão da matéria-prima que dispõe a região.

Inaugurado o futuro.

Receiver de FM Digital Model 1450

Há algum tempo atrás, quem pensasse em fazer um receiver de FM com indicação digital de frequência sintonizada, com sintonia automática servo-controlada, com sensores de toque em lugar de botões, memória, era chamado de louco ou mentiroso. Mas a história é feita de desafios. De conhecimento e capacidade em tornar realidade o impossível.

A Gradiente foi uma das poucas indústrias do mundo que assumiu este papel, trazendo para a estereofonia de componentes a tecnologia da eletrônica digital. E aí está o Receiver de FM Digital Model 1450, com 140 watts IHF. Avançadíssimo, puro, perfeito. Onde, para sintonizar, você só encosta o dedo num dos sensores e ele começa sozinho a procurar a estação. Encontra, mede a frequência, centraliza o canal através de um circuito especial servo-lock, e só sai de lá quando você mandar. E ainda tem uma memória para a estação previamente escolhida, controle de médios, V. U. Meters em LED's, um revolucionário circuito de FM, seção amplificadora especialíssima e muitas outras características exclusivas. Uma conquista que agora deixa de ser da Gra diente para ser da eletrônica. O inicio de um novo tempo que começou, e que por sorte você já pode participar.

*Fabricados na Zona Franca de Manaus.

gradiente

Colucci & Associados

GENTE

Elsa Martinelli mostra a sua coleção de maiôs

□ Ela manteve tudo em segredo — enquanto pôde. Mas quando suas novas atividades foram afinal reveladas, isso não chegou a ser surpresa para as pessoas que a conheciam bem: nada mais natural que alguém como **Elsa Martinelli,** que sempre revelou bom gosto e certa paixão pelos adornos femininos, tentasse a criação de moda. Sua primeira experiência nesse campo é uma audaciosa coleção de maiôs, a ser apresentada no próximo mês de outubro em Florença. Mas nem por isso a atriz pensa em abandonar a antiga profissão, que a tornou mundialmente conhecida. Ela terminou há pouco um filme na Itália (*Astuzia per Aztuzia*), dois nos Estados Unidos (*Vicious Circle* e *The Return of the Saint*) e já planeja uma *tournée* por vários países — entre eles o Brasil — destinada a promover tanto os filmes como a coleção de maiôs.

Sipa Press

Elsa com um modelo da coleção: mostrando o maiô e o resto.

B. Charlon/Camera Press

Brejnev e a nova imagem: mais humano.

Brejnev e o fotógrafo indiscreto

□ **Leonid Brejnev** estava com outros dirigentes soviéticos na sala do Kremlin à espera do *premier* francês Raymond Barre; não percebeu que o hábil fotógrafo Bernard Charlon também já se encontrava por ali, pronto a documentar a reunião. E o resultado dessa presença inoportuna foi uma série de fotos indiscretas e em nada condizentes com a imagem austera, ameaçadora e imperturbável do líder soviético. Na descontração e nos gestos espontaneos captados por essas novas fotos, o homem tão freqüentemente comparado a uma rocha de granito se revelou bem mais humano e jovial do que em qualquer registro fotográfico de que se tem notícia.

DRAMA CÓSMICO □ "Parece que este time dá um certo azar a seus craques internacionais," comentou na semana passada uma colunista de fofocas americana. E fez a ressalva: "Desde que sejam casados." A ironia tinha um destino certo. Depois do Rei Pelé, chegou a vez do *kaiser* do futebol alemão, **Franz Beckenbauer,** também contratado do Cosmos, anunciar o fim de seu casamento com Brigitte. Ela acabou de passar três semanas em Nova Iorque, segundo se anuncia, "com o objetivo não de tirar férias mas sim traçar planos para o futuro". Este futuro inclui uma indenização de um milhão de dólares para Brigitte. Que, como a Rose ex-de Pelé, tem três filhos. Mera coincidência?

Luiz Alberto

Beckenbauer: um divórcio caro.

Lord Snowdon/Keystone

Anne aos 28, segundo o tio Tony.

ANIVERSÁRIO □ No seu 28.º aniversário, comemorado no último dia 15, a **Princesa Anne,** da Inglaterra, pôde mostrar aos amigos uma série de fotos feitas especialmente para a ocasião. Mas o detalhe insólito é o nome do autor das fotos — o tio Tony (Anthony Armstrong-Jones), Lord Snowdon, ex-marido da tia (e princesa) Margaret. O fato significa que, apesar da separação, Lord Snowdon conserva o seu prestígio junto à rainha, que aparentemente ainda o considera o fotógrafo oficial da corte para as grandes ocasiões. Tony mantém, também, a amizade da família real britânica, embora sua ex-mulher tenha merecido recentemente muitas manchetes na imprensa londrina graças à sua viagem à Itália em companhia de um banqueiro bem mais jovem do que ela.

Shere acha "política" a censura no Brasil ao seu livro

□ Ao censurar o livro, o Ministro Armando Falcão o acusou de "pornográfico" e de "atentar contra a moral e os bons costumes". Mas, em Nova Iorque, ao ser informada da proibição de seu *Relatório Hite, best seller* em vários países e já em segunda edição no Brasil, onde vendeu 30 mil exemplares, a autora **Shere Hite** disse à repórter Eugênia Fernandes, de MANCHETE: "Meu livro não foi censurado por ser pornográfico e sim por ser político." A escritora, que no passado foi modelo de comerciais de televisão, lembrou que o livro só foi censurado antes em três países: África do Sul, Índia e Malásia. "Isso é um retrocesso para todas as mulheres brasileiras, que realmente precisam de informações", acrescentou Shere, que planeja viajar ao Brasil ainda este ano para fazer conferências e participar de debates em várias cidades. No Rio, o chefe de vendas da Difel, que editou o livro, revelou que a terceira e quarta edições já estavam preparadas e sairiam ainda este ano.

Luiz Alberto

Shere Hite contra a censura brasileira: um retrocesso, como na África do Sul.

Um show de Edu Lobo, dez anos depois

□ Nos últimos 10 anos, **Edu Lobo** permaneceu praticamente afastado dos palcos, fazendo apenas um ou outro *show* relâmpago. Mas, a partir desta semana estará finalmente de volta, num superespetáculo que ele considera uma espécie de musical-síntese de tudo o que criou até hoje — inclusive, evidentemente, suas músicas mais famosas, como *Ponteio, Marta Saré, Upa Neguinho* e *Jangada*. Um total de dez instrumentistas estará reunido no espetáculo, no qual Edu Lobo, além de se responsabilizar pela direção musical, estará cantando, tocando piano e violão. *Camaleão* é o nome deste *show* de retorno.

MANCHETE

Edu Lobo: a volta, no musical-síntese.

□ **O DONO DA CITY** lorde prefeito de Londres, Sir Peter Vanneck, chegou ao Brasil esta semana para uma série de compromissos oficiais e sociais. Trata-se de uma visita muito especial: Vanneck governa um dos menores e mais famosos territórios do planeta: a City, de 274 hectares, originalmente centro da Londres romana, duas vezes destruída pelo fogo, em 1666 e 1940, e duas vezes reconstruída. Ali funcionam todos os grandes bancos, financeiros e corretores, a Bolsa de Valores e outras célebres instituições do capitalismo britânico e internacional. E Vanneck exerce um dos cargos mais antigos da Terra, criado em 1215 por uma carta especial do Rei John.

BNS

Sir Peter: pompa e circunstância.

Ayrton Camargo

Petraglia: morrendo como Bogart.

DESTINO MORTAL □ A morte não assusta o ator **Mario Petraglia.** Tanto assim que de um ano para cá ele já *morreu* cinco vezes. Esse filho de italiano, cujo sonho é se tornar o "Mastroianni brasileiro", *morreu*, pela primeira vez, na peça *Um Padre à Italiana*, por um motivo insólito: exagerou no amor. No filme *Barra Pesada*, de Reginaldo Farias, ele *morreu* num carro em movimento. Em *O Grande Desbum*, ainda inédito, a morte prematura de seu personagem se repete. Na novela *Sem Lenço, Sem Documento*, ele era o Silvério e *morreu* no 13.º capítulo. E agora, em *Sinal de Alerta*, foi linchado logo no primeiro capítulo. Petraglia não se queixa das mortes. "Afinal, Humphrey Bogart morreu 40 vezes nos seus filmes", lembra com orgulho.

São Caetano: qua

Uma marca não se constrói em um dia.
A nossa tem mais de meio século. Com absoluto respeito ao consumidor. Construindo pouco a pou uma tradição de qualidade.
Lançando novas linhas de produtos dentro das expectativas do mercado.
Acompanhamos nesses anos todos a evolução da engenharia, da arquitetura e da decoração.
Muita coisa mudou com o tempo.
Mas, certamente, os primeiros pisos que produzim ainda estão colocados em velhos casarões, com a mesma classe, a mesma resistência.
Há quase 70 anos a Cerâmica São Caetano vem

lidade 5 estrelas.

roduzindo no Brasil ladrilhos de todos os tipos com a
erteza de que a sua arte é eterna. Simplesmente,
orque a idéia original de produzir ladrilhos cerâmicos
m mais de 400 anos. E é a solução mais inteligente
iada até os nossos dias.
uando você for construir ou reformar, compre
evestimentos cerâmicos que sejam
onitos por cima, com uma marca de qualidade
ravada embaixo: São Caetano.
ualidade 5 estrelas.

CERÂMICA SÃO CAETANO S.A.

ÃO CAETANO

Os novos governadores

ESPÍRITO SANTO

desenvolvimento integrado

Texto de Murilo Melo Filho • Fotos Rolnan Pimenta

O clã do Senador Eurico Rezende inclui seus filhos, filhas, genros, noras, netos, netas, além de sua mulher, que compõem um típico lar capixaba.

ESPÍRITO SANTO

Área: 45.597 km²
População: 1.776.500
Principais cidades: Vitória, Vila Velha, Colatina, Cariacica, Cachoeiro de Itapemirim.
Clima: quente e úmido, estação seca no outono-inverno, chuvas entre outubro e março.
Principais produtos: banana, café, carne, areia monazítica, manganês, petróleo, borracha.
Número de eleitores: 650.000
Senadores: 1 do MDB e 2 da Arena
Deputados: 3 do MDB e 5 da Arena
Atual Governador: Élcio Álvares.

Mineiro de Ubá, cabe-lhe agora governar o Espírito Santo, onde se elegeu suplente de deputado estadual em 1950, assumindo o mandato com a renúncia do Deputado Newton Barros. Em 1962 elegeu-se senador. Parlamentar, advogado, jornalista e professor fundou em Brasília a Universidade do Distrito Federal, que conta hoje com mais de 3 mil alunos. Como pecuarista, teve uma experiência amarga: queria criar gado na fazenda adquirida do ex Deputado Breno da Silveira, nos arredores de Brasília, mas quando convidou amigos para visitá-la, teve o desprazer de verificar que os ladrões haviam passado antes pela propriedade, levando as cabeças de gado e chegando a desmontar a própria casa. Sua figura identifica-se com o charuto, que o aproximou dos Senadores Daniel Krieger, Adolfo de Oliveira Franco e Vasconcellos Torres, todos apreciadores de um bom Havana. Identifica-se também com um Pateck Philip, cuja corrente de ouro acaricia demoradamente, enquanto, risonho, conversa com os amigos. Em 1975 relatou o processo aberto pelo Senado para julgar o Senador Wilson Campos, principal implicado no Caso Moreno. Recomendou a extinção do mandato do parlamentar, por reconhecer que ele havia ferido o decoro. Seu parecer não foi acatado pela maioria, porém o senador pernambucano acabou punido pelo AI-5, perdendo o mandato e os direitos políticos. Sua candidatura obteve o consenso unânime da Arena capixaba, tendo à frente o próprio Governador Élcio Álvares.

— *Contava ser escolhido governador do Espírito Santo?*

— A partir do momento em que foi fixado que o fator densidade eleitoral teria influência preponderante no processo de escolha, passei a ter esperança na minha indicação. Eleito senador duas vezes consecutivas, em ambas com a condição de mais votado, aquele requisito, quanto a mim, estava plenamente atendido. Ressalvo, porém, que outros companheiros meus de partido também se apresentavam em termos de popularidade comprovada, merecendo a opção. Mas houve, por certo, um adicional a meu favor: a minha longa presença no Congresso, de envolta com a posição de líder do governo, evidenciou um relacionamento nas esferas federais que, certamente, será benéfico ao meu estado. Era este, aliás, de modo geral, o entendimento de meus co estaduanos, independentemente de filiação partidária.

— *Como recebeu a sua escolha para governador do Espírito Santo?*

— Com a óbvia emoção de quem vai ter, em outro setor a oportunidade de servir ao seu estado, além de ter sido objeto de um julgamento honroso e estimulante.

— *Como encara a oposição no seu estado?*

— Creio mesmo — e isto será saudável — que enfrentarei uma oposição séria. Mas séria através da melhor semântica, isto é, com seriedade, pois, felizmente, no Espírito Santo, existem vastos recursos humanos nas fileiras oposicionistas, capazes de exercer um estilo de fiscalização e de debate construtivo. Alcançando para o meu governo o respeito da opinião pública, como tenho certeza de que alcançarei, minha

Na residência do senador, uma cena do repouso do guerreiro, após os entreveros em que fica mergulhado durante as tardes inteiras no plenário do Senado, contra a aguerrida bancada oposicionista do MDB naquela Casa do Congresso.

preocupações serão menores e minhas ocupações encontrarão respaldo e eficácia.

Um governo com as dificuldades naturais

— *Como espera receber o governo do Espírito Santo?*

— Com as dificuldades naturais decorrentes de um país em desenvolvimento e tangido pelos efeitos penosos da conjuntura econômica mundial. Mas um estado com as suas incalculáveis potencialidades em início de exploração decisiva, notadamente nas áreas da industrialização, hoje alvo da atenção prioritária do governo federal e de muitas nações ricas. A partir da década de 60, ocorreu uma transformação substancial no quadro sócio-econômico do Espírito Santo. E os próximos vinte anos refletirão nossa condição de um dos estados mais desenvolvidos do Brasil, proporcionalmente. Houve época em que chegávamos a superar a taxa de crescimento do PIB nacional em 3%. Atualmente, a comparação é de menos 2%. Isto quer dizer que, nesta década, não nos distanciamos muito do ritmo de expansão da economia brasileira.

— *Quais serão as prioridades do seu governo?*

— O item das prioridades está sujeito a condicionantes. Pelo sistema econômico atual, os estados estão sujeitos a uma acentuada dependência diante da União. A política de desenvolvimento integrado, dentro das exigências do federalismo cooperativo, no qual se insere o comandamento tributário por parte do governo federal, leva os governos estaduais a uma prioridade de planos e reivindicações, em grande parte sujeita, quanto à sua viabilidade, à resposta do poder central, o principal e decisivo colaborador e sem cuja ajuda praticamente nada de relevante se pode fazer. Reconhecemos que, no estágio atual do desenvolvimento do país, esse sistema consulta os interesses nacionais e vem sendo responsável pelos grandes saltos observados, nestes últimos anos, nas economias regionais. As aspirações estaduais, a nível de governo, conforme a sua dimensão, devem antes ser discutidas nos escalões administrativos da União, que é onde se encontram as fontes de recursos financeiros. O General João Baptista Figueiredo pode afirmar que uma de suas prioridades básicas será a agropecuária e cumprir o programa, pois suas condicionantes são bem menores. Mas um governador não pode ter igual desenvoltura, de vez que, na sua quase totalidade, os recursos para aquele fundamental setor não provêm do erário estadual, sem meios para enfrentar esse tipo de desafio. Posso, todavia, responder: sem prejuízo das outras frentes de desenvolvimento de meu estado, que prestigiarei o mais possível, procurarei dar ênfase ao problema educacional. A esse ideal, liguei permanentemente toda a minha vida de professor e de administrador escolar.

Relações amistosas com o governo federal

— *Como serão as suas relações com o governo federal?*

— Trata-se de uma articulação não apenas necessária, mas indispensável, porque, sem a drenagem de recursos técnicos e financeiros da União, não será possível o desenvolvimento regional. Procurarei explorar ao máximo as potencialidades do meu relacionamento nos escalões federais. E com um estímulo: ao mesmo tempo em que o Espírito Santo necessita do apoio da União, a União necessita da colaboração do Espírito Santo. Em resumo: vamos falar a linguagem da intercooperação.

— *Há dissidência na Arena capixaba?*

— Absolutamente. A Arena capixaba está totalmente unida. Não houve uma defecção, sequer.

SEGUE

Governará o Espírito Santo procurando somar as virtudes do político com os predicados do técnico

— Todos os seus líderes se empenham com entusiasmo na vitória, que virá, em 15 de novembro. Há, como em toda parte, algumas divergências pessoais. Mas os poucos que divergem não deixaram o partido. Ao contrário, são candidatos. E alegro-me, por constatar que todo o partido está solidário comigo na minha orientação e ação políticas, que procuro revestir sem discriminação ou preferências pessoais, sem o que, aliás, seria impossível a coesão absoluta existente na Arena do meu estado.

— *Acredita na vitória da Arena em seu estado?*

— A unidade do partido, a campanha em desenvolvimento, tocada pelo otimismo e pelo trabalho vigoroso dos candidatos e dos líderes em geral, e as avaliações que temos feito dão-nos a certeza de que venceremos por significativa diferença o MDB, tanto para o Senado como para a Assembléia Legislativa e a Câmara Federal.

A Arena vencerá em todo o país, também

— *E no país, quais são os seus prognósticos?*

— As perspectivas revelam que os resultados eleitorais de 15 de novembro serão favoráveis à Arena, no cômputo geral. A anarquia, derrotada em 1964 e o acelerado desenvolvimento e modernização do país, observados nestes últimos anos, em todas as frentes e oficinas do trabalho nacional, são dados sempre presentes à opinião pública quando chamada a se manifestar através das urnas, o que tem feito, de modo global, em favor do nosso partido. Se antes foi assim, hoje será melhor, pois a iniciativa do Presidente Geisel colocou o Brasil numa transição decisiva e histórica: a cessação da excepcionalidade democrática e o retorno da plenitude do estado de direito. Às conquistas do desenvolvimento econômico, notadamente na área social, junta-se a bandeira das reformas políticas em busca da democratização. São verdades e motivações que, por certo, ampliarão a confiança do povo na ação do governo e do partido que lhe dá sustentação.

— *Governará com os técnicos ou com os políticos?*

— A formulação dessa pergunta sempre me leva ao lapidar conceito de Milton Campos: "O técnico tem o saber; o político, a sabedoria." O ideal, no caso, é estabelecer a intervivência dos dois elementos. As duas categorias são indispensáveis a uma administração que deseja ser multiplicadora. De modo geral, pretendo dar ao meu governo um comandamento político permanente. Tal política poderá ser ou não partidária, em muitos casos, mas será sempre exercida pelos meus companheiros e correligionários, obedecidos os requisitos da competência e da lealdade. Enfim: o saudável é existir o somatório das virtudes do político e dos predicados do técnico.

— *Que acha da Emenda Montoro para eleições diretas?*

— Sob o ponto de vista de vocação, guarda parentesco muito próximo com a Constituinte: é natimorta. O seu objetivo é meramente eleitoreiro, pois o que seu autor deseja é manter notoriedade a seu favor na impresa, rádio e televisão, o que, aliás, tem conseguido. Resumindo: o Senador Franco Montoro encontrou um modo sutil de violar a Lei Falcão e fazer desbragada campanha eleitoral visando exclusivamente à sua reeleição.

— *Como vê a Frente Nacional de Redemocratização?*

— Começou com muito fôlego e estampido, mas praticamente já desapareceu da cena política. Aliás, sempre a consideramos inviável e desnecessária, abrigando desígnios subversivos.

Figueiredo governará numa fase de dificuldades

— *Como prevê o mandato do General Figueiredo?*

— Ele governará num período ainda cheio de dificuldades, inerentes a um país em desenvolvimento, e o povo está consciente disso, para ajudá-lo com o calor do estímulo e da solidariedade. Todos confiamos em que o General Figueiredo, conhecedor abalizado dos problemas brasileiros e de nossa posição e possibilidades no contexto internacional, completará mais uma etapa vigorosa do nosso desenvolvimento. A grande expectativa será em torno do seu propósito de enfatizar a atividade do seu governo sobre a agricultura e a pecuária. O êxito completo nesse setor será a redenção do nosso país. A respeito, vale aqui uma citação: "Dois terços da humanidade não dormem porque estão passando fome, e o terço restante também não dorme porque o vizinho não se alimenta."

— *Acredita no aperfeiçoamento democrático?*

— Graças ao compromisso da Revolução e ao seu fiel condutor e intérprete, o Presidente Geisel, nossa fronteira democrática será ampliada pelo aperfeiçoamento do nosso estado de direito, a partir de 1979. Vamos seguir a filosofia de um desenvolvimento integrado, em termos econômicos, sociais e políticos. No campo institucional, as reformas determinarão a convivência, interligadas, da liberdade com a segurança e a responsabilidade, tripé indispensável à tranqüilidade da família brasileira e à ordem pública, imprescindíveis ao trabalho nacional, que não pode e não ficará sujeito aos obstáculos do impatriotismo e das ideologias de importação.

Bolshoi sabe que seu momento de decisão está chegando. Mas continua em cena

Reportagem de Mila Medvedovsky
Fotos de Paulo Scheuenstuhl

O primeiro balé a que assisti em minha vida foi exatamente no Teatro Bolshoi, em Moscou, ainda na infância. E a *prima ballerina* era Maia Plissetskaia, dançando de maneira arrebatadora, em pleno apogeu do seu gênio. Por coincidência, meu primeiro trabalho no Brasil foi entrevistar Maia, uma das minhas fervorosas admirações desde a meninice.

Fui a seu encontro no palco do Teatro Municipal, onde ela ensaiava ao lado de Eugênia Feodorova, com um grupo de crianças cariocas, preparando-se para o balé *Isadora*. Maia usava um vestido leve, os cabelos apanhados num prendedor. Sem maquilagem, muito pálida, seus grandes olhos lhe iluminavam o rosto. Com paciência, dirigia o ensaio. Notava cada deslize, mesmo os imperceptíveis para leigos. Quando o ensaio das crianças terminou, Plissetskaia trocou os sapatos pelas sapatilhas.

Concentrada, acomodei-me no salão escuro, a atenção voltada para Maia. Quando ela começa a dançar, tudo em torno desaparece. Uma incomparável beleza, uma inexplicável magia emanavam de cada um dos seus passos. Depois, na hora da entrevista, Maia explicou que só pretendia falar de balé.

"Sou bailarina. Por que ficar falando sobre a hora em que acordo, o que gosto de comer ou como vivo com meu marido? Só quero e preciso falar de balé. De *Carmen*, por exemplo."

SEGUE

Ao ensaiar alguns passos da Morte do Cisne, Plissetskaia se transfigura. Ela dança cada nuança da música e até seus exercícios são criações novas. Quando está parada e mesmo sem sapatilhas, Maia transforma seus gestos num ritual de beleza. As mãos expressivas também têm ritmo próprio.

MAIA PLISSETSKAYA
"Parar é muito difícil"

Aos 53 anos, a estr

Quando resolveu encenar Carmen, com coreografia cubana, Maia rompeu a tradição do balé clássico

COM as mãos cruzadas sobre os joelhos, a voz suave e cálida, ela conta que sempre sonhou em dançar *Carmen*. Considera a ópera de Bizet, baseada na novela de Mérimée, maravilhosa.

"A música é inteiramente de balé. Durante muito tempo procurei um coreógrafo."

A busca acabou quando chegou a Moscou o balé de Cuba, dirigido por Alberto Alonso. Maia foi ver os cubanos dançarem e saiu dali achando que o estilo do coreógrafo era exatamente o que ela imaginara para *Carmen*. Os entendimentos se fizeram, apesar do chauvinismo do balé soviético, e um ano depois, o trabalho começou. O compositor Rodion Szedrin, marido de Maia, orquestrou a música. Exclusivamente para instrumentos de sopro e percussão.

"Aconteceu um fato extraordinário, conta Plissetskaia. Geralmente, primeiro se escreve a música e depois se adapta a dança. Com *Carmen-Suite* aconteceu tudo ao contrário."

A posição de Maia diante de *Carmen* se relaciona com sua própria atitude diante do balé.

"É preciso dançar a música e não acompanhar a música. Se há uma mudança de orquestra, tem que haver uma modificação no balé. A morte do cisne acompanhada por violino é uma dança. Mas se o instrumento for substituído por violoncelo, o pássaro é outro."

Para ela, o primeiro mês de trabalho em *Carmen-Suite* foi difícil, quase doloroso. O corpo não obedecia, o cérebro custava a achar o caminho certo. De repente, tudo se revelou à bailarina: passos novos e audaciosos, um lançamento de todo o corpo, rompendo o tradicionalismo do balé clássico. Ironia e improviso — um desenho novo para a dança. *Carmen-Suite* influiu tanto na sensibilidade de Maia que até seu personagem de Odete no clássico *Lago dos Cisnes* mudou de imagem.

A primeira representação do novo balé foi recebida com hostilidade pelo público. Mas, com o tempo este aprendeu a amar e aplaudir a criação de Plissetskaia.

Ela está agora com 53 anos e diz não lhe restar muito tempo para a dança. Seu futuro está praticamente decidido: será coreógrafa. Mas, por enquanto, continua sonhando com a dança, vivendo para ela, tensa, cansada. E confidencia: "Sim, parar de dançar é muito difícil."

Principalmente quando a estrela se transformou em patrimônio artístico da humanidade.

Em sua temporada no Rio, Maia ensaiou com algumas crianças cariocas para o balé Isadora. *Atenta, perfeita, ela notava o menor deslize. Imperceptível para os leigos.*

Com garra. É como trazemos o esporte até você.

Manchete Esportiva *tem a cobertura completa do que acontece durante a semana no esporte do Brasil e do mundo.*
Tudo o que a televisão não mostra está em Manchete Esportiva, *que analisa para você o outro lado do esporte.*
Leia Manchete Esportiva *e saiba tudo sobre futebol, tênis, atletismo, natação, esporte amador, automobilismo. No Brasil e no mundo.*

Manchete
esportiva

tudo sobre todos os esportes

LEITURA DINÂMICA

discos

Trilhas em alta

Há alguns meses, a revista especializada *Cash Box* chamava atenção para o faturamento crescente das trilhas sonoras. Um movimento que, nas últimas semanas, tem se refletido também no mercado brasileiro. Puxando o cordão, sem dúvida, vem a de *Saturday Night Fever/Os Embalos de Sábado à Noite* (RSO/Phonogram). Até hoje os Bee Gees tentam compreender por que esta trilha *disco* — nem tão melhor do que outras — vendeu tanto, mas é isso aí. Mais conseqüente é *The Last Waltz* (WEA), excelente trilha sonora para o incompreendido filme de Martin Scorsese. Concerto de despedida do *The Band* — destaque especial para o tema-título — tem, entre outros, Neil Diamond, Bob Dylan. Imperdível para quem viu o filme, não viu ou ainda vai ver. Nem tão imperdível é o *Cinema à Italiana* (Top Tape), com temas de alguns sucessos recentes do cinema italiano como *O Inocente* de Visconti ou *Os Telefones Brancos*, de Dino Risi. Aproveitando a, finalmente, liberação de *A Laranja Mecânica*, de Stanley Kubrick, a WEA apressou-se em lançar a trilha que tem importante função no filme com a música eletrônica de Walter Carlos, trechos de Beethoven até a clássica *Singin' in the Rain*, na voz de Gene Kelly. Nada clássica é a bela sinfonia composta por John Williams para *Contatos Imediatos de Terceiro Grau* (selo Arista/Odeon), melhor que o próprio filme, em que *The Conversation* já é o símbolo mesmo dos *Contatos*. Também melhor que o filme é *Valentino* (selo United Artist/Copacabana) lembrando apenas o que o filme fracassado de Ken Russell tinha de aproveitável: os números musicais. Ouçam um *Daybreak, Dark Eyes*, o clássico *El Choclo* ou a irônica *There's a New Star in Heaven Tonight* e relembrem. Ainda para relembrar é o relançamento de *Garota de Ipanema* pela Philips/Phonogram com um Chico Buarque 10 anos mais moço cantando com Elis Regina a belíssima *Noite dos Mascarados* do próprio Chico — além de, entre outras, a clássica música-título. Ainda para o cinema brasileiro, mais recente, num compacto simples (WEA), Zezé Mota interpreta a canção-título, *Rita Baiana*, de John Neschling e Geraldo Carneiro de *O Cortiço*. Um indiscutível sinal de vitalidade tanto para o chamado mercado fonográfico como para o próprio cinema. E aguardem que vem muito mais por aí. O *Cash Box* não mente. □ *Wilson Cunha*

Farnese gerou uma arte de clima surrealista. Mas sua nostalgia mineira bem pessoal — com bonecos encerrados em oratórios ou martirizados.

arte

A Obra aberta de Farnese

A evolução lógica e apaixonante de um artista que sempre amou o mistério, o quebra-cabeça intelectual e a arte popular — da pintura *kitsch* ao ex-voto — está agora à mostra na Galeria de Arte Ipanema, no Rio. Toda essa parafernália sai da cabeça de Farnese de Andrade e se transforma — com extrema sensibilidade e unidade — num jogo surrealista. Sua arte diferente — ou melhor, seus *objetos* — começaram a viver artisticamente há mais de dez anos, quando ele colocou bonecos nus em redomas ou ex-votos em vitrinas. Pareciam seres angustiados, parados na expectativa de que alguém os libertasse. Farnese inventou isso sem inspirar-se diretamente na *pop-art*, nem no surre alismo clássico — embora haja em sua arte o us da *assamblage* e um clima onírico e erótico. Su crítica social, sua contestação do mundo — quand existente — é tão sutil, tão ironicamente disfarçad que se converte em lirismo bem humorado. Mas o *objetos* — antigos e atuais — de Farnese são típi cas *obras abertas*, cujo fascínio para o espectador exatamente tentar decifrá-los e depois se conven cer de que eles servem para múltiplas e intelige tes interpretações. □ *Flávio de Aquino*.

Nova Iorque

design

o bom desenho brasileiro

Exportar produtos brasileiros manufaturados para os Estados Unidos não depende apenas de estabelecer contatos com os importadores e editar sofisticados catálogos. Assediado por propostas do mundo inteiro, o consumidor norte-americano, naturalmente, se volta para os produtos que estejam mais a seu alcance. Até há pouco, o empresário brasileiro encontrava dificuldades para satisfazer essa exigência. Agora, o Consulado Brasileiro em Nova Iorque inaugurou o Brasil Showroom — com um salão de 190 metros quadrados à disposição dos exportadores. Além do local de exposições, há uma sala de atendimento ao público e um auditório de 25 lugares equipado para todo o tipo de comunicação visual capaz de atrair os interessados no *design* ou em produtos brasileiros. Paralelamente às mostras de determinados manufaturados, o Showroom promove outras — visando sempre interessar o consumidor em mercadorias de alta qualidade. E até então não encontradas em feiras comerciais ou lojas da cidade. □ *Sucursal de Nova Iorque*

produtos de alta qualidade: à mostra.

A Laranja e a dieta no cinema

São seis anos de atraso, com relação aos países ditos civilizados, mas o público brasileiro, finalmente, conseguirá ver o controvertido filme de Stanley Kubrick, *A Laranja Mecânica*. Nestes seis anos, muita coisa mudou e *A Laranja* ficou meio murcha. Como passados ficaram tantos outros filmes, então importantes, impedidos de chegar às telas brasileiras. Os reflexos desta dieta cinematográfica, inevitavelmente, chegam ao cardápio dos filmes em cartaz. Há semanas — além de inevitáveis ou evitáveis continuações — pouco existe de novo em nossos circuitos comerciais e a TV acaba se transformando em veículo dos filmes importantes. Embora massacrados pela dublagem. A liberação da *Laranja* — mesmo murcha, não importa — pode significar que a dieta, também no cinema, será ao menos afrouxada. □ *Wilson Cunha*

livros

O Carisma de Vilma

Vilma Guimarães Rosa volta a publicar histórias curtas — ao todo, nove — em seu novo livro, *Carisma*, editado pela José Olímpio. Se alguns a acusavam, por causa dos títulos dos seus primeiros trabalhos — *Acontecências, Setestórias* e *Serendipty* — de tentar continuar o desafio da obra do seu pai, Guimarães Rosa, inventando uma linguagem nova, agora a acusação desaparece definitivamente. Vilma tem estilo próprio, simples e transparente, feito de frases curtas e objetivas. Seus contos são impregnados de um subjetivismo delicado, de uma insistência no sonho de quem reluta em se separar da infância ou do espírito da infância (*Menina* é a própria Vilma, cruzando pela rua com a Vilma adulta). Um dos contos é particularmente bem acabado e realizado: *Visita*, história de um personagem que vai à casa do autor (a) para mudar o próprio destino. Com esse livro, a contista vem reforçar uma obra literária que merece atenção da crítica. □ *Heloneida Studart*

música

Concerto com as estrelas

Nesta série, realizada no auditório do Planetário da Gávea (Rio), reapareceu a pianista Ivy Improta que, quando menina prodígio, foi descoberta em São Paulo por Villa-Lobos. O programa do Planetário fez ressaltar a sólida formação da pianista em Sonatas de Scarlatti e no *Concerto Italiano* de Bach. E deu margem, ainda, a que se expandisse sua sensibilidade romântica em um dos *Improvisos* de Schubert. □ *Eurico Nogueira França*

teatro

O Dia-a-Dia de Maria

Enfim, um trabalho difícil e realizado. Ao estruturar uma peça dentro da peça — os problemas de um elenco que tenta montar o drama de uma retirante nordestina & família — em *Maria e Seus Cinco Filhos* (Cacilda Becker, Rio), José Siqueira enfrentava várias armadilhas. Mas o trabalho coletivo do Grupo Dia-a-Dia consegue superá-los. Bravamente. □ *Wilson Cunha*

Sérgio de Souza

Betty Faria e Mário Gomes: sem estrelismo, tipos humanos como outros.

cinema

O saudável Cortiço

Em meio a tantos filmes nacionais com poucos personagens, quase sempre enquadrados de perto, *O Cortiço* representa uma saudável abertura de lente para focalizar toda uma galeria humana, e assim compor um sugestivo retrato de época e de costumes, inspirado no livro de Aluísio Azevedo. Trata-se de um esforço de produção digno de nota e de um teste de linguagem que demonstra a maturidade artesanal desse jovem cineasta Francisco Ramalho Jr. (*À Flor da Pele*). Cinematograficamente, há pelo menos uma seqüência brilhante, a do incêndio da estalagem. Um perigo que o diretor soube contornar era o de cair no comercialismo fácil sugerido pela presença de estrelas da tevê: Betty Faria e Mário Gomes são dois tipos humanos como os demais, havendo inclusive outros mais fortes em cena. Também essa honestidade intelectual valoriza um trabalho que, se carece de uma importância maior, é no entanto bem superior à média da produção estrangeira aqui exibida ultimamente — e até mesmo a alguns supostos filmes muito especiais que nos chegam cobertos de medalhas de festival. □ *José Haroldo Pereira*

FILMES EM CARTAZ	Zevi Ghivelder	Justino Martins	Valério Andrade	J. Guilherme Correa	J. Haroldo Pereira	Wilson Cunha
PAI PATRÃO	***	****	*	****	***	**
CONTATOS IMEDIATOS	*****	**	****	****	***	**
UM DIA MUITO ESPECIAL	***	***	—	**	*	****
ROTA SUICIDA	—	—	*	●	—	●
JULIA	***	***	****	*****	**	***
EMBALOS DE SÁBADO À NOITE	*	**	**	*	*	●
O ANIMAL	●	*	*	—	—	●
O CORTIÇO	—	**	*	●	***	—
MONSTRO DE SANTA TERESA	—	—	—	—	*	●
BEAU GESTE	*	**	***	***	—	**

Cotações: ● péssimo * fraco ** regular *** bom **** muito bom ***** ótimo

Os motores Mercede
a colher b

Quando você menos espera, em lugares onde você nem desconfia, você acaba utilizando um Mercedes-Benz para facilitar sua vida. No meio do campo, escondido numa colheitadeira, num trator, numa bomba de irrigação, trabalha um motor diesel Mercedes-Benz. Aí você acaba lembrando que nem só de ônibus e caminhão vive a mecânica diesel Mercedes-Benz. E você passa a ser um fazendeiro tranqüilo. Porque os motores diesel Mercedes-Benz utilizados para o acionamento de máquinas agrícolas funcionam sempre com a eficiência Mercedes-Benz, a consagrada segurança operacional, a garantia da alta qualidade do material empregado na

Rentabilidade, segurança e durabilidade. Motores diesel Mercedes-Benz para aplicações no campo.

fabricação de seus componentes, a precisão da usinagem e da montagem.

Motores pra quem tem os pés na terra.

Os motores Mercedes-Benz que acionam equipamentos agrícolas asseguram todas as vantagens encontradas nos motores dos caminhões e ônibus Mercedes-Benz. São extremamente econômicos, de grande resistência, com custos mínimos de manutenção e apresentam uma longa vida útil. E

s-Benz ajudam você
ons lucros.

Motobomba para irrigação acionada por motor Mercedes-Benz. Tecnologia diesel a serviço dos lucros no campo.

enquanto durar esta vida útil, você conta, além da assistência do fabricante do equipamento, com a assistência técnica Mercedes-Benz, executada por técnicos especializados em motores diesel, treinados na própria fábrica, o que torna remotas as possibilidades de uma falha de funcionamento. Tudo isso para fazer de você um fazendeiro ainda mais confiante na terra.

Uma benfeitoria para você mesmo.

Quando você procura equipar e melhorar sua fazenda ou lavoura, você está pensando também em melhorar sua vida. Portanto, não pode deixar que um mau funcionamento atrapalhe seus planos.

Prefira os equipamentos agrícolas que trabalham com os motores Mercedes-Benz.

Afinal, você merece também ser um fazendeiro sorridente, na hora da colheita de lucros.

Mercedes-Benz

Bastou um dia de frio mais intens

A seca prolongada já havia comprometido bastante a produção de café no Estado do Paraná. Agora, para completar o que ela iniciara, veio a geada, E bastou um dia de frio mais intenso para atrasar a produção de café, trigo, soja e cana. O pior de tudo é que essa geada já tinha sido prevista por técnicos do CTA em fins de junho passado, mas, como dizem os diretores dos serviços de assistência rural no Paraná, o que se podia fazer? A única solução seria molhar cada pé de café logo após a geada e isso é impraticável quando se trata do Paraná, que possui áreas imensas ocupadas com esse tipo de lavoura. No final da semana já se podia ver com clareza o volume dos prejuízos causados. O café, por exemplo, começa a ficar marrom dois dias após a geada e o trigo ainda permanece alguns dias com sua cor verde, apesar de já estar praticamente perdido, pois o frio nessa época do ano atinge o caule, fazendo com que as espigas não recebam mais a seiva. Três dias depois da geada, os trigais estão amarelos, mas não naquele tom amarelo da época da colheita. É um amarelo cor de palha seca, resultado da geada. A cana, um pouco mais resistente, alguns dias depois fica amarela, perde grande parte de sua capacidade de produzir açúcar e passa a servir apenas para a fabricação de aguardente. Mas em muitas regiões nem para isso a cana poderá ser aproveitada.

Contrastes. No norte do Paraná, perto de Londrina, a geada não foi tão forte. Por isso, quem passa pela região vê imensas plantações de café e apenas uns poucos pés danificados. Mas, além de Londrina, em direção a Maringá, o cenário começa a mudar. Os canaviais estão verdes quando plantados nas regiões altas, mas nas baixadas eles estão totalmente amarelos. Só que essa não foi a lavoura mais prejudicada com a geada tardia. Em Rolândia, os fazendeiros esperavam ter este ano uma boa colheita. Depois daquela grande geada de 1975, todas as plantações de café do Paraná tiveram que ser reativadas. O frio queimou até a raiz de algumas plantações naquela época e é por isso que hoje não se encontram cafezais com mudas que tenham mais de três anos. Este ano, os pequenos pés de café iniciaram tarde a fase da floração, pois a seca impediu que as flores viessem na época certa. Todas as mudas tinham pequenos brotos quando o frio chegou. Os fazendeiros afirmam que uma geada fraca assim é comum na região, só que no mês de junho, quando as plantações ainda não começaram a florir. Por isso, sempre há algum pequeno prejuízo.

Fotos de Mituo Shighihara

Num curto período de tempo, os cafezais do Paraná morreram queimados sob a ação das geadas que assolaram, na semana passada, as lavouras do sul do país.

A geada castiga as lavouras do Paraná

1979. Os lavradores do Paraná são unânimes em dizer que a natureza se voltou contra o seu estado. Nas regiões de Umuarama, Altônia, Pérola e Cianorte, os cafezais estão cor-de-chocolate. Mesmo que a geada não tenha sido como a de 1975, a safra de café de 1979 está comprometida em trinta por cento, segundo dados do IBC.

PORQUE a raiz não foi atingida e porque alguns brotos não foram queimados, acredita-se que ainda dá tempo para uma segunda floração. É claro que o café

...para atrasar a produção de café, trigo, soja e cana

não será produzido na mesma quantidade planejada. Um casal de pequenos lavradores de Arapongas havia plantado 1.500 pés de café e agora calcula que conseguirá, se não cair outra geada, uma saca de café.

Se a safra de café está comprometida em trinta por cento, o que dizer da situação dos fazendeiros do sul do estado? Eles tiveram quase toda sua produção de trigo perdida. Essa região é responsável por quarenta por cento da produção de trigo do país. No sudoeste do Paraná, de Terra Roxa e Palotina até Cascavel, onde se via o trigo verde, só se vê agora a cor-de-palha que cobre toda a área cultivada. O trigo nesta época também está começando a brotar, as pequenas espigas estão começando a aparecer. Com a geada que queima o caule, o trigo seca e logo morre. A haste de trigo fica praticamente solta já que não recebe mais alimento. Nas pequenas plantações de café não se ouviam muitas lamentações por causa da geada. Esses fenômenos naturais são aceitos quase como uma fatalidade. Tanto a seca quanto a geada e mesmo a chuva são vistas como coisas que não podiam ser evitadas. Em Arapongas, um desses lavradores, enquanto olhava sua plantação de pouco mais de dois mil pés de café, reclamava por ter gasto uma fortuna com remédio contra uma doença, a peste mineira, que acaba com as folhas dos pés de café, e uma semana depois a geada veio e estragou quase metade de sua plantação. Mas, em meio a todo esse panorama crítico, ele ainda encontrava um tempo para agradecer a Deus por não ter chovido:

"Se junto com a geada tivesse vindo essa garoa fina, aí sim é que nada não me sobrava. Lá para o sertão (ele chama de sertão a região de Umuarama) a coisa foi mais feia por causa da chuvinha que caiu. Chuva e vento frio são a melhor coisa pra se acabar com uma plantação."

Em Londrina, o presidente da Sociedade Rural da região, Antônio Fernandes, descreve como fica o estado com a geada:

"O Paraná fica de luto quando vem uma geada. Fica coberto por um crepe. E o pior é que isso não tem um remédio preventivo. Se há possibilidade de ferrugem no cafezal, existem os meios eficazes de se evitar essa praga, assim como todas as outras nas plantações — mas como é que se pode impedir uma geada? A gente fica sabendo da frente fria que se aproxima e a única coisa que se pode fazer é ficar rezando para que ela não atinja nossa plantação. Mas é uma coisa que não se pode prever. O vento frio vai queimando tudo o que encontra pela frente. Por onde ele passar o fazendeiro terá prejuízo. Alguns ainda têm a sorte do vento passar e pegar só as partes superiores das plantas. Isso acontece geralmente quando as mudas são pequenas. As plantações de três anos, essas são mais altas e então ficam quase que totalmente danificadas." Mas não foi só a agricultura que ficou prejudicada. A pecuária também foi atingida pelas conseqüências dessa frente fria. Os pastos ficaram totalmente queimados na região entre Londrina e Maringá. Se bem que com duas ou três chuvas a grama volta a crescer e o gado terá então, novamente, com o que se alimentar. Só que parece que a seca ainda não se decidiu a abandonar o estado. Durante o dia, mesmo com o sol brilhando e o céu azul, o vento é frio e seco. Nada indica que vá chover. E chuva, sem geada, é necessária para que pelo menos os cafezais ainda tenham uma segunda floração este ano. Quanto ao trigo, ele está perdido e, no que se refere à cana, a previsão no Estado de Paraná é de um 1979 com pouco açúcar e muito álcool. **(Violeta Marien/Curitiba)**

O leitor em manchete

Papa

Acompanhei, através das páginas de MANCHETE, as notícias da morte do Papa Paulo VI, chefe supremo da Igreja Católica Romana. Como cristão evangélico, não poderia deixar passar essa oportunidade de manifestar minha admiração por esse Pontífice. Paulo VI era personalidade inclinada ao diálogo, ao respeito à liberdade de consciência dos cristãos de outras confissões. Sei que após a abertura do Concílio, todos — católicos ou não — se voltarão mais para o exame das sagradas escrituras.
Josué Pinheiro Costa. Campo Belo. SP

Agente Laranja

Lendo a entrevista de Dias Gomes a Janete Clair (MANCHETE n.º 1374) notamos referência ao nosso produto herbicida Tordon e gostaríamos de esclarecer o seguinte: *1* O Tordon 101 não é o agente laranja; *2* Não é usado no combate às pragas que atacam a lavoura; *3* Além de estar devidamente registrado e licenciado pelo Ministério da Agricultura Brasileiro, é um herbicida em pastagens onde existem ervas daninhas não consumidas pelo gado; *4* A aplicação de produtos dessa natureza é feita com a orientação técnica de especialistas no assunto; *5* Os defensivos agrícolas têm contribuído para o aumento da produtividade da agropecuária no Brasil e em outras partes do mundo. *Marcelo Lins. Gerente de Comunicações da Dow Química S.A. São Paulo. SP*

Nostalgia

Vocês podem me chamar de saudosista, mas estou entre aqueles fãs exaltados que ainda repetem "nunca houve mulher igual a Gilda". Ou seja, gostaria de ver em MANCHETE uma reportagem sobre Rita Hayworth sem nenhuma referência ao tipo de pessoa que ela se tornou (sofrida e envelhecida), mas ao contrário, com ilustrações, mostrando-a em toda a sua antiga beleza e glória. Outra obsessão minha é a carreira de Gene Kelly, mas isso fica para outro papo.
Antônio Celso Camargo. São Paulo. SP

Rostropovich

É com enorme satisfação que em nome da PAS e no meu agradeço a bela noite beneficente que nos proporcionou o inigualável Rostropovich, no Teatro da Manchete. A renda foi entregue à Pró-Matre, em comemoração ao 60.º aniversário dessa instituição.
Hilda Faria Lima. Programa de Ação Social. Rio de Janeiro. RJ

Concurso de Miss

Não há dúvida: MANCHETE não é mais a mesma nem dá aos concursos de beleza o lugar que eles merecem. Antigamente, era aquele festival de cores, com páginas e mais páginas para as lindas concorrentes. Agora, sai uma pequena matéria e é tudo. Afinal de contas, reunir 75 belas jovens, numa festa de paz e encanto, é um acontecimento importante.
Humberto Benzaguem da Silva Gomes. Rio de Janeiro. RJ

Transamazônica

Sou muito ligado a tudo que diz respeito à Amazônia, região que acho definitiva para qualquer projeto de integração nacional. Assim, li emocionado a reportagem de Joel Silveira sobre a estrada onde se pergunta: *Valeu a Pena Construir a Transamazônica?* A resposta está no próprio texto.
Raimundo V. Carvalho. São Bernardo do Campo. SP

TEMPORADA LÍRICA

Encerradas as apresentações da ópera *Otello*, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, a direção da Fundação de Teatros do Estado do Rio de Janeiro enviou ao cenógrafo Helio Eichbauer a carta abaixo transcrita.

"Encerrada a temporada da ópera *Otello*, de Verdi, cumpre-nos comunicar-lhe a nossa indignação pela forma incorreta e antiprofissional do seu comportamento com relação à Fundação de Teatros do Estado do Rio de Janeiro e com o Teatro Municipal.
Desde o início da atual temporada lírica, empenhou-se a Funterj em contratar artistas brasileiros nos mais diversos setores. Seu nome foi um dos primeiros apontados para a cenografia, seguindo-se seu contato pessoal com o *regisseur* Oscar Figueroa, com quem o senhor teve a oportunidade de trocar idéias quanto ao enfoque do cenário para a ópera *Otello*.
No entanto, após as primeiras reuniões, de modo inteiramente inesperado e absurdo, o senhor colocou-se numa situação de incomunicabilidade. Por mais de uma ocasião, o diretor artístico da Funterj, Edino Krieger, bem como seus assistentes, permaneceram horas a fio na sala de espera de sua residência, sem que o senhor se dignasse a recebê-los. Essa incrível situação prolongou-se por mais de quinze dias, no decorrer dos quais não tivemos de sua parte a elementar gentileza de uma resposta quanto à sua participação como cenógrafo na montagem da referida ópera.
Esta carta é para torná-lo ciente dos enormes problemas e prejuízos que nos causou o tempo perdido em função da sua inútil procura, bem como para registrar que sentimo-nos desobrigados, doravante, de contar com os seus serviços nas futuras produções da Funterj.
Atenciosamente,
GERALDO MATHEUS TORLONI."

A direção desta revista não se responsabiliza pela devolução de quaisquer originais não solicitados.

“Quero aquela copiadora que jamais será órfã de pai e mãe.”

Uma copiadora Xerox jamais será órfã de pai e mãe.

Não há uma única
copiadora Xerox abandona-
da, no Brasil ou em qualquer
país do mundo.
Cada copiadora Xerox
tem a própria Xerox cuidan-
do dela. Com os olhos bem
abertos e sem economizar
esforços, porque é assim que
se cuida de um filho.
A Xerox não é de largar a
cria na casa dos outros e
desaparecer. Ou entregar a
responsabilidade a terceiros
nem sempre atentos ou pre-
parados.
A Xerox se responsabiliza
diretamente por suas copia-
doras. Sem intermediários.
E toda vez que a Xerox
inova alguma coisa (ela vive
inovando coisas), imediata-
mente instala em cada copia-
dora, sem cobrar nada por isto.
Não é qualquer máquina
que goza deste privilégio.
Por isto, cada copiadora
Xerox, onde quer que esteja,
está sempre atualizada, com
as últimas inovações.
Não há modelos velhos,
caducos ou superados.
O que há, isto sim, são vá-
rios modelos diferentes
para diferentes necessidades.
Você nunca terá um
jatão, se um jatinho resolve
seu problema.
Assim, quando você
acolhe uma copiadora Xerox
no seu escritório, você acolhe
a própria Xerox, com sua
proteção total de supermãe e
superpai, suas constantes
inovações e a possibilidade de
resolver cada problema
com a solução mais certa
e econômica.
A Xerox não apenas
se orgulha de cada filho, como
precisa deles para manter
viva e respeitada a honra da
família que introduziu a xero-
grafia no mundo.

XEROX

Xerox é marca registrada da Xerox Corporation.

Prezada Xerox:

Lendo atentamente o seu anúncio, me deu vontade de ter a copiadora que jamais será órfã de pai e mãe.

Por isto, eu gostaria de:

☐ Receber a visita de um representante da Xerox, sem nenhum compromisso de minha parte, para examinar junto comigo a possibilidade de instalar uma copiadora Xerox na minha empresa.

Acredito que isto pode ser um bom negócio para mim, mas preciso de provas concretas e convincentes.

☐ Receber gratuitamente o material informativo sobre os equipamentos Xerox, de onde eu já posso ir tirando subsídios e informações úteis para dinamizar meu escritório.

Agradeço a atenção que a Xerox vai prestar, sem ônus, a mim e à minha empresa. E deixo aqui os dados necessários para que eu seja atendido prontamente:

Nome: ______________________

Empresa: ______________________ Endereço: ______________

______________________ Tel: ____________ Bairro: ____________

____________ Cidade: ______________ Estado: ____________ CEP· ____________

Recorte e envie para:
Xerox do Brasil S.A.
Departamento MA
Av. Rodrigues Alves, 261
Edifício São Rafael
CEP 20000 – Rio de Janeiro, RJ

Obrigado e até breve.

Caio

XEROX®

PESCA INTERNACIONAL

Mar brasileiro continua ameaçado apesar das 200 milhas

Os projetos já estavam praticamente aprovados pela Sudepe e aguardavam, apenas, o provável *sim* do Ministro Alysson Paulinelli, da Agricultura. Mas a Marinha foi contra e paralisou tudo. Resultado: os 188 barcos de pesca estrangeiros, todos camaroneiros, terão que esperar para firmar um novo convênio de operação conjunta de pesca de camarões no litoral norte, com as 1.102 empresas pesqueiras nacionais. Alegação do Ministério da Marinha, baseada em relatório da Capitania dos Portos de Belém, no Pará: "As operações de *joint-ventures* eram lesivas aos interesses nacionais." As causas do veto:

1. As empresas brasileiras haviam firmado o contrato de arrendamento com os barcos estrangeiros, aceitando trabalhar com um tripulante brasileiro para cada dez estrangeiros;

2. Nesses contratos de arrendamento, todas as despesas e lucros seriam divididos, meio a meio, mas os camarões seriam industrializados no exterior, nos países de procedência dos barcos.

O veto, do Ministério da Marinha, veio em conseqüência desses dois itens:

1. O desrespeito à Lei dos Dois/Terços. Pela legislação trabalhista brasileira, somente seria permitida a operação de barcos estrangeiros dentro do mar territorial de duzentas milhas se, pelo menos, dois terços da tripulação fossem constituídos de pescadores brasileiros. Isto para permitir que os pescadores nacionais pudessem aprender o *know-how* estrangeiro de pesca e evitar o terrível problema psicológico que seria jogar um marujo brasileiro no meio de dez estrangeiros. Além do aspecto da solidão, o de comunicação, já que a tripulação estrangeira, é óbvio, não fala português. Tudo isto sem contar os dois mil pescadores desempregados da Colônia de Pesca de Belém, que precisam, urgentemente, trabalhar.

2. Os contratos de arrendamento de barcos estrangeiros por empresas nacionais seriam de competência de ambas as partes, desde que o pescado fosse totalmente industrializado no Brasil, o que provocaria a abertura de novas indústrias, a reaparelhagem das já existentes e a ampliação do mercado de trabalho na região.

Ricardo Azoury

O *Capt. O* um dos camaroneiros piratas apresados pela Marinha.

Incentivos. A maior parte dos empresários ligados à pesca, segundo o trabalho da Capitania dos Portos de Belém (a pedido, os nomes dos militares que estudaram o assunto não serão divulgados), queria apenas se beneficiar dos incentivos fiscais do governo, sem reinvestir os lucros. Esses incentivos, baseados na Resolução 398 do Banco Central, são muito vantajosos, proporcionando lucros fáceis. Os mais importantes são a facilidade de conseguir juros bancários a uma taxa de oito por cento ao ano e os dez por cento de crédito sobre o IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados). Somente a título de exemplo: se uma empresa como a Companhia Amazônica de Pesca exporta, em média, US$400 mil por mês, ou seja, Cr$ 7 milhões, ela terá, por trimestre, de devolução do governo — sob a forma de incentivo fiscal — Cr$ 2 milhões e 100 mil, fora dezenas de outras devoluções e benefícios que, somados, chegam a sessenta e sete por cento. Tudo, também, na base de incentivos fiscais. Claro que, industrializando o produto da pesca no exterior, os industriais não teriam que pagar salários, encargos sociais, modernizar equipamentos e coisas do gênero.

A atitude dos empresários brasileiros mudou em conseqüência

Ricardo Azoury

da posição assumida pela Marinha. Agora, resta aguardar a aprovação dos novos contratos de arrendamento para que os 188 barcos estrangeiros passem a operar, só que com bandeira brasileira, somando-se aos 799 barcos que formam a atual Frota Nacional de Pesca. É a seguinte a relação das empresas brasileiras que arrendaram camaroneiros e o número de barcos arrendados:

Tayo	8
Copesbra	3
Matarazzo	5
Delmar	10
Confrio	35
Ipecea	36
Ciapesca	35
Empesca	5
Belém Pesca	20
Continental Pesca	15
Arpesul	16

Obs: a maior parte dos pesqueiros é de origem japonesa e sul-coreana.

Solução. O problema da ocupação do litoral norte, explica o biólogo o veterinário Getúlio Neiva, assistente da Superintendência da Sudepe, começou em 1977: "Foi quando terminou o acordo de pesca com os Estados Unidos, Trinidad-y-Tobago, Suriname e Barbados. Estes países pescavam em nosso mar territorial, antes da decretação das duzentas milhas. Para evitar conflitos, o governo brasileiro concedeu-lhes uma área, logo conhecida como Área do Acordo, para a pesca do camarão, em troca de uma taxa de US$ 350 mil anuais para os quatro países. Como em todo o litoral norte nós contávamos apenas com trinta e nove barcos na pesca do camarão e a área comportava até duzentas e cinqüenta embarcações, os americanos passaram a acusar o Brasil de não ter condições de pescar, nem deixar os outros pescarem. Isto chegou a criar quase um impasse diplomático, pois, para rebater as críticas, nossa obrigação era a de promover a ocupação do litoral norte. Mas, como os financiamentos para a construção de barcos são muito caros, os juros são muito altos e somente o casco de um camaroneiro custa Cr$ 3 milhões e 500 mil, a solução encontrada foi a *joint-operation*, quer dizer, a associação — sob forma de arrendamento — com empresas de pesca estrangeiras."

Reforços. A Área do Acordo compreende os limites do Cabo Orange, na fronteira com a Guiana Francesa, e as costas do Amapá e Pará. O grande problema surgido na região foi a pirataria dos barcos estrangeiros que, muito mais bem equipados que os brasileiros, entravam — durante a noite, vindos da Guiana — nas águas territoriais brasileiras, pescando muito mais camarão e vendendo diretamente no mercado norte-americano. Os pescadores brasileiros, vendo-se prejudicados, deram o alarma e a Marinha foi obrigada a tomar providências mais enérgicas, já que o patrulhamento de todo o litoral norte, que vai do Cabo Orange ao Maranhão, era insuficiente em razão da grande quantidade de barcos piratas que, pelos cálculos da Sudepe, eram de noventa e nove norte-americanos, dezessete do Suriname, dezessete de Barbados e vinte e dois de Trinidad-y-Tobago. Os barcos brasileiros eram estimados em apenas trinta e nove. Essa estatística — a última — é de 1976. E uma das providências foi requisitar ao Rio de Janeiro mais reforços. O contratorpedeiro *Rio Grande do Norte* foi, então, deslocado para a Base de Belém. Como as corvetas não tinham velocidade suficiente para alcançar um pesqueiro estrangeiro em fuga, o serviço passou a ser feito pelo *Rio Grande do Norte*, mais veloz e com maior poder de fogo. Contam os militares da Base de Belém que muitos desses barcos não respeitavam as ordens de prisão dos navios-patrulha, que eram obrigados a abrir fogo, mesmo. Numa dessas operações, em alto-mar, os soldados desceram no *escaler* do navio para efetuar o aprisionamento de um barco japonês e o comandante do barco, em represália, virou, de um só gole, uma garrafa inteira de uísque. Em seguida, passou a atirar peixes ao mar, o que atraiu os tubarões, que circundaram o *escaler*, no trajeto do navio-patrulha ao camaroneiro japonês, colocando em risco a vida dos soldados. A solução encontrada foi um tiro de canhão no casco do pesqueiro, escoltado posteriormente até o porto, em Belém. Somente este ano, aproximadamente cinqüenta camaroneiros estrangeiros foram apresados pela Marinha.

Escassez. A procura da costa brasileira por pesqueiros estrangeiros deve-se, exclusivamente, à quase extinção dos camarões no mar norte-americano, em razão da pesca industrial indiscriminada, o que provocou a escassez do produto. Hoje, os americanos só conseguem suprir cinqüenta por cento de seu mercado interno. Em virtude disso, suas empresas pesqueiras passaram a procurar outras áreas, ainda inexploradas, como o golfo do México e as ilhas Bahamas. O mesmo fenômeno se verificou. Pesca indiscriminada e escasseamento do peixe. Restava, então, o Brasil. E, em 1974, com autorização do governo brasileiro, os Estados Unidos chegaram a ter duzentas e quatorze embarcações pescando na costa norte do Brasil. Evidentemente, o interesse americano procede, em razão da fertilidade da costa brasileira. No quadro abaixo, a produção pesqueira nacional exportável (a produção total, no ano passado, foi de 759.792 toneladas) e estatísticas de exportação e divisas. O detalhe curioso é que, na pesca artesanal, a captura do camarão é muito superior à da pesca industrial, já que a espécie conhecida como Sete Barbas é encontrada, em grande quantidade, próximo da costa e não em alto-mar, onde prevalece a do tipo Rosa.

Estes são os peixes preferidos no mercado americano:

Tipo de pesca e espécie	Ano	Produção nacional	Quantidade exportada	Cifras (em milhões de dólares)
Piramutaba	1977	21.001 T	5.056 T	5,0
Camarão (p. artesanal)	1977	15.737 T	3.109,6 T	17.484,9
Camarão (p. industrial)	1977	2.987 T		
Lagosta	1977	7.000 T	2.796,5 T	30.563,5
Sardinha	1977	145.559 T	842,7 T	1.093,4

Os técnicos da Sudepe garantem que o estoque brasileiro de camarões é muito grande, embora não haja nenhuma estimativa do cardume nacional. O fato é que os americanos, com toda sua técnica e experiência, com todas as suas pesquisas e conhecimento do fundo do mar, não conseguiram evitar a depredação de sua própria fauna marinha, em conseqüência da pesca indiscriminada. E navegam, agora, em direção aos mares do sul. Resta saber se a atual política da Sudepe de ocupar o litoral norte brasileiro não repetirá o fenômeno americano. O mesmo fenômeno de devastação repetido no México, nas Bahamas e que, agora, chega até o Brasil. **(Márcio Chalita/Belém)**

Ricardo Azoury

Uma exigência da Marinha: a ampliação do mercado de trabalho.

Nélson Aranha

Em Belo Horizonte, estudantes e artistas promoveram o enterro simbólico da Censura.

CENSURA

Rio, Belo Horizonte e Porto Alegre defendem liberdade de expressão em comício e passeata

Na quinta-feira 17 de agosto — Dia Nacional pela Liberdade de Expressão —, as escadarias da Câmara Municipal do Rio de Janeiro e boa parte da Cinelândia foram ocupadas por artistas e populares num ato de protesto contra a Censura. A manifestação, que transcorreu sem incidentes e sem policiamento ostensivo, foi conduzida pelo Sindicato dos Artistas e Técnicos do Rio de Janeiro e terminou com a leitura, por seu presidente, Otávio Augusto, de uma carta aberta ao povo brasileiro, assinada por todas as entidades artísticas do país. No documento, cujo parágrafo final foi repetido em coro pelo público, os artistas e técnicos declaram que "não querem ser encarados como marionetas sob os tendões do poder, mas como trabalhadores integrantes do corpo desse povo, cuja aspiração maior é o rompimento desses tendões para que a criação, o pensamento, sua manifestação e a participação dos trabalhadores no destino da nação sejam livres". O ato foi aberto pela atriz Maria Esmeralda, como representante da Comissão Permanente de Liberdade de Expressão. Em seguida, os integrantes da Federação de Teatro Independente representaram uma peça sobre a escolha de um candidato a censor e suas atividades, mostrando, de forma caricata, como se dá o processo de destruição de um texto teatral. Em nome da Associação dos Dubladores, o ator Jorge Ramos denunciou a manipulação da lei de regulamentação da profissão do artista, afirmando que ela está sendo anulada na prática pelas empresas. Ainda durante o ato no Rio de Janeiro, foram vendidas aos manifestantes fitas de luto com a inscrição "Pelo Fim da Censura".

Enterro. Em Belo Horizonte, o Dia Nacional de Luta pela Liberdade de Expressão reuniu umas quinhentas pessoas na Praça Afonso Arinos, no centro da cidade, para o enterro simbólico da Censura. Sentados no chão e segurando velas, os manifestantes, em sua maioria artistas e estudantes, *velaram* simbolicamente a Censura durante uma hora, terminando a cerimônia com a leitura da Carta Aberta ao Povo Brasileiro, elaborada no I Encontro Nacional de Artistas e Técnicos. Da praça, os participantes saíram em marcha fúnebre até a Igreja de São José, onde foi lida mais uma vez a Carta Aberta. O caixão foi depositado então nas escadarias do templo. Numa faixa roxa, que cobria a urna funerária, lia-se: "Aqui jaz a Censura. Aquela que ainda está viva nas mãos dos opressores, mas que, a partir de hoje, morre na mente dos artistas brasileiros."

André: ofício a Brasília.

Zero Hora

Lei de Segurança. "Assuntos de imprensa devem ficar na Lei de Imprensa e não na Lei de Segurança Nacional, onde se apresentam gravados e constituindo permanente ameaça ao exercício da liberdade de imprensa e informação." Esta é a idéia básica defendida do documento que a Associação Rio-Grandense de Imprensa enviou a Brasília. Segundo o presidente da ARI, jornalista Alberto André, os assuntos e processos de imprensa devem ser julgados no foro civil. "As normas que regem o exercício da profissão devem fazer parte da Lei de Imprensa, com um Código de Ética elaborado pela própria classe disciplinando a sua conduta", diz André, acentuando que "os dispositivos da Lei de Imprensa são suficientes para abranger todo o problema da responsabilidade legal dos jornalistas". **(Pedro Porfírio/Rio de Janeiro, Eliana Stefani/Belo Horizonte e Bernadete Schmitt/Porto Alegre)**

Semanário é empastelado

Vinte dias depois de sofrer um atentado, cuja responsabilidade foi assumida pelo GAC e MAC, movimentos clandestinos anticomunistas, a sede do semanário *Em Tempo*, em Belo Horizonte, voltou a ser atacada na madrugada da sexta-feira 18 de agosto, quando uma bomba arrasou todas as dependências do escritório do jornal, situada na Rua Bernardo Guimarães. A sucursal do *Em Tempo* funciona na parte térrea de uma casa de dois pavimentos e foi o proprietário do imóvel, que mora no andar de cima, quem chamou a polícia. Os funcionários do jornal somente tomaram conhecimento do atentado às 8 horas, quando chegaram para o trabalho. O quadro era desolador. Vários veículos, estacionados em frente ao prédio, ficaram danificados. No interior do escritório, a bomba rebentou todos os vidros, lâmpadas, mesas e máquinas de escrever, além de destruir documentos. Ao mesmo tempo, desapareceram agendas, listas de prováveis assinantes, textos de matérias em elaboração, nomes dos contatos do jornal no interior de Minas Gerais e uma pasta do arquivo referente à ação militar no ano de 1969.

Notas. A direção do *Em Tempo* divulgou nota protestando contra o atentado e reafirmando o propósito do jornal de prosseguir na luta pelas liberdades democráticas. A nota lembra ainda a ação terrorista contra o semanário *Movimento* e a sede do Cebrap, em São Paulo, assinalando que os inquéritos não produziram qualquer resultado. Simultaneamente, o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais enviou ofício a Brasília, solicitando providências enérgicas contra o terrorismo. Os meios jornalísticos de Belo Horizonte observaram que a bomba explodiu na sucursal do *Em Tempo* horas após os intelectuais, artistas e estudantes mineiros, terem feito uma manifestação contra a Censura no centro da capital mineira. **(Otacílio Lage/Belo Horizonte)**

Rolnan Pimenta

Santos acredita na aprovação do projeto até o fim de agosto.

REGULAMENTAÇÃO

Biólogos e farmacêuticos serão excluídos da lei dos biomédicos

O Senador Rui Santos (Arena, BA), que está à frente da comissão que elaborou a regulamentação da profissão de biomédicos no Brasil, informou à semana passada a MANCHETE, em Brasília, que até o final do mês de agosto o projeto será aprovado, excluindo porém de seus benefícios os biólogos e farmacêuticos. Santos assim justifica a sua posição: "A biomedicina é considerada uma profissão nova no Brasil. Nem todas as faculdades possuem o curso. E os biólogos praticamente já têm a sua profissão regulamentada. Eles queriam que nós atrasássemos o projeto dos biomédicos para que numa só lei regulamentássemos as duas profissões. Em técnica legislativa isso não ficaria bem, pois são profissões diferentes." Quanto à exclusão dos farmacêuticos, o senador baiano diz que esses profissionais se esqueceram de que, quando passaram a competir com os médicos na realização de exames de laboratórios, os médicos não reclamaram. "Agora, quando se dá a atribuição também ao biomédico, os médicos continuam sem reclamar, mas os farmacêuticos reagem violentamente", observa Santos.

O projeto. Segundo o projeto, já aprovado pelas Comissões de Legislação Social e Saúde, compete ao biomédico atuar em equipe de saúde, a nível tecnológico, nas atividades complementares de diagnóstico, assim como realizar análises clínico-laboratoriais, bromatológicas, físico-químicas e microbiológicas para o saneamento do meio ambiente. "A mensagem presidencial, encaminhada ao Congresso Nacional em novembro de 1975, deu ao biomédico a atribuição do exame de laboratório, o que não agradou aos biólogos e farmacêuticos", assinala Santos, que diz estar confiante numa boa votação para o projeto e em sua conseqüente aprovação no plenário do Senado Federal. **(Dilma Duarte/Brasília)**

JUSTIÇA

Vítimas brasileiras da talidomida continuam sem receber indenização

Enquanto prossegue na Justiça a ação contra a União e os laboratórios, um encontro de dirigentes da Associação de Pais e Amigos das Vítimas da Talidomida com o General João Batista Figueiredo, em Brasília, deixou mais otimista o advogado Walkírio Ughini Bertoldo, consultor jurídico da APAVT, que tem sua sede nacional em Porto Alegre. Segundo Bertoldo, o número de vítimas cadastradas se eleva a duzentas e oitenta, mas, na realidade, pode subir para quinhentas, pois muitas pessoas, ao que se presume, não se apresentaram ainda, por temor ou desinformação.

Processo. A APAVT entrou na 5.ª Vara da Justiça Federal, Seção Judiciária do Rio Grande do Sul, com uma ação ordinária de indenização em favor de cento e quarenta e seis crianças brasileiras. A ação se desenvolve contra a União, visando especificamente o Serviço Federal de Fiscalização de Medicina e Farmácia, que autorizou a fabricação e a venda de medicamentos, e contra três indústrias: Instituto Pinheiros, que produziu o Sedalis; Ceil Comercial e Importadora, que colocou o Slip no mercado, e o Laboratório Americano de Farmacoterapia, que lançou o Sedim. Enquanto se arrasta a discussão sobre a competência do foro da ação, Bertoldo decidiu intensificar sua atuação em outras áreas. "A Associação vai lutar até que se faça justiça", disse o advogado, ao retornar de Brasília.

João Onófrio

Bertoldo: ação na Justiça.

Anos 60. O caso de crianças nascidas com deformações físicas tornou-se público no começo da década de 60, provocando grande trauma na opinião nacional. Na realidade, o problema se iniciou dois anos antes, em escala internacional, quando o Chemical Grunenthal, laboratório alemão que se dedicava ao ramo de cosméticos, resolveu comercializar a Talidomida, mesmo sem submetê-la a testes prévios. No período de 1958-1960, o medicamento passou a ter larga utilização, causando deformações em cerca de vinte mil crianças européias e americanas. Diante da reação mundial, a droga foi retirada de todos os mercados e o laboratório processado.

No Brasil. O único país onde as vítimas da Talidomida não receberam até agora qualquer indenização é o Brasil. A ação brasileira pede, entre outras coisas, uma pensão mensal vitalícia com correção monetária, a partir do primeiro ano de vida. Para Bertoldo, a Justiça deve pronunciar-se imediatamente para que as vítimas possam ter, afinal, um tratamento médico adequado e métodos educacionais específicos. "Isto deve ser feito agora e não quando as vítimas tiverem 30-40 anos de idade. Já então será tarde demais", diz Bertoldo. **(Guaraci Cunha/Porto Alegre).**

CONGRESSO

Oitenta países vão debater no Rio a nutrição

Espera-se muito do XI Congresso Internacional de Nutrição, que será realizado no Hotel Nacional, no Rio de Janeiro, de 27 de agosto a 1 de setembro. Cerca de três mil pessoas — na maioria técnicos de diversas profissões — de oitenta países diferentes estão inscritas neste congresso que, pela primeira vez, se realiza no Hemisfério Sul, onde estão concentrados os mais graves problemas de alimentação. A organização do encontro está a cargo da Sociedade Brasileira de Nutrição (SBN), entidade sem fins lucrativos, que congrega cerca de dois mil sócios, entre pessoas físicas (médicos, médicos-veterinários, nutricionistas, engenheiros-agrônomos, químicos e profissionais de diversas outras áreas) e jurídicas.

Desafio. Afirmando que o subemprego e o desemprego são causas importantes da subnutrição, o Coronel-Médico Walter Santos, presidente da SBN, explica que "o modelo mundial de desenvolvimento ficou longe de alcançar seus objetivos, mas permitiu a obtenção de ensinamentos cuja aplicação rápida se impõe. Assim, o Congresso não limitará suas discussões a temas específicos, pois abrangerá toda a problemática que envolve o *complexo alimentar* e que inclui causas sociais, políticas e econômicas. Na opinião de Santos, o mais importante desafio do sistema capitalista é atender ao primeiro direito do homem, que é a alimentação. Ele também acha que há solução dentro do sistema e que o Congresso discutirá de forma perfeitamente livre, com a presença de trezentos conferencistas de alto nível, todos os ângulos da nutrição. Paralelamente ao XI Congresso Internacional de Nutrição, será realizada — de 27 de agosto a 7 de setembro, no Rio-Centro — a Feira Internacional de Nutrição e Alimentação. **(Luís Otávio Pires Leal/Rio de Janeiro)**

Um novo padrão em relógios eletrônicos digitais

O mundo dos relógios eletrônicos digitais Casiotron é incrivelmente exato e funcional. Muito diferente do mundo dos relógios comuns.

Os mostradores (Hora, Data e Calendário) são totalmente automáticos, com precisão de 10/15 segundos por mês. O desempenho e a precisão apóiam-se na experiência da Casio — 20 anos da mais avançada tecnologia em eletrônica digital.

E um mundo que também lhe oferece ampla escolha. Por exemplo:

Os relógios World Time, com indicação de onze fusos horários, ou os cronômetros Casiotron que registram até centésimos de segundos e possuem um dispositivo despertador, ou ainda um relógio compacto. Como o Casiotron Super Slim, que mede apenas 6mm de espessura.

Pense nisso: Casiotron, o revolucionário relógio digital eletrônico, é também um completo mini-sistema de marcação de tempo e de informações.

CASIOTRON

Casiotron Alarm
(25CS-16B)

Casiotron Super-Slim
(49CGS-25B Thickness: 6.7mm)

Casiotron World Time
(29CS-11B)

Casiotron Super-Slim
(49CGS-24B Thickness: 6.0mm)

Casiotron Chronograph
(38CS-14B)

CASIO®

Casio Computer Co., Ltd., Tokyo, Japan.

Suruagy inaugura ponte sobre a lagoa Manguaba

Alagoas: infra-estrutura para o desenvolvimento

NO seu penúltimo dia como Governador do Estado de Alagoas, domingo 13 de agosto, Divaldo Suruagy entregou a primeira etapa do grande Anel Viário Sul — que vai ligar Maceió ao futuro Pólo Cloroquímico às regiões açucareiras do Sul do Estado e mais rapidamente a Marechal Deodoro, às praias do Litoral Sul e às belezas turísticas da ilha de Santa Rita e das lagoas Mundaú e Manguaba.

Naquele dia, não por acaso um dia de festa para Maceió, Deodoro e municípios vizinhos, o Governador inaugurou a primeira das pontes sobre a lagoa Manguaba e a pavimentação do trecho Santa Rita—Praia do Francês. Construída pela Concic-Portuária, a ponte representa o coroamento dos esforços do Governo Suruagy no setor viário, que a exemplo de outros setores de sua administração alcançou resultados inéditos na história de Alagoas.

UM NOVO CAMINHO ● O Anel Viário Sul, cuja conclusão será efetivada até o fim deste ano, é essencial para o desenvolvimento econômico, urbano e turístico de Alagoas. O Governador Divaldo Suruagy, na festa de inauguração, lembrou a sua importância para cada um destes programas administrativos:

— A ligação de Deodoro a Maceió através dos canais das lagoas — disse Suruagy — se constitui em alternativa importante para o transporte do açúcar e álcool ao Porto de Maceió e à Salgema, é o primeiro passo para o anel rodoviário da Grande Maceió, amplia o potencial turístico das Alagoas e, o que é mais importante, viabiliza a implantação do futuro Pólo Cloroquímico.

O Secretário da Viação, engenheiro Vinicius Maia Nobre, lembrou que em breve a ilha de Santa Rita será a rótula de acesso ao tabuleiro entre as lagoas, evitando que as indústrias do Pólo ocupem a exígua área da restinga onde se situa a Salgema. O próximo passo é a abertura de uma estrada até São Miguel dos Campos, e a construção de uma ponte ligando a ilha ao tabuleiro.

A DESCOBERTA DA ILHA ● Mesmo para os alagoanos, as belezas da ilha de Santa Rita permaneceram quase inacessíveis todos esses anos. Ali só se chegava pela água e a falta de estradas de acesso tornava mais difícil o passeio. Ainda este ano, em dezembro, a Concic-Portuária entregará ao tráfego a segunda ponte sobre a lagoa, e até lá a ilha poderá ser cruzada de automóvel.

Do ponto de vista turístico, isto significa muito. Não só porque revelará uma região muito bonita, como encurtará o acesso ao Sul e a Deodoro, a capital histórica do Estado, em cerca de 50 quilômetros, por terra.

O diretor do Departamento de Estradas de Rodagem, Carlos Forte Melro, falando na solenidade de inauguração da ponte, lembrou que toda a região será assunto de projetos turísticos e urbanos, e garantiu que "esta bela paisagem jamais será prejudicada com a ocupação desordenada do seu solo".

BANDA DE PÍFANOS ● A festa de inauguração, em Massagueira, reuniu autoridades do Governo do Estado, empresários, prefeitos dos municípios da Grande Maceió e populares. Uma banda de pífanos tocava quando Suruagy deu por inauguradas a ponte e a estrada.

Com o Governador Divaldo Suruagy estavam o Deputado Guilherme Palmeira, futuro Governador do Estado, o Deputado Geraldo Melo, que vai governar Alagoas até o fim do atual mandato, o Secretário de Viação, Vinicius Maia Nobre, o diretor do DER, Carlos Forte Melro, e José de Melo Gomes, ex-Secretário do Planejamento e um dos maiores entusiastas do Anel Viário Sul.

A ponte inaugurada por Suruagy é o coroamento dos esforços de seu governo no setor viário.

O Secretário da Viação, Vinicius M. Nobre, pronuncia o discurso de inauguração entre Divaldo Suruagy e o futuro Governador Guilherme Palmeira. Na foto da direita, o Governador, Carlos Fortes Melro, Délio Almeida, diretor da Concic-Portuária, Vinicius Nobre e Manoel Nobre.

Posto de Escuta

"Minha emenda é o teste definitivo para saber se o General Euler terá ou não condições de vencer no Colégio Eleitoral. Para aprovar a minha emenda, bastam 38 votos da Arena. Para a eleição do General Euler, são necessários 65 votos arenistas. Se não conseguirmos 38, que chances teremos de obter 65?"

FRANCO MONTORO

■ O senador paulista entende que, se sua emenda fosse aprovada, obrigaria o governo a uma tomada de posição, para aceitar as regras do jogo ou tirar a máscara e acabar logo com tudo. Quanto aos chaguistas, acha que eles não podem deixar de votar na sua emenda, pois se comparecerem terão de votar, porque será questão fechada para o partido. Se não comparecerem, poderão ser expulsos por infidelidade partidária, perdendo então a legenda.

■ O Senador **Franco Montoro** tem definido a sua opinião contrária a que o MDB adote a candidatura do General **Euler Bentes Monteiro** à Presidência da República. Acha que o partido devia abster-se do processo sucessório, ou, então, apresentar apenas um anticandidato, como fez na sucessão presidencial anterior.

Daniel Krieger

■ O Senador **Daniel Krieger** tem manifestado a opinião de que a Arena deve apresentar emenda constitucional, restabelecendo as eleições diretas para o Senado e governos estaduais a partir do pleito de 1982. Com isso, a Arena esvaziará em parte o movimento feito pelo Senador **Franco Montoro** em torno de sua emenda, que propõe o restabelecimento do processo direto para este ano ainda.

■ Os Senadores **Daniel Krieger** e **Luís Viana Filho** não escondem sua admiração pelo trabalho do Senador **Petrônio Portella**, que culminou no projeto das reformas políticas, enviado pelo governo ao Senado. O primeiro acha que o senador piauiense conseguiu o máximo possível com as reformas e o segundo considera o projeto como uma das coisas mais importantes que se fizeram recentemente no campo político.

Luís Viana Filho

■ O Senador **Luís Viana Filho** queixava-se de não ter tido tempo suficiente para apresentar emenda ao dispositivo constitucional das reformas, que estabelece a perda de mandato para os parlamentares que constituírem partido, o qual, na eleição subseqüente à sua formação, não haja alcançado certo quociente eleitoral em pelo menos onze estados da Federação.

■ A exemplo do Senador **Daniel Krieger**, o Senador **Luís Viana Filho** entende que aquele dispositivo praticamente inibe a criação de mais de dois partidos. Se ele for mantido, a opinião de **Luís Viana** é a de que continuaremos presos ao bipartidarismo.

■ Desde que tiveram uma áspera discussão no início deste ano no Senado, que provocou o levantamento da sessão, os Senadores **Eurico Rezende**, líder do Governo, e **Paulo Brossard**, líder da oposição, estão de relações rompidas.

■ O Senador **Gustavo Capanema** (Arena de Minas) revela o seu propósito, ao concluir este ano o seu mandato, de escrever as suas memórias políticas. Já está reunindo toda a documentação histórica disponível, tanto no Rio como em Belo Horizonte e Brasília.

■ Tendo sido ex-ministro da Educação do governo Vargas, por um período de onze anos, e líder na Câmara do segundo governo Vargas, o Senador **Capanema** possui realmente uma rica experiência política e foi testemunha de acontecimentos históricos da maior importância na vida nacional.

Tancredo Neves

■ O Senador **Itamar Franco** (MDB Minas) chegou ao gabinete do Deputado **Trancredo Neves** acompanhado de dois jornalistas. Iam conversar e especular sobre a decisão adotada pelo Senador **Magalhães Pinto**, que resolvera retirar sua candidatura à sucessão presidencial pelo MDB. Comentou o Sr. **Tancredo Neves**, ao verificar a presença dos dois jornalistas: "**Itamar**, com os faróis da imprensa por perto, será impossível qualquer conversa."

Francelino Pereira

■ O Deputado **Francelino Pereira** já comunicou a seus correligionários que só deixa a presidência nacional da Arena no dia 14 de março, um dia antes da sua posse no governo de Minas. Assumirá a presidência do partido o seu 1.º vice-presidente, Senador **Jarbas Passarinho**. No prazo de 30 dias, ele convocará eleições para a presidência da Arena, cujo mandato irá de março de 1979 a setembro do mesmo ano, quando todas as direções partidárias serão renovadas.

■ O Senador **Virgílio Távora**, futuro governador do Ceará, despediu-se esta semana de Brasília, dizendo aos seus colegas do Senado que não sabe quando retornará a Brasília: "Vou cuidar da eleição dos meus correligionários da Arena cearense", disse ele, enfatizando o empenho pessoal em eleger o Sr. **José Lins de Albuquerque** para o Senado.

■ Já se encontra nas mãos do superintendente da Novacap, Sr. **Mauro Fecury**, a maquete do Monumento aos Expedicionários, que **Oscar Niemeyer** projetou para ser construído em Brasília, e que será um dos mais bonitos do Distrito Federal. O Governador **Elmo Serejo** pretende inaugurá-lo antes de deixar o governo.

■ Já está em fase de acabamento o anexo do Palácio do Planalto que abrigará toda a parte admi

Murilo Melo Filho

"Sempre defendi a necessidade de o próximo presidente da República ser um civil. Mesmo havendo duas candidaturas militares, não é bom para o Brasil que haja um confronto militar. E um nome civil pode realmente resolver a situação, transformando-se na melhor solução para o impasse."

MAGALHÃES PINTO

nistrativa da presidência da República. No atual palácio, funcionará apenas o gabinete do presidente e de seus auxiliares mais diretos.

■ O Senador **Lourival Batista** (Arena de Sergipe) assegura que, em seu estado, a Arena está em condições de vencer o próximo pleito direto para o Senado, pois em 1974 a primazia da vitória coube ao MDB: "Podem comprar a nossa pule, pois desta vez o triunfo será nosso", sentenciava o senador, numa roda de políticos.

■ O MDB resolveu prestigiar os convencionais que acorreram a Brasília esta semana. Alguns tiveram sua hospedagem paga. Para os que foram de ônibus ao Distrito Federal, o partido pagou-lhes a passagem. A preocupação maior girava em torno do fato de a Convenção reunir-se numa quarta-feira, bem no meio da semana, pelo fato de os funcionários públicos que forem votar no General **Euler** terem os seus pontos cortados.

General Euler

■ O General **Euler** está sinceramente convencido de que, além dos arenistas dissidentes já conhecidos publicamente, existem outros que não são ainda conhecidos: "A estes últimos, peço inclusive que não revelem sua dissidência, por enquanto, para evitarem as pressões."

Reis Velloso

■ O Ministro **Reis Velloso** vem realizando reuniões com empresários de vários setores de atividade. Os assuntos da nova realidade são discutidos num ambiente de franqueza absoluta, de parte a parte.

■ O Ministro **Arnaldo Prieto** não vai ficar só trinta dias com o braço engessado e, por conseguinte, trinta dias sem poder assinar documentos. Terá de ficar 60 dias, mas para assinar treinou a mão esquerda e já está assinando com essa mão. O ministro entrou, assim, para o Clube dos Canhotos, onde já estão o General **Figueiredo**, o General **Moraes Rego** e até mesmo **Cristina Onassis**.

■ O ex-Governador **Chagas Freitas** tem confidenciado a amigos que espera lhe sejam dadas condições para criar um novo partido político, com bases populistas. Ele prevê sérias dificuldades na sua coexistência com os radicais do MDB, após as eleições de novembro próximo.

■ O Deputado baiano **Prisco Viana** dizia no gabinete do Senador **Petrônio Portella** que a Arena ganhará as eleições para o Senado no seu estado com uma vantagem de mais de 500 mil votos. Admitiu que o ex-Deputado **Francisco Pinto** não obterá mais do que 60 a 70 mil votos na sua reeleição para a Câmara, embora no MDB se chegue a falar em 100 mil, o que Prisco considera um exagero.

■ Segundo informa o Deputado **Luís Prisco Viana**, a direção nacional da Arena está acompanhando a evolução das tendências do eleitorado brasileiro, através de informações dos diretórios estaduais, depoimentos dos parlamentares e pesquisas feitas pelo governo estadual e por órgãos do governo federal.

■ Todo esse levantamento, embora conclua pela dificuldade do pleito, aponta a vitória da Arena na eleição para a Câmara Federal e as Assembléias Legislativas. Para o Senado, dos 22 lugares em disputa, a Arena elegerá pelo menos 14 senadores.

Nélson Carneiro

■ O Senador **Nélson Carneiro**, que fez no Senado o maior número de discursos (125) e apresentou o maior número de projetos (93), dando 63 pareceres e fazendo 11 requerimentos, recebeu da Comissão Nacional do MDB o seguinte julgamento, enviado à Comissão Executiva Regional do Rio de Janeiro: "O Senador **Nélson Carneiro** é personalidade incorporada ao patrimônio político, moral e cultural da Nação e honraria o Parlamento de qualquer país."

General Ariel Pacca

■ O General **Ariel Pacca**, chefe do Estado-Maior do Exército, deu ciência prévia ao ministro do Exército, General **Fernando Bethlem**, sobre o teor do discurso que pronunciaria perante os novos generais-de-brigada, durante a solenidade de entrega das novas espadas.

■ Houve um começo de pânico na semana passada, em Brasília, quando circularam no Congresso informações de que o Senador **Magalhães Pinto** estaria em seu apartamento cercado por forças policiais, justamente no instante em que lá chegava o General **Hugo Abreu**, para fazer-lhe um apelo no sentido de apoiar a candidatura **Euler Bentes**. Só depois é que se soube que a polícia lá existente era a própria da segurança do edifício de senadores.

■ A Comissão Executiva Nacional do MDB advertiu o Senador **Roberto Saturnino** pelo fato de ter levado consigo à residência do General Euler o candidato **Rafael de Almeida Magalhães**, indicado pela Arena para o Senado, no pleito indireto. O secretário-geral, Deputado **Thales Ramalho**, reconhece que o senador fluminense cometeu um erro, porque não podia, no exercício de uma missão do MDB, levar em sua companhia um candidato da Arena que concorre contra 3 nomes emedebistas.

O NOVO PAPA

Suspense no Vaticano em clima de eleição

"Exortamos seriamente os eleitores a que não se deixem guiar por amizade ou aversões, a que não se deixem influenciar por favores ou respeito para com quem quer que seja, a que não admitam intervenção de outras pessoas em sua autoridade ou cedam à pressão de grupos..." **(Decreto de Paulo VI em 1975 sobre as eleições papais.)**

APESAR desta seriíssima exortação de Paulo VI, mal haviam terminado seus funerais e já os grupos de pressões começavam a querer decidir a sorte do homem que seria o novo papa. O movimento religioso ultraconservador Civiltà Cristiana encheu os muros de Roma com cartazes pedindo "um pregador de absoluta pureza e um guardião da verdade contra a heresia atual". Outros elementos direitistas, seguidores do semicismático arcebispo francês Marcel Lefèbvre, assestaram suas baterias contra certos *papabili* (candidatos prováveis à sucessão papal), que acusam de ligações com a maçonaria. No outro extremo do espectro ideológico, o Comitê Pró-Eleição Responsável do Papa, sediado nos Estados Unidos, publicou em Roma uma lista das qualidades essenciais do pontífice, entre as quais figuram a felicidade, a santidade e a disposição de "confiar nos outros".

Tentando exercer influência a longa distância, 300 freiras americanas reunidas em Pittsburgh na convenção da Assembléia Nacional de Mulheres Religiosas publicaram uma carta-aberta pedindo ao Sacro Colégio Cardinalício, composto apenas de homens, que incorporasse à eleição as vozes "daqueles que as estruturas presentes da Igreja excluem de qualquer participação". O arcebispo de Minnesota, John R. Roach, vice-presidente da Conferência dos Bispos dos Estados Unidos, chegou até mesmo a indicar certos nomes. "Como o próximo papa deve ser antes de tudo um grande evangelizador", Roach declarou ser a favor do Cardeal George Basil Hume, da Inglaterra, considerado um candidato pouco provável.

As únicas conversações que realmente tiveram algum peso na semana passada foram as dos cardeais que elegerão o 263.º papa no mais absoluto segredo, durante o conclave que começará na noite da próxima sexta-feira. Paulo VI retirou o direito de voto aos cardeais com mais de 80 anos de idade. Esse dispositivo afetou 15 dos 129 eleitores do papa. Com a morte do cardeal chinês exilado em Roma, Paulo Yu Pin, 77 anos, na semana passada, o número desses eleitores desceu para 114. Mas os cardeais John Wright, dos Estados Unidos; Valerian Gracias, da Índia; e Boleslaw Filipiak, da Polônia, estão gravemente enfermos e não poderão participar do conclave. (Como Yu Pin, provavelmente teriam eles aderido ao grupo conservador.) Se o Vietnã recusar o visto de saída para o cardeal de Hanoi, Joseph Marie Trin Nhu Khue, o número dos que votarão no conclave será apenas de 110.

O decreto de Paulo VI sobre a eleição reiterou a secular proibição de negociar votos ou de fazer campanha aberta por um candidato, mas encorajou uma atividade mais discreta: "Não temos a intenção de proibir a troca de pontos de vista com referência à eleição, durante o período em que a sede ficar vacante." E não há a menor dúvida de que na semana passada houve tal troca de pontos de vista em Roma. Um cardeal italiano, membro do conclave, afirmou: "Os cardeais estão discutindo tudo a respeito dos *papabili*."

Conversas informais, extremamente importantes, preenchem os dias cheios de *suspense* que precedem o conclave. Os cardeais organizam diariamente uma Congregação Geral na Sala Bologna, do Palácio Apostólico, onde, falando em italiano ou em latim, organizam os preparativos para a eleição. Os encontros terminaram por volta de 1h30min da tarde, quando os cardeais, em grupos de dois ou três, passeiam vagarosamente pela magnífica *loggia* de Rafael ou no pátio de San Damaso, três andares abaixo. Outras conversas ocorrem durante os passeios após o jantar, uma forma habitual de exercício eclesiástico. Os grupos nacionais e regionais também fazem reuniões: nove cardeais de língua espanhola estão morando juntos no Pontifício Colégio Espanhol, e a maioria dos cardeais africanos está no Colégio da Propagação da Santa Fé.

Uma questão é objeto de intensa discussão em toda parte: será que, pela primeira vez desde 1523, o próximo papa deixará de ser italiano? Franz König, da Áustria, já falou em favor dessa idéia. Mas nenhum de seus eminentes colegas até agora o apoiou. Na realidade, o cardeal espanhol Marcelo Gonzales Ma

Gamma-Liaison

AP

Papáveis **bem cotados: o francês Villot ① a ⑤, o holandês Willebrands ②, os italianos Benelli ③ e Baggio ④; o austríaco König ⑤.**

Ivy Fernandes/MANCHETE

O Cardeal Pignedoli, italiano, 68 anos, é sério candidato da Cúria.

tin declarou que só um italiano seria capaz de dar à Santa Sé "o equilíbrio e a serenidade necessários".

Um veterano funcionário do Vaticano, que não é cardeal, nem italiano, garante que o conclave simplesmente não terá coragem de quebrar o domínio multissecular da Itália, mesmo tendo em vista que o número total de católicos não-europeus existentes no mundo já atinja cerca de 64%. Essa observação faz lembrar o velho axioma romano, segundo o qual "um papa nunca é eleito contra a Cúria". Os italianos ainda em atividade ou já aposentados, com experiência dos negócios da Cúria, ou que entendem da política papal — conseqüência aliás desta experiência —, são de longe superiores em número aos não-italianos. A solidariedade étnica reforça as previsões de três italianos da Cúria: Sebastiano Baggio, 65 anos; Paolo Bertoli, 70 anos, e Sergio Pignedoli, 68. Ao mesmo tempo, a Cúria contraria a candidatura do argentino Eduardo Pironio, descendente de italianos mas profundamente antipatizado por muitos dos cardeais, que o consideram um individualista e um intruso. (Além disso, com apenas 57 anos é "jovem demais". Todos os sete papas eleitos no último século tinham mais de 60 anos.)

"Não existe *nenhum* candidato", disse na semana passada a um de seus amigos o cardeal brasileiro Eugênio de Araújo Sales. "Por isso mesmo temos de procurar um." Durante o período da procura, alguns nomes novos começaram a crescer na lista dos *papabili*. O cardeal de Florença, Giovanni Benelli, 57 anos, grande eleitor e possível candidato, foi flagrado por uma pessoa com trânsito livre no Vaticano, na hora em que demonstrava as qualidades do cardeal de Veneza, Albino Luciani, 65 anos, principalmente por causa do horror de ambos pelo comunismo. Carlo Confalonieri, com muito peso entre os italianos, embora tenha ultrapassado a idade de votar, concorda plenamente com Luciani. Por isso, Luciani, até pouco considerado como um candidato de possibilidades muito remotas, disparou nas previsões.

Outro italiano, o cardeal da Sicília, Salvatore Pappalardo, 59 anos, teria, segundo consta, conseguido o apoio do cardeal progressista da Bélgica, Leo Jozef Suenens. Mas os italianos mais mencionados são Baggio e Pignedoli.

SEGUE

INTERNACIONAL

O NOVO PAPA (cont.)

Keystone

A alfaiataria Gammarelli preparou batinas de vários tamanhos.

No papel, o apoio de que dispõe Baggio parece fantástico: ele conta com o voto de muitos latino-americanos e vários outros da Itália, Espanha, Alemanha e Estados Unidos. Pignedoli, durante muito tempo o mais sociável membro da Cúria, foi o que mais recebeu para jantares durante a semana. Entre seus convidados, figuram Aloísio Lorscheider, presidente da Conferência dos Bispos da América Latina, e o cardeal da Tanzânia, Laurean Rugambwa, com muita influência entre os africanos, por ser o primeiro cardeal negro.

Ao protelarem ao máximo a data de abertura do conclave, os cardeais procuraram se dar a si mesmos um prazo muito amplo para se consultar, como já haviam feito em grau jamais anteriormente atingido em vários encontros internacionais, desde o Concílio Ecumênico Vaticano Segundo. Este prazo também ofereceu aos cardeais de mais de 80 anos ampla oportunidade para influenciar o Conclave, do qual foram excluídos. Os mais velhos em geral preferem um conservador, mas mesmo o representante mais eminente dessa ala, Pericles Felici, 67 anos, é considerado como praticamente sem nenhuma chance. É provável, por isso, que se voltem para um cardeal, com tendências ligeiramente direitistas, como Baggio, por exemplo. Um grupo de eleitores conservadores fez na semana passada uma peregrinação aos aposentos de Alfredo Ottaviani, 87 anos, há tempos muito temido como chefe do Santo Ofício. Totalmente cego, ele tem, no entanto, espantosa memória e sabe apresentar algumas fórmulas de efeito fatal sobre vários candidatos.

Pelo menos até agora, o cardeal mais em vista é o francês Jean Villot, o primeiro não-italiano dos tempos modernos a ocupar o cargo de camerlengo ou administrador interino do Vaticano durante a vacância da Santa Sé. Villot era o secretário de Estado de Paulo VI, que teoricamente fez dele o virtual primeiro ministro do Vaticano e um candidato eminentemente *papabile*. Na realidade, os italianos da Cúria desprezavam sistematicamente o francês, para tratar diretamente com Benelli, que, pelo menos nominalmente, era assistente de Villot até que assumiu a diocese de Florença. Mas sua habilidade na função de camerlengo poderia fazer de Villot, 72 anos, um razoável candidato de compromisso.

Todas as audiências da Cúria ficam suspensas quando um papa morre, mas há sempre algum trabalho que continua. A Congregação para a Causa dos Santos, por exemplo, na semana passada continuou a investigar os critérios de santidade dos candidatos à canonização, enquanto o antigo secretariado de Villot anotava uma verdadeira avalanche de mensagens de condolências. Os serviços postais do Vaticano puseram, como de costume, no carimbo da correspondência a marca *sede vacante*. Como se trata de selos muito apreciados pelos colecionadores, os correios aumentaram a sua receita, ajudando a custear as despesas do conclave (avaliadas inicialmente em US$ 2 milhões).

A Congregação Geral nomeou três comissões de três cardeais, cada um, para distribuir as credenciais para o conclave, e proceder à preparação de todos os detalhes materiais e técnicos da eleição. Os cardeais também devem decidir quais as pessoas que, não sendo cardeais, vão permanecer dentro do recinto onde se procederá à eleição. Paulo VI, cônscio da importância do segredo na eleição, determinou limites muito severos para este item. Desta vez estão barrados os assessores dos cardeais. Mas assim mesmo o número de não-eleitores chegará aproximadamente a trezentas pessoas, entre confessores, barbeiros, médicos, encarregados da limpeza e as freiras que vão preparar as refeições, relativamente muito simples. Na semana passada os caminhões começaram a levar para o Vaticano grande quantidade de massas e vinho.

A alfaiataria eclesiástica Gammarelli, que de há muito vem preparando as vestes que o novo papa usará em sua primeira aparição pública, estava preparando batinas brancas de quatro tamanhos diferentes (pequeno, médio, grande e supergrande). Habitualmente a alfaiataria utiliza apenas três modelos. Mas, desta vez, a decisão de escolher quatro foi baseada numa lista ultraconfidencial de dez italianos e dois estrangeiros, tidos como os mais prováveis candidatos.

Os preparativos da Congregação Geral são tão minuciosos que, durante a semana, os cardeais passaram vinte minutos discutindo para saber se as cédulas de voto seriam dobradas uma ou duas vezes. O que se espera é que este trabalho superminucioso de preparação prévia permita que o conclave rapidamente conclua seus trabalhos. O conclave será aliás uma experiência nova para quase todos os cardeais, com exceção dos onze que participaram da eleição de 1963. Três desses últimos também participaram do conclave de 1958. Diz um cardeal da Cúria: "Procuraremos encerrar os trabalhos o mais depressa possível para não deixar má impressão no público, o qual poderá pensar que existem divisões profundas entre nós."

Enquanto prosseguia a cabala que antecipou o conclave, os cardeais americanos faziam pressões no sentido de que o novo papa fosse capaz de enfrentar uma situação que seus predecessores não foram capazes de resolver nos últimos séculos. Disse William Baum, cardeal de Washington: "No passado, em grande parte da Europa, por exemplo, pessoas cresceram em famílias religiosas e em sociedades com certas tradições. Agora, isso está em desagregação. A Igreja tem que dar ênfase às conversações individuais." Baum quer um papa que seja, antes de tudo, um chefe espiritual, em vez de um chefe político. Diz, por sua vez, Timothy Manning, cardeal de Los Angeles, que "o papa não tem apoio político em muitos lugares e, por isso mesmo, deve depender mais da capacidade de persuasão do que do poder. Acrescenta Manning: "Lembremo-nos da velha fábula de Esopo, sobre a disputa entre o sol e o vento, para saber qual deles poderia obrigar o homem a tirar o seu casaco. O vento quase o matou, mas quanto mais o fustigava, tanto mais ele se agasalhava no casaco e se recusava a tirá-lo. Depois, o sol dardejou e o aqueceu a tal ponto que ele o tirou. Isso é o que a Igreja deve fazer nesta era — mudar as pessoas através do calor humano." **(Time)**

A performance foi calculada para provocar nervosismo entre os russos. Lá estava, em Bucareste, nada menos que o presidente do Partido Comunista Chinês, Hua Kuo-feng, apertando a mão do presidente da Romênia, Nicolae Ceaucescu, e dançando a *hora*, enquanto centenas de rapazes e moças batiam palmas e milhares de outros espectadores gritavam: "Hua! Hua!" E a cena de toda essa comoção foi exatamente numa área que pode ser considerada o quintal do Kremlin.

As festividades de Bucareste, na semana passada, as quais deram realce à visita de duas semanas do líder chinês à Romênia, à Iugoslávia e ao Irã, não apenas representaram uma provocação ao urso soviético, mas anunciaram o início de uma extraordinária era nova de diplomacia personalizada da China, depois de mais de uma década de isolacionismo, se não mesmo de hostil xenofobia. Parecendo muito bem disposto na sua túnica elegantemente bem cortada, Hua, de 57 anos, obviamente deliciou-se com todas essas manifestações. E era natural que assim fosse. Excetuada uma breve visita à Coréia do Norte na primavera passada, esta era a sua primeira visita a países estrangeiros e, para um presidente do Partido Comunista Chinês, a primeira jamais realizada fora da rota de Moscou. A última viagem de Mao Tsé-tung ao exterior fora ao Kremlin, em 1957, quando suas relações com os soviéticos eram ainda corteses.

As hostilidades entre Moscou e Pequim resultaram da clara tentativa chinesa para apresentar-se como uma alternativa ao comunismo soviético no campo internacional em conflito. Certamente, o fato de ter Hua escolhido três países ao flanco sul da União Soviética em nada contribuiu para dissipar as suspeitas russas. Por seu lado, a China tem

DIPLOMACIA

Hua inaugura na Europa nova era nas relações externas da China

estado igualmente preocupada com o expansionismo soviético na Ásia, bem como no nordeste da África e no Iêmen do Sul. Em suma: Pequim tem o maior interesse em cultivar amizades que possam contribuir eficientemente para deter aquela expansão, que está sendo conhecida como "a hegemonia soviética".

Bucareste era logicamente a primeira parada no itinerário de Hua. Com a Albânia ultimamente em turras ideológicas com a China, a Romênia seria o melhor aliado de Hua na Europa Oriental. As relações entre os dois países têm sido cordiais desde o início da década de 1960, quando a Romênia compreendeu que a briga entre a China e a União Soviética lhe dava a oportunidade para firmar sua própria autonomia. Por isso mesmo, foi adequadamente proporcionada a Hua uma ruidosa recepção, embora calculada cuidadosamente para não exceder a que fora dada ao líder do Partido Comunista soviético, Leonid Brejnev, por ocasião de sua última visita a Bucareste. Depois que atravessou as ruas da capital em limusine aberta, entre multidões calculadas entre 250 mil e 500 mil pessoas, Hua realizou conversações privadas com Ceaucescu, devendo em seguida visitar o centro petrolífero de Ploesti, os portos de Constância, no mar Negro, e de Galati, no rio Danúbio, a pequena distância da fronteira soviética.

O lado prático da viagem se concentrou nos aspectos do comércio, da tecnologia e da diplomacia. A Romênia deverá oferecer aos chineses equipamentos de alta qualidade para a perfuração de poços petrolíferos, pagando-os com o fornecimento de petróleo cru. Muito embora o comércio dos dois países tenha aumentado sete vezes desde 1960, vários novos protocolos comerciais estão sendo preparados.

Analistas norte-americanos interpretam a oportunidade da visita de Hua como um desdobramento normal ou uma progressão, depois de mais de uma década de caos, iniciada a revolução cultural de 1966/1969 até à crise que se seguiu à morte de Mao-Tsé-tung em 1976. Disse um especialista do Departamento de Estado: "Suas prioridades poderiam ter sido previstas. Eles realizaram o seu Congresso do Povo e, em seguida, conferências sobre ciência, assuntos militares, finanças e comércio, a fim de ordenar internamente o período pós-Mao. Agora, é natural que se voltem para a política exterior, inclusive para a diplomacia pessoal."

FOI por isso que, no início deste ano, Hua visitou a Coréia do Norte. Dessa viagem resultou decidida melhoria nas relações entre Pequim e Pyongyang. Há duas semanas, os chineses concluíram o há longo tempo adiado Tratado de Paz e Amizade com o Japão, e Hua, inesperadamente, esteve presente à cerimônia de assinatura desse ato, em Pequim.

A viagem de Hua, por outro lado, coincide com o décimo aniversário da invasão soviética da Tchecoslováquia, acerbamente criticada, em 1968, pela Romênia e pela Iugoslávia. Tanto o governo de Bucareste como o de Belgrado fizeram agora o possível para aplacar os russos, declarando que a viagem de Hua nada tem que ver com uma estratégia anti-soviética. Para dissipar os temores russos, Ceaucescu chegou mesmo a telefonar a Brejnev, antes da chegada de Hua.

Contudo, a imprensa soviética fez uma barragem de críticas aos chineses. O *Pravda* atacou Pequim pelo que qualificou de "verdadeira histeria militarista" e "incitamento a uma nova guerra". Num encontro na Criméia, Brejnev e o chefe do Partido Comunista da Bulgária, Todor Zhivkov, assinaram um comunicado conjunto, declarando que "os povos dos países balcânicos não permitirão que essa importante região seja convertida em objeto de intrigas e de ameaças de emprego de força".

Hua encontrou oportunidade para responder a esses ataques durante o banquete oficial em Bucareste. Depois de tocar sua taça na da Sra. Elena Ceaucescu, esposa de seu anfitrião, o visitante chinês fez um brinde e acrescentou, num óbvio ataque a Moscou: "As forças que outrora sonharam estabelecer um império mundial de há muito se converteram em pó, sob os golpes férreos do povo. Hoje, os que ainda pensam em dominar o mundo, mesmo que possam por breves momentos fruir essa loucura, terão inevitavelmente o mesmo destino."

Depois desse soco retórico, Hua partiu da Romênia com destino a Belgrado e a Teerã, onde, além de promover a expansão das trocas comerciais, deverá novamente fazer pouco caso dos sonhos de hegemonia dos soviéticos. E se, nesse campo, não oferecer novas surpresas, sua presença nessas capitais estrangeiras obviamente marca o início de uma nova etapa da diplomacia global. E, se os Estados Unidos romperem suas relações com Formosa, Hua certamente as reatará com Washington. (Time)

Na Praça da Vitória, em Bucareste, Hua Kuo-feng e Ceaucescu dançam com um grupo folclórico romeno. Bucareste recebeu o líder chinês com grandes festas oficiais e populares.

Ao ser inaugurado o sistema hidrelétrico-regulador dos formadores do Paraíba, o mais amplo aproveitamento de rios do país, a técnica e a ecologia passaram a marchar juntas

SÃO PAULO

Complexo Paraibuna-Paraitinga

A DIFÍCIL UNIÃO TECNOLOGIA NATUREZA

Texto de Durval Ferreira
Fotos: em Colorama de Thomas Scheier

A hidrelétrica de Paraibuna, com suas duas unidades geradoras, totalizando 86.000 kW, embora produza energia suficiente para atender uma cidade do porte de Brasília, é uma das menores usinas construídas pela CESP — Centrais Elétricas de São Paulo. Na verdade, essas unidades não chegam a ter um quarto da potência de cada uma das turbinas como as que estão sendo instaladas em outra hidrelétrica da empresa prestes a ser ativada, a de Água Vermelha, no Rio Grande. No entanto, sua inauguração pelo Presidente Ernesto Geisel e pelo Governador Paulo Egydio Martins teve um significado incomum, pela importância que o empreendimento representa.

SEGUE

Luiz Marcello Moreira de Azevedo, presidente da CESP, durante inauguração do Complexo Paraibuna-Paraitinga, discursou na presença do Presidente Ernesto Geisel, do Governador Paulo Egydio Martins e inúmeras outras autoridades.

PARAIBUNA-PARAITINGA RESTABELECE O EQUILÍBRIO ECOLÓGICO

PARA começar, Paraibuna—Paraitinga é um complexo de aproveitamento múltiplo de rios onde a formação de um condomínio empresarial da iniciativa pública — federal e estaduais — e da iniciativa privada realizou uma das mais importantes empreitadas como sócios que, em perfeito entendimento, chegaram a um resultado final dos mais positivos, conforme salientou em seu discurso o presidente da CESP, Luiz Marcello Moreira de Azevedo. Mais importante, porém, é o destino do complexo de reservatórios Paraibuna—Paraitinga, cujos efeitos já começam a se refletir no eixo das duas maiores capitais brasileiras — Rio e São Paulo — e onde se localiza um dos mais extensos e produtivos pólos do desenvolvimento nacional: o do Vale do Paraíba. As barragens domaram as cabeceiras do turbulento rio Paraíba, eliminando suas catastróficas cheias formando um gigantesco reservatório de águas limpas e de primeira qualidade, que poderá reforçar o abastecimento da região e da Grande São Paulo após o ano 2000. Reconstituirão, também, o meio ambiental da serra atlântica, otimizando as condições para o repovoamento da flora e fauna locais e atenuando acentuadamente a degradação dos solos da Serra do Mar, de terrenos de grande longevidade geológica, cuja inconstância é conhecida dramaticamente pelas populações locais e as do litoral paulista, pelas avalanchas causadas pelas grandes chuvas, de efeitos funestos. Igualmente, significam o início do povoamento dos reservatórios com a truta arco-íris, o peixe da mais nobre carne que se conhece, bem como a construção de um largo trecho de moderna rodovia que vence o conturbado relevo local em direção às praias de Ilhabela, São Sebastião, Ubatuba, Parati e toda a beleza da Rio—Santos.

Desse modo, torna-se difícil destacar qual o benefício de maior importância do complexo, já que os benefícios propiciados interagem entre si e representam um todo, produto do avançado estágio de desenvolvimento tecnológico dos recursos da CESP e da engenharia nacional. O certo é que a implantação do complexo Paraibuna—Paraitinga era um velho sonho dos engenheiros brasileiros, tanto pelos benefícios que iria trazer como pelos desafios que apresentava. Para se ter uma idéia de um deles, é bastante destacar a magnitude dos problemas das enchentes do Paraíba, desde as suas nascentes à sua foz, no norte do Estado do Rio de Janeiro. As fotos em infravermelho, feitas por câmaras especiais do Serviço de Sensoreamento Remoto do INPEs — Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, de São José dos Campos, por exemplo, haviam traçado um mapa das devastadoras cheias do rio impossível de ser delineado pelos olhos humanos ou por instrumentos de medição de superfície. Sinuoso e serpenteante, correndo sem freios entre o vale cavado entre duas serras — a do Mar e a da Mantiqueira —, o Paraíba, ao longo do tempo, mudou sucessivamente de leito, como mostram as fotos, espremido pelos corredores cercados de montanhas. Suas águas velozes, além disso, quando enfurecidas pelas grandes chuvas em seus formadores — o Paraibuna e o Paraitinga — voltavam a ocupar também seus antigos leitos e arremetiam desastradamente contra indústrias, lavouras, bairros residenciais e pastagens dos arredores, causando enormes prejuízos a numerosos municípios paulistas, mineiros e fluminenses do vale.

Para enfrentar os desafios foi preciso reunir os esforços e recursos do govern federal, através do DNAEE; dos govern de São Paulo e do Rio de Janeiro; da El trobrás, por intermédio de sua subsidiár Furnas — Centrais Elétricas S.A.; d DAEE, da Secretaria de Obras e d Meio Ambiente de São Paulo e, també da Light — Serviços de Eletricidade S.A cabendo à CESP, além da participação nanceira, por delegação do convênio, administração das obras. Mais de 3 b lhões de cruzeiros tiveram de ser aloc dos. Começou, então, a ser construída mais alta barragem de terra do país, a d Paraitinga, com 104m de altura, junt mente com a de Paraibuna, uma das mai res obras de terraplenagem executad pela CESP, com 33 milhões de metros c bicos de compactação e enrocament Com outros sete diques, as obras armaz nam 59% do volume das águas do Alto P raíba, formando um reservatório de 4,7 bilhões de metros cúbicos de água. O P raíba, ao fluir disciplinadamente até seu encontro com o mar, no Estado d Rio, foi domado. E no reservatório criad de águas limpas e frias, foram lançad mais de 20.000 trutas arco-íris. Outro em preendimento significativo: o capeamen orgânico das áreas de empréstimo foi r movido e preservado para reposição ap o término dos trabalhos, a fim de facilit o repovoamento da mata local que, d outra forma, necessitaria milhares de an para formar outra densa floresta atlântic E com essências florestais cujos frutos, cair nas águas, alimentam peixes rar Sem contar a citada construção de lar trecho da Rodovia SP-99, com 31 km.

NA inauguração, outro pormenor f destacado por Luiz Marcello M reira de Azevedo: o da assinatu de contrato para financiamento d ligação para mais 17.640 propriedades r rais na área de concessão da CESP, ben ficiando mais 160.000 pessoas. O doc mento, sob as vistas do Presidente Geis do Governador Paulo Egydio Martins, Ministro Dyrceu Nogueira e das dem autoridades presentes à cerimônia foi f mado pela CESP, a CPFL — Cia. Paulis de Força e Luz e pelo BADESP — Ban de Desenvolvimento do Estado de S Paulo, o qual concede empréstimo de C 569 milhões para a execução de ma 9.733 km de linhas rurais. Até 1982, p esse novo programa da CESP, deverão s atendidas 175.000 propriedades rura contidas em 62% da área da CESP q abrange 70% do Estado de São Paulo engloba 683 localidades das quais 410 s sedes de município.

A Rodovia SP-99, de 31 km, construída pela CESP, liga S. José dos Campos a Caraguatatuba e todo Litoral Norte.

Com um reservatório de 4,740 bilhões de metros cúbicos de água, o Complexo Paraibuna—Paraitinga reforçará o abastecimento da região e a Grande São Paulo após o ano 2000. Fauna e flora foram recuperadas, restabelecendo o equilíbrio ecológico. Possui a mais alta barragem de terra no país.

A idéia parecia maluca, mas o espírito de aventura de três americanos foi mais forte. Eles tentaram e conseguiram

CINQÜENTA e um anos depois de Charles Lindbergh unir Europa e América num vôo de trinta e três horas sobre o Atlântico, e poucos meses depois desta mesma ligação ser efetuada em apenas três horas e trinta e cinco minutos pelo supersônico Concorde, os americanos Ben Abruzzo, Maxie Anderson e Larry Newman tornam realidade um sonho centenário: a viagem do Novo ao Velho mundo. De Balão.

SEGUE

Reportagem de Hélio Carneiro (Sucursal de Paris)

O balão *Double Eagle II*, imensa estrutura de algodão e tela, da altura de um prédio de 11 andares, foi fotografado na península do Maine, momentos antes de levantar vôo.

EUA-FRANÇA

CINCO DIAS NUM BALÃO

O vôo dos três heróis foi a primeira travessia transatlântica e o mais longo cruzeiro de balão da História

Alain Dejean/Sygma

Quando começou a descer em território francês, depois de um cruzeiro de 138 horas, o *Double Eagle II* permitiu aos seus tripulantes a visão completa do panorama urbanístico. Os balonistas americanos realizavam um velho sonho.

"EM setembro do ano passado, Maxie Anderson e eu procuramos a bordo do *Double Eagle I* realizar a façanha já tantas vezes tentada: ir da América à Europa em um aeróstato" — revela Ben Abruzzo. "Mas tivemos que desistir ao largo noroeste da costa da Irlanda, em virtude do esgotamento de lastro e da reserva de hélio. Quando desci, jurei que nunca mais tentaria a empreitada. Mas o desafio prevaleceu e com a experiência adquirida no vôo anterior, o incentivo e persistência de Maxie e o entusiasmo de Larry Newman decidimos formar uma equipe e tentar outra vez o impossível. Nosso esforço deu certo e de uma só vez marcamos três recordes: a primeira travessia transatlântica América-Europa em balão, o mais longo vôo de balão até hoje registrado (suplantando o recorde anterior em 32 horas) e, por último, o fato de não só aportarmos à Europa como sobrevoarmos a Irlanda, Inglaterra e chegarmos ao objetivo anteriormente estipulado: a França.

A grande aventura dos aeróstatas começou cercada pela indiferença geral no dia 12 de agosto em Presque Isle, no Estado do Maine. Seria mais uma tripulação a tentar, pela décima-oitava vez, a travessia do Atlântico. A primeira tentativa ocorreu em 1873 e a penúltima, há apenas um mês, com uma dupla inglesa caindo no mar, a 200 quilômetros da costa francesa. O que poucos perceberam foi uma pequena, mas importante modificação na estrutura do empreendimento.

SEGUE

Alain Dejean/Sygma

Peter Marlow/Sygma

Ben Abruzzo, Maxie Anderson e Larry Newman desembarcaram exaustos, barbudos, mas felizes. Logo depois, começaria o festival de comemorações que incluiu uma recepção na Embaixada dos Estados Unidos e a alegre companhia das meninas do Lido.

Pierre Vauthey/Sygma

O balão desceu suavemente nos arredores de Evreux, a 100 quilômetros a oeste de Paris. A chegada do aeróstato provocou inesperado *rush* de carros. Grande número de pessoas invadiu o campo de trigo onde ele caíra.

"Cada um de nós descansou cerca de 4 a 5 horas por dia. Assim, ficamos em forma"

Quando cruzava as costas da Inglaterra, o *Eagle II* teve problemas c tempo, que foram superados. Por cautela, os aeronautas tinham fei seu compartimento de fibra de vidro. Insubmergível.

ttie Anderson, Sandra Newman e Pat Abruzzo estavam eufóricas
pois da aventura dos seus maridos. A tensão acabara.

EM vez de uma tripulação de dois homens, desta vez seriam três a tentar a viagem tão nhada. "Nossa experiência terior revelou algo muito portante: só conseguiríaos ter alguma chance de ê o com uma equipe de três ssoas, pois sem descanso nimo necessário chega-se ilmente à exaustão. E foi o e fizemos, conta Ben ruzzo. "Cada um de nós rmiu e descansou uma mé a de 4 a 5 horas por dia e aças a isso conseguimos nos manter em forma e garantir estado de espírito e humor propícios ao sucesso da aventura". Decidido o número de tripulantes, os três experientes balonistas e pilotos Ben Abruzzo, 48 anos, Maxie Anderson, 44, e Larry Newman, 31 — todos de Albuquerque, Novo México, a terras dos balões nos EUA — se puseram a construir o aparelho que exigiu estudos detalhados quanto a desenho e materiais a serem empregados. Surgiu, então, o *Double Eagle II*, — imenso invólucro de algodão e tela revestido de material sintético, da altura de um prédio de onze andares, inflado com 5 mil metros cúbicos de gás hélio. Além de um conduto de escapamento lateral para o equilíbrio de dilatação do corpo do balão. Em nome da prudência, eles desenharam o compartimento da tripulação em forma de barco insubmergível, feito de plástico e fibra de vidro, onde também colocaram duas toneladas de lastro composto de areia e chumbo, indispensável para manobrar dentro das correntes de ar e determinar a altitude desejada do balão de 4,8 toneladas.

"Decidimos através de estimativas meteorológicas que o percurso seria realizado em cinco dias. E tudo saiu quase como planejamos; tivemos um pouco de atraso devido a variações um tanto inesperadas nas altas camadas, e ultrapassamos o tempo estipulado em apenas 17 horas e 6 minutos. O lastro se comportou bem e somente uma vez, na costa da Irlanda, fomos obrigados a enfrentar ventos gélidos que determinaram uma dramática queda em altura. Nesse momento, fomos obrigados a optar pelo que era mais importante dentre os equipamentos de navegação e jogamos muita coisa fora. Conservamos o rádio, instrumento essencial à comunicação entre as várias estações e aeroportos que nos prestavam informações. Guardamos igualmente os alimentos — preparados por nossas esposas —, e as máquinas fotográficas e filmadoras. De modo geral, o vôo foi muito mais fácil que o do ano passado, pois as condições climáticas também estavam a nosso favor. Como disse, só na Irlanda tivemos problemas sérios. Mas guardamos lastro suficiente pois só queríamos aterrissar no ponto estabelecido no projeto."

SEGUE

"Vamos construir outro balão e com ele faremos a volta a[o] mundo. Em apenas 30 dias"

"SUAMOS muito sob o vento gelado, mas a experiência ganha no ano anterior e um providencial sol de meio-dia permitiram o aquecimento do balão que novamente ganhou altura necessária para o prosseguimento da viagem", conta Newman. "Pouco depois desse incidente a torre de comando do aeroporto de Shannon, na Irlanda, nos informava que havíamos batido o primeiro recorde: o de permanência no ar. Novamente, nas costas da Inglaterra, tivemos alguns problemas e chegamos a pensar que teríamos de nos contentar em descer em terras inglesas. Mas nova reviravolta nas condições atmosféricas nos deu a esperança de aterrissar no aeroporto Le Bourget, onde repetiríamos, 51 anos depois, a façanha de Charles Lindbergh."

A essa altura, a agitação em terra era total: todos se preparavam para a recepção aos novos Lindbergh e faziam seus prognósticos sobre o ponto de chegada. As autoridades do aeroporto Le Bourget interditaram todos os vôos; agências de notícias internacionais alugaram helicópteros e aviões que passaram a seguir o balão em pleno vôo; as mulheres dos aeróstatas deixaram Londres e, em avião particular, chegaram a Paris. Às 16h20min, os habitantes do Havre saíram às ruas para aplaudir, emocionados, o balão prateado que, lentamente, surgia dos céus do Canal da Mancha. No entanto, se em terra não se tinha certeza de nada, os pioneiros e heróis do *Double Eagle II* sabiam que o balão não chegaria a Paris, pois o estoque de lastro e gás estava no fim. Suavemente o *Double Eagle II* tocou o solo francês às 19h49min do dia 17 de agosto, sobre um campo de trigo da Normandia. Finda a aventura aérea, os americanos, cansados, barbados, mas exultantes, abriram uma garrafa de champanha trazida a bordo e comemoraram o grande acontecimento. Enquanto isto, massa de curiosos e admiradores tentava, de toda forma, levar para casa um pedaço do balão. Nas estradas que conduziam a Evreux formou-se um enorme engarrafamento e os aeróstatas — sempre protegidos pela polícia — embarcaram num helicóptero que os trouxe finalmente a Paris.

E começou o festival. Ime[d]
tamente conduzidos à Embaix[a]
americana, tiveram de enfren
um pelotão de jornalistas e
flashes além dos amigos e das
rotas do Lido que, vestidas
plumas verdes, deram as bo
vindas *comme il faut*. Depois
a vez do encontro com as resp
tivas esposas, a troca de beijos
partida para o Maxim's, sendo
cepcionados pela Federa
Francesa de Aeróstatos. À se
lhança do que aconteceu c
Charles Lindbergh depois de
histórica viagem, os três balo
tas americanos foram convida
a dormir na embaixada ame
cana, cabendo a um deles
Larry Newman — privilégio
ximo: dormir na mesma cama
Lindbergh. O Presidente Ca
mandou uma mensagem de c
gratulações; o ministro da Juv
tude, Esportes e Lazer da Fra
outorgou-lhes a medalha de o
da Juventude e dos Esportes
República Francesa; Air Fra
faz questão que eles voltem
Estados Unidos pelo Concord
as editoras já os assediam pa
feitura de um futuro *best-selle*

TODOS perguntan
gora por que re
vemos fazer es
travessia de balã
diz Abruzzi. "Tenho pens
muito nisso e acho que o hom
deve sempre lançar um des
ao desconhecido, à fronteira
impossível, vencer qualquer o
táculo. Se esse novo recorde
traz nenhum benefício de ord
material à humanidade, reafi
a certeza de que quando se q
tudo pode ser conseguido.
todas as áreas, em todos os c
pos. De qualquer forma, es
vemos uma página da histór
na França prestamos homenag
à coragem dos irmãos Mont
fier que em 1783 fizeram su
aos ares o primeiro balão.

Quando o balão tocou o s
francês, disse a mim mes
"Esta é a última vez que te
uma viagem dessas. Afinal, e
com 48 anos, tenho quatro fil
Mas hoje, ao recordar, acen
em mim e em meus compan
ros um projeto igualmente au
cioso. Vamos agora const
outro balão e com ele farem
volta ao mundo. Não em 80 d
Mas apenas em 30."

Cartografia